



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

LISIMÉRE CORDEIRO DO VALE XAVIER

**O REISADO BOI CORAÇÃO: TESOIRO VIVO NO CONTEXTO
DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE OCARA, CEARÁ**

FORTALEZA

2019

LISIMÉRE CORDEIRO DO VALE XAVIER

O REISADO BOI CORAÇÃO: TESOURO VIVO NO CONTEXTO
DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE OCARA, CEARÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-
-Graduação em Educação Brasileira, da
Universidade Federal do Ceará, como parte
dos requisitos para a obtenção do título de
Doutora em Educação. Área de concentração:
Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pela autora

X21r Xavier, Lisimére Cordeiro do Vale.
 O Reisado Boi Coração: tesouro vivo no contexto da cultura e da educação na
 cidade de Ocara, Ceará / Lisimére Cordeiro do Vale Xavier – 2019.
 157 f.: il. color.

 Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Pro-
 grama de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.

 Área de concentração: Educação Brasileira.

 Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

1. Reisado Boi Coração. 2. Cultura. 3. Educação. 4. Ocara-CE. I. Título.

O REISADO BOI CORAÇÃO: TESOURO VIVO NO CONTEXTO
DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE OCARA, CEARÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 18 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Rogério Santana
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Sinara Mota Neves de Almeida
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof.^a Dr.^a Elisângela André da Silva Costa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço ao Deus de Abraão, Isaac e Jacó, ao qual sirvo por misericórdia e por graça divina.

À minha avó materna, “Dindinha”, com quem tive o privilégio de conviver e de quem pude ouvir muitas estórias da cultura popular brasileira que até hoje inspiram e alegram meus dias.

Ao meu avô paterno, “Neném Ângelo”, que me possibilitou uma feliz convivência com a cultura popular.

À minha mãe, “Maria Nilda”, que sempre me propiciou e incentivou a estudar e me ensinou a viver com coragem e dignidade as agruras da vida.

Ao meu neto, “Maycon Davi”, que, com seu carinho e com seu sorriso, torna nossos dias repletos de alegria.

Aos meus filhos, “Márlon Róger Cordeiro Lima” e “Maria Ravelli Cordeiro Xavier”, que me fazem acreditar em dias melhores.

Aos irmãos e irmãs em Cristo, pelo amor fraterno e pelas orações nos momentos mais difíceis.

À ex. prefeita de Ocara, Vânia Clementino, pelo apoio e lição de amizade.

Ao amigo e ex-aluno José Adairton Freire, pela amizade.

Ao Grupo de Reisado Boi Coração da cidade de Ocara, pela colaboração e pela atenção prestimosa.

À Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa, pela forma de educar.

Ao povo de Ocara e aos colegas de trabalho da prefeitura, pela disponibilidade valiosa.

Às professoras Sinara Mota Neves de Almeida e Elisângela André da Silva Costa, pelo carinho e pela contribuição oportuna.

À Antônia Gardânia dos Santos, pelo apoio e pela grande contribuição nos trabalhos de campo.

Aos professores e colegas do grupo de pesquisa Núcleo de História e Memória da Educação (Nhime) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Aos professores orientadores Rui Martinho Rodrigues, José Gerardo Vasconcelos e Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior e, pelo apoio e pela confiança que possibilitaram a efetivação deste trabalho.

A todos os professores, funcionários e colegas do doutorado da Faculdade de Educação (Faced) da UFC, pelo valioso convívio.

“Cultura popular é a que vivemos. É a cultura tradicional e milenar que nós aprendemos na convivência doméstica. A outra é a que estudamos nas escolas, na universidade e nas culturas convencionais pragmáticas da vida. Cultura popular é aquela que até certo ponto nós nascemos sabendo. Qualquer um de nós é mestre, que sabe contos, mitos, lendas, versos, superstições, que sabe fazer caretas, apertar mão, bater palmas e tudo quanto caracteriza a cultura anônima e coletiva.” (CASCUDO, 1972, s.p.).

RESUMO

Tem-se como razão motivadora ou problemática geradora a preocupação pujante sobre a preservação, ampliação e divulgação do Reisado Boi Coração como parte integrante e integradora do patrimônio cultural popular e educacional de Ocara, Ceará. Considera-se relevante a necessidade de se compreender em que medida a cultura do Reisado Boi Coração coopera com os processos formativos informal, não formal e formal dos cidadãos ocarenses. Essa problemática foi e é premissa fundante para o desenvolvimento desta pesquisa, que se justifica pelo interesse pessoal, profissional e acadêmico e pela viabilidade temática diante do exercício e do compromisso docente, que imprescindivelmente não se desvincula do exercício político-pedagógico que reconhece o problema da invisibilidade da cultura popular em razão dos muitos desafios e atrativos econômicos, midiáticos e tecnológicos impostos pelos tempos atuais em virtude das realidades e interesses hegemônicos. Destarte, seguiu-se como fio condutor a seguinte proposição: qual a valoração atribuída ao referido folguedo para educação, identificação e sentimento de pertença da cultura local? Elencou-se como objetivo principal: compreender a prática do Reisado Boi Coração como patrimônio cultural e educacional, observando também como se dão a preservação e a conservação dessa cultura na comunidade local. Os procedimentos metodológicos foram os próprios das ciências humanas e sociais. O método aproximou-se do fenomenológico-hermenêutico de gênero empírico por meio da pesquisa de campo. Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, classificada como básica estratégica de abordagem qualitativa, tendo como procedimento técnico o estudo de caso etnográfico no âmbito da microcultura. As técnicas empregadas para coleta de dados foram: entrevistas, observação participante, análise de documentos e história oral complementada com imagens e diário/notas de campo. Empregou a análise descritiva como técnica de análise de dados (informações). Como referencial teórico, recorreu-se, dentre outros/as, a autores(as) como: Abbagnano (2007); André (1995); Barroso (2008); Bauman (2013); Bogdan e Biklen (1994); Cascudo (1972, 2003); Cavalcanti (2000, 2006a, 2006b); Certeau (1998); Chartier (1990); Chizzotti (2011); Eliade (1992); Geertz (1973); Gil (2008); Gohn (1999, 2011); Hall (2003); Horta, Grunberg e Monteiro (2006); Laburthe-Tolra e Warnier (2010). Constatou-se que a cultura do Reisado Boi Coração está vívida na história e na memória cotidiana dos habitantes de Ocara, que a conhecem e a reconhecem para além da visualidade material. O grupo constitui patrimônio de significados ímpares para os praticantes, participantes e comunidade em geral de Ocara.

Palavras-chave: Reisado Boi Coração. Cultura. Educação. Ocara-CE.

ABSTRACT

The present thesis research has as a motivating or problematic cause generating the growing concern about the preservation, expansion and dissemination of Reisado Boi Coração as an integral and integrating part of the popular and educational cultural heritage of the municipality of Ocara, Ceará. This concern was and is a fundamental premise for the development of this research that is justified by professional personal interest, thematic feasibility and relevance. In this way, the following proposition was followed as a guideline: what is the value attributed to Reisado Boi Coração's devotion to identification and feeling of belonging to the local culture? Aiming to attend to the postulates of the problematic in allusion was listed as main objective: to understand and at the same time demonstrate the practice of Reisado Boi Coração as a local cultural and educational heritage. Therefore, the methodological procedures adopted for the construction of this research are those of the human and social sciences. As for the method, it approached the phenomenological-hermeneutic of the empirical genre through field research. The objective is a descriptive-exploratory research. Regarding nature, research is classified as a strategic basic qualitative approach. Regarding the technical procedure, the ethnographic case study in the field of microculture prevails. The techniques used for data collection were: semi-structured interviews, participant observation, document analysis and oral history supplemented with images and the diary / field notes as a research tool. Data analysis techniques (information) were used to analyze the discourse. Concerning the theoretical reference, we have used, among others, authors such as: Abbagnano (2007); André (1995); Barroso (2008); Bauman (2013); Bogdan and Biklen (1994); Cascudo (1972, 2003); Cavalcanti (2000, 2006a, 2006b); Certeau (1998); Chartier (1990); Chizzotti (2011); Eliade (1992); Geertz (1973); Gil (2008); Gohn (1999, 2011); Hall (2003); Horta, Grunberg and Monteiro (2006); Laburthe-Tolra and Warnier (2010). It could be stated, a priori, that the culture of Reisado Boi Coração is vivid in the history and in the daily memory of the inhabitants of Ocara, who recognize it beyond material visibility. Reisado Boi Coração is included in the immaterial heritage of odd meanings for practitioners, participants and the general community of the municipality of Ocara.

Keywords: Reisado Boi Coração. Culture. Education. Ocara-CE.

RESUMEN

La presente investigación de tesis tiene como razón motivadora o problemática generadora la preocupación pujante sobre la preservación, ampliación y divulgación del Reisado Boi Coração como parte integrante e integradora del patrimonio cultural popular y educativo del municipio de Ocara, Ceará. Esta preocupación fue y es premisa fundante para el desarrollo de esta investigación, que se justifica por el interés personal, profesional, viabilidad temática y relevancia. De este modo, se siguió como hilo conductor la siguiente proposición: ¿cuál es la valoración atribuida al folgado Reisado Boi Coração para identificación y sentimiento de pertenencia de la cultura local? Con el fin de atender a los postulados de la problemática en alusión, se elencó como objetivo principal: comprender y, al mismo tiempo, demostrar la práctica del Reisado Boi Coração como patrimonio cultural y educativo popular local. Para ello, los procedimientos metodológicos adoptados para la construcción de esta investigación son los propios de las ciencias humanas y sociales. En cuanto al método, se aproximó al fenomenológico-hermenéutico de género empírico por medio de la investigación de campo. En cuanto al objetivo, se trata de una investigación descriptivo-exploratoria. En cuanto a la naturaleza, la investigación se clasifica como de base estratégica de enfoque cualitativo. Con respecto al procedimiento técnico, prevalece el estudio de caso etnográfico en el ámbito de la microcultura. Las técnicas empleadas para la recolección de datos fueron: entrevistas semiestructuradas, observación participante, análisis de documentos e historia oral complementada con imágenes y el diario / notas de campo como instrumento de investigación. En cuanto a las técnicas de análisis de datos (informaciones), se empleó el análisis del discurso. En cuanto al referencial teórico, se recurrió, entre otros, a autores como: Abbagnano (2007); André (1995); Barroso (2008); Bauman (2013); Bogdan y Biklen (1994); Cascudo (1972, 2003); Cavalcanti (2000, 2006a, 2006b); Certeau (1998); Chartier (1990); Chizzotti (2011); Eliade (1992); Geertz (1973); Gil (2008); Gohn (1999, 2011); Hall (2003); Horta, Grunberg y Monteiro (2006); Laburthe-Tolra y Warnier (2010). Se pudo constatar, *a priori*, que la cultura del Reisado Boi Coração está viva en la historia y en la memoria cotidiana de los habitantes de Ocara, que la reconocen más allá de la visualidad material. El Reisado Boi Coração pasa a estar incluido en el patrimonio inmaterial de significados particulares para los practicantes, participantes y comunidad en general de Ocara.

Palabras clave: Reisado Boi Coração. Cultura. Patrimonio. Educación. Ocara-CE.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Mapa da cidade de Ocara.....	23
Figura 2	– Índios Yawalapítia – Parque indígena do Xingu.....	24
Figura 3	– Praça da Matriz de Ocara por ocasião de seu 28º aniversário no ano de 2015.....	24
Figura 4	– Apresentação de reisado de terreiro (Boi Coração) na casa do senhor Antonino Correia.....	62
Figuras 5-6	– Apresentações do Boi Catavento: atividades do Projeto Boi Catavento.....	67
Figura 7	– Caixa Cultural Fortaleza.....	68
Figura 8	– Apresentação de teatro de boneco do Projeto Escola Catavento 1.....	69
Figura 9	– Realização de teatro de boneco do Projeto Escola Catavento.....	69
Figura 10	– Projeto Boi Coração Revive Boi Tungão.....	70
Figura 11	– Apresentação de reisado de terreiro na comunidade de Vila São Miguel em Ocara 1.....	71
Figura 12	– Apresentação de reisado de terreiro na comunidade de Vila São Miguel em Ocara 2.....	71
Figura 13	– Apresentação de teatro de boneco do Projeto Escola Catavento 2.....	72
Figura 14	– Mestre Luciano ensinando os alunos da Escola Catavento a fazerem bonecos (fantoques) 1.....	73
Figura 15	– Mestre Luciano ensinando os alunos da Escola Catavento a fazerem bonecos (fantoques) 2.....	73
Figura 16	– Mestre Luciano em atividade (oficina) na produção de fantoches do Grupo Boi Coração.....	74
Figura 17	– Luciano Correia à direita; Antonino Correia, ao centro; e a esposa do senhor Antonino Correia, à esquerda, no reisado de terreiro na casa do senhor Antonino.....	78
Figura 18	– A dança do Boi Coração acompanhada de personagens satíricos. Público formando uma roda em volta do boi. Reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia.....	79
Figura 19	– Crianças, jovens e idosos assistindo à apresentação do Boi Coração no terreiro da casa do senhor Antonino Correia.....	79
Figura 20	– Antônio Laudénir dos Santos (Denir).....	80
Figura 21	– Miliane Silva Santos.....	81

Figura 22	– Adailson Queiroz da Silva.....	81
Figura 23	– Adriele Queiroz da Silva	82
Figura 24	– Andreza Queiroz da Silva.....	83
Figura 25	– Maristela Mendes Lopes.....	83
Figuras 26-27	– Otacílio Batista Lopes (Mosquito), à esquerda, e José Nilo Mendes (Zé Nilo), à direita.....	84
Figura 28	– Carta de mestre Luciano	85
Figura 29	– Mestre Luciano com o facão na mão direita no ritual da matança do boi. Reisado de Terreiro na casa do senhor Antonino Correia.....	88
Figura 30	– Lisimére Cordeiro do Vale Xavier entrevistando o mestre Luciano.....	88
Figura 31	– Mestre Luciano participando da XI Mostra Estadual Natal de Luz	92
Figura 32	– XI Mostra Estadual Natal de Luz (Boi Coração) 1	93
Figura 33	– XI Mostra Estadual Natal de Luz (Boi Coração) 2	95
Figura 34	– Diploma concedido ao Grupo de Reisado Boi Coração	95
Figura 35	– Imagem da sanfona ou acordeona	96
Figura 36	– Reisado Boi Coração. Apresentação de reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia 1	96
Figura 37	– Reisado Boi Coração. Apresentação de reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia 2	97
Figura 38	– Personagem do Babau durante apresentação no reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia	98
Figura 39	– Moleque responsável por coordenar as animações e as doações. Apresentação de reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia ..	98
Figura 40	– Apresentação da Ema durante reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia	98
Figura 41	– Antônio Batista de Oliveira e Antônia Gardânia dos Santos Souza, coordenadora do Projeto Grupo de Reisado Boi Esperança.....	102
Figura 42	– Reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia. Dança do Caboclo com a boneca Joana durante a apresentação do Boi Coração	105
Figura 43	– Ritual de matança do Boi Coração. Reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia	106
Figura 44	– Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa em Boa Esperança, Ocara	108

Figura 45	– Quadro de funcionários da Escola Raimundo dos Santos Lessa e membros da Secretaria de Educação de Ocara e do Grupo de Reisado Boi Coração na oportunidade da culminância do Projeto Reisado Boa Esperança.....	115
Figura 46	– Aucileide Lúcio da Silva, à esquerda, de chapéu, e Antônia Gardânia dos Santos Souza, à direita, de tiara.....	116
Figura 47	– Alunos da Escola Raimundo dos Santos Lessa durante rodas de conversa	126
Figura 48	– Daniel da Silva Pinheiro.....	131
Figura 49	– Wilker Batista de Oliveira.....	132
Figura 50	– Apresentação do Reisado Boi Esperança (damas/rainhas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa.....	133
Figura 51	– Apresentação do Reisado Boi Esperança (Boi Esperança e Mateus/vaqueiro) na Escola Raimundo dos Santos Lessa.....	133
Figura 52	– Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (damas/rainhas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa.....	135
Figura 53	– Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (damas, vaqueiro, burrinha) na Escola Raimundo dos Santos Lessa.....	135
Figura 54	– Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (macaco, Boi Esperança, caretas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa.....	136
Figura 55	– Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (índia, Boi Esperança, Catirina, caretas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa.....	136
Figura 56	– Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (Mateus, ema, Caretas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa.....	137
Figura 57	– Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (Boi Esperança, urubu, caretas, damas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa.....	138
Figura 58	– Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (Boi Esperança, burrinha incrementada) na Escola Raimundo dos Santos Lessa.....	138
Figura 59	– Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança na Escola Raimundo dos Santos Lessa.....	139
Quadro 1	– Mapa curricular - Ensino fundamental 2013 - Áreas / Disciplinas.....	124

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	O CENÁRIO DA PESQUISA E AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	23
2.1	O cenário da pesquisa.....	23
2.2	Estratégias metodológicas: o método, o gênero, o objetivo, a abordagem e a natureza da pesquisa.....	26
2.3	Do procedimento técnico-metodológico: o procedimento, as fontes, os instrumentos de coleta, as técnicas de análise e a descrição da pesquisa.....	31
3	A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO INSTRUMENTO E RECURSO METODOLÓGICO NO CONTEXTO DE SUAS PRÁTICAS	41
3.1	A Educação Patrimonial, expressão e prática artística e popular.....	41
3.2	A Educação Patrimonial como instrumento na formação e construção de saberes	43
3.3	A Educação Patrimonial como bem cultural nacional, regional e local.....	46
4	REISADO: DEFINIÇÃO, DESCRIÇÃO E ALGUNS APORTES HISTÓRICO-EPISTEMOLÓGICOS.....	51
4.1	O reisado ou folia de reis como festa popular tradicional.....	51
4.2	Reisado: principais características, personagens e indumentárias	54
5	O REISADO BOI CORAÇÃO: “TESOURO VIVO” DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO OCARENSE: MEMÓRIAS E NARRATIVAS	60
5.1	O reisado em Ocara: práticas educativas formais e não formais.....	60
5.2	Memórias e narrativas do reisado: tradição que atravessa gerações	76
6	CULTURA, EDUCAÇÃO E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL RAIMUNDO DOS SANTOS LESSA.....	107
6.1	O reisado como instrumento político-pedagógico na Escola Raimundo dos Santos Lessa	108
6.2	O Grupo de Reisado do Boi Esperança: da relação com o saber às práticas educativas	122
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
	REFERÊNCIAS	145

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	154
APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS	155
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PUBLICAÇÃO DE ENTREVISTAS DE PESQUISA.....	156
ANEXO A – DECLARAÇÕES DE REVISÃO DO VERNÁCULO E DE NORMALIZAÇÃO.....	157

1 INTRODUÇÃO

“A cultura popular é a criança que continua em nós, em nossa formação cultural e social. Tudo numa paralela: de um lado, as superstições, os mitos e as histórias que nossa mãe nos contou, de outro o que aprendemos na escola, no dia a dia da cidade, as viagens e as máquinas. A cultura primitiva prolonga-se na cultura geral e nunca desaparecerá.” (CASCUDO, 1972, s.p.).

Antes de qualquer abordagem ou postura ideológica em relação a esta escrita que possa levar a infundáveis discussões sobre o conceito, definição e epistemologia de cultura popular, deixa-se posto que não se emprega a expressão “cultura popular” nesta pesquisa de tese de forma contrastiva entre dois extremos: culta/popular, letrada/iletrada, refinada/rude, moderna/tradicional, atual/atrasada, etc., apesar da herança colonial que marca profundamente a cultura e a formação da sociedade brasileira de uma forma dual e dicotômica. Nesse sentido, coaduna-se com a ideia “[...] de que não é possível separar cultura popular e cultura de elite de maneira fixa, congelada e polarizada”, uma vez que “[...] ambas as formas se comunicam e, sobretudo, são polissêmicas, mutantes, forjadas por mediações, atualizadas e reatualizadas” conforme o contexto histórico (DOMINGUES, 2011, p. 416).

Cultura popular nesta pesquisa não é referenciada como subalterna ou de menor valoração, pois sabe-se que tem como marca a resistência aos estigmas de interesses dominantes e ataques mercadológicos de tentativa de dissipação e mesmo destruição dela. Estende-se na esteira da liberdade de pensamento, estética, estilo e inspiração contemplativa, em que todas as pessoas podem ter acesso a um bem/patrimônio cultural simbólico, identitário, representativo e referencial, embora se reconheça que o Brasil apresenta uma herança de dominação cultural estigmatizante, haja vista que historicamente cultura e educação nestas terras são bens e valores profundamente marcados “por múltiplas hierarquias e desigualdades” e que a ideia de “cultura” – antes de tudo associada à sofisticação, à erudição e à educação formal –, uma vez aproximada à categoria “popular”, produz uma estranha dissonância” (SILVA, 2008, p. 7). Contudo, não se pode negar que nos últimos anos tem havido um esforço por parte do poder público brasileiro em reconhecer e prestigiar a cultura popular brasileira em virtude das demandas e exigências de políticas de reconhecimento da diversidade cultural em vários âmbitos da sociedade.

Nesse sentido, a presente tese consiste na apresentação sobre o Reisado Boi Coração como expressão cultural popular tradicional no município de Ocara, no interior do estado do Ceará. O município de Ocara é considerado um celeiro vivo da cultura popular

tradicional, apresentando diversidade expressiva que se materializa em festas e brincadeiras, tais como a Festa de Finados (atualmente Festa das Almas), apresentações de mamulengos, poetas populares, cordelistas, violeiros e reisado¹. Como visto, são muitas as opções no tocante às manifestações culturais populares no lócus da pesquisa. Todavia, toma-se como objeto de estudo e pesquisa apenas o Reisado Boi Coração como expressão cultural popular tradicional na referida cidade, na busca de se compreender de modo apropriado as relações dessa expressão popular como patrimônio cultural educacional de Ocara. Assim, a cultura do Reisado Boi Coração é elencada neste estudo em função de sua relação com a cultura popular tradicional, estendendo-se também à educação informal², não formal³ e formal⁴.

Intenta-se ampliar e divulgar o Reisado Boi Coração em Ocara, buscando-se identificar, descrever e interpretar como essa cultura colabora com os processos formativos e educacionais dos cidadãos ocarenses no âmbito informal, não formal e formal. Concebe-se tal expressão cultural como forma integrante e integradora do processo de reconhecimento e pertencimento identitário de brincantes, participantes e comunidade local em geral. As pesquisas em espaços microssociais se tornam uma potente alternativa de identificação, estímulo e valoração das diversas práticas culturais e educacionais que vem à tona com maior intensidade na medida em que haja conscientização.

O Reisado Boi Coração em Ocara é relevantemente um bem cultural e um bem educacional. Os bens culturais e educacionais, sejam eles de natureza material ou imaterial, são portadores de história e de memória, com suas referências, práticas e identificações de uma coletividade. Nesse sentido, os modos de ser e viver de uma comunidade podem ser

¹ O reisado: “É uma das pantomimas folclóricas mais ricas e mais apreciadas, principalmente no Nordeste. Faz parte do repertório das Festas Jesuínas, e é apresentado de 24 de dezembro a 6 de janeiro, isto é, pelo Natal, Ano Bom e Reis. O Reisado é formado por um grupo de foliões, de pastores e pastoras que se reúnem numa espécie de rancho, com o fim de visitar as casas das pessoas mais gradas e hospitaleiras da região, a cantar e a dançar” (CORDEIRO, 2009, s.p.).

² Educação informal: “[...] aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados” (GOHN, 2006, p. 28). “A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com o seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas” (LIBÂNEO, 2010, p. 31).

³ Educação não formal: “[...] há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. É aquela que se aprende no mundo da vida, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em aspectos e ações coletivas cotidianas” (GOHN, 2006, p. 29).

⁴ Educação formal: “[...] aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados. É metodicamente organizada. Ela segue um currículo, é dividida em disciplinas, segue regras, leis, divide-se por idade e nível de conhecimento” (GOHN, 2006, p. 29).

representados pelas diferentes manifestações cultivadas e efetuadas em suas práticas culturais e educacionais de se criar e fazer cotidianamente.

A problemática desta pesquisa está ancorada na compreensão da história e memória da cultura do reisado e suas implicações no que concernem à sua preservação e conservação. Destarte, “[...] uma problemática é fundamental para a História [...] da prática historiográfica profissional. Qualquer gênero historiográfico – da história das civilizações à biografia – pode ser percorrido a partir de um problema” (BARROS, 2011, p. 163).

Quando se tenta formular claramente um problema de pesquisa, percebe-se que há uma vinculação entre teoria e prática. À proporção que os vários aspectos da questão vão se tornando mais nítidos, descobre-se que o conhecimento humano não existe em nenhum grau se desligado da prática social. (DAMASCENO; SALES; ALMEIDA, 2016, p. 27).

O problema esboçado nesta pesquisa foi e é premissa fundadora para o seu desenvolvimento. Essa preocupação ou inquietação não é nova, sobretudo quando a abordagem foca a realidade da cultura popular tradicional no contexto educacional em caráter notadamente local. Não há como negar ou ignorar que, apesar do avanço das políticas públicas culturais, o Brasil ainda apresenta como legado um colonialismo cultural interno intenso, que deságua na exclusão em muitas outras esferas da vida social.

Assim, a lógica dominante que hierarquiza, a partir do valor financeiro e do mercado, as diversas formas de expressão simbólica no país em que vivemos, reproduz também estas desigualdades em outras tantas escalas. Regiões do país, como o Sul-Sudeste, onde estes mercados são mais pujantes, concentram uma produção cultural mais vinculada à indústria cultural transnacional, para a qual são canalizados os principais recursos e investimentos disponibilizados pelo Estado. Este ‘colonialismo cultural’ interno se materializa no fato de que a maioria das manifestações identificadas como ‘populares’ ocorre hegemonicamente em outros lugares, fora do eixo Rio-São Paulo, onde estão concentrados os principais meios de difusão. A relação entre cultura popular e poder no Brasil, portanto, passa quase sempre primeiro pela região, depois pelo Estado, pelo município e, na maior parte das vezes; somente lá no distrito, isolados em lugares extremos do território brasileiro, estão os grupos artísticos de criação popular. Essa mesma estrutura desigual de poder se reproduz no interior das grandes cidades, geralmente habitadas nas suas periferias por migrantes que bravamente recriam as manifestações tradicionais de sua cultura. Nessas comunidades, lá onde quase não chegam recursos e apoio do Estado, a relação entre ‘cultura’ e poder é, então, a mesma. Configura uma equação inequívoca – criação artística popular e pobreza material/fraqueza política. (SILVA, 2008, p. 7-8).

Conforme Gonçalves (2009a), o desprezo à cultura popular tradicional no Brasil vem de longe, a ponto de haver intelectuais que se coadunavam com a ideia de que as manifestações desse tipo de cultura atrasavam o desenvolvimento do país e pertenciam à “mente primitiva, rude, ignorante, carente de uma percepção objetiva e racional do mundo” e

estariam fadadas ao desaparecimento para darem lugar a um tipo de “pensamento e comportamento” superiores e civilizados que seriam naturalmente determinados.

Esse universo de práticas e de crenças populares era mesmo considerado por muitos intelectuais como um obstáculo ao progresso social e intelectual do país. É necessário assinalar ainda que, para a maioria desses intelectuais, a própria noção de ‘cultura’ não diferenciava da noção de ‘raça’ e, portanto, a inferioridade cultural era equacionada a uma inferioridade de natureza biológica. A ‘mestiçagem’ entre brancos, negros e índios era diagnosticada como a causa principal dessa suposta inferioridade. (GONÇALVES, 2009a, p. 178).

A visão desprezível e equivocada pela cultura popular esteve presente não somente na mente dos “reinóis” e “homens bons” do período colonial. Essa visão negadora e denegridora das práticas culturais comuns adentrou fortemente na *intelligentsia* brasileira da segunda metade do século XIX de tal forma que pensadores como Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Oliveira Viana e Nina Rodrigues se limitaram a estudar o arcabouço da cultura popular da nação na “[...] perspectiva evolucionista, a partir da qual as formas de vida e valores associados ao folclore e às culturas populares eram entendidas como ‘sobrevivências’ de uma etapa inferior e ultrapassada de evolução cultural da humanidade” (GONÇALVES, 2009a, p. 178).

É contra essa ignomínia despudorada em desfavor da alma identitária brasileira que o Movimento Modernista cultural, artístico e literário, iniciado em 1920 e liderado por alguns expoentes sensíveis à tragédia de não reconhecimento da ossatura cultural da nação, manifesta-se por intermédio de seus representantes, tais como Mário de Andrade e Oswald de Andrade (da chamada fase “Heroica” do Movimento – 1922-1930); Gilberto Freyre (da fase de “Consolidação” do Movimento – 1930-1945) e Luís da Câmara Cascudo (da fase “Heroica” à fase “Pós-Modernista” do Movimento – 1945-1980).

Cascudo, considerado como o procurador da alma brasileira, manteve-se vigilante o tempo todo em defesa da cultura popular tradicional, considerada por ele como a essência da identificação das pessoas não somente em caráter de Brasil, como queriam alguns de seus antecessores e pais. Embora reconhecesse as peculiaridades que as formas e conteúdos do “[...] folclore e das culturas populares assumem no contexto brasileiro, ele as entendia como parte de um processo de criação e difusão universal, próprio da humanidade como um todo, e não um processo essencialmente brasileiro” (GONÇALVES, 2009a, p. 179).

Cascudo não desenvolveu teorias analíticas, e sim estudos empíricos, primando pela identificação, registro, descrição e reconhecimento da cultura popular tradicional como forma de vida sociocultural em cada grupo social. Esses registros estão cravados “[...] em seus textos etnográficos pela presença de numerosas categorias nativas, palavras, expressões,

objetos materiais, técnicas corporais, práticas sociais ou rituais e narrativas do cotidiano [...] com os quais conviveu pessoalmente” (GONÇALVES, 2009a, p. 182).

Com efeito, atualizando o problema da invisibilidade da cultura popular tradicional, é oportuno e se dá em razão ainda de os tempos atuais se apresentarem em forma de “tempos líquidos”, em que os laços relacionais são momentâneos, frágeis, volúveis e efêmeros e de os costumes, tradições e práticas culturais estarem sendo afetados e menosprezados pelas ações da sociedade de um mundo passageiro em constantes transformações (BAUMAN, 2013). Em um mundo em constante mutação, veloz e dinâmico real ou virtualmente, no qual:

[...] a cultura fica refém do consumo, do iminente lucro e da satisfação do cliente, limitando também a criação do artista ao mercado. Para estimular a autonomia das artes e da cultura, Bauman propõe que o Estado promova o encontro entre artistas e o público, incentivando atividades artísticas locais e garantindo subsídios à criatividade cultural. (PONTES, 2014, p. 5).

É nesse estado de coisas, em que as efemeridades e os artefatos eletrônicos substituem as práticas e costumes tradicionais, que se lança defensiva da importância do reconhecimento, preservação e conservação da cultura popular como fonte identitária, de pertencimento e resguardo da história e memória de uma comunidade, grupo social e demais coletividades humanas. Desse modo, a partir dessa preocupação, surgem as seguintes indagações: em que medida a cultura do Reisado Boi Coração se constitui como elemento presente no processo formativo e educacional dos cidadãos ocarenses? Qual a valoração atribuída ao folguedo Boi Coração para identificação e sentimento de pertença? Como e quais as implicações de sua prática, preservação e conservação como patrimônio cultural e educacional popular para os habitantes do município de Ocara?

As razões justificadoras da presente pesquisa são determinantes como suporte e/ou endossam e *paradigmatizam* o desenvolvimento estratégico e teórico-epistemológico-metodológico desta. Esse empreendimento perscrutador ocorre em torno de algumas premissas que se justificam nomeadamente pelo interesse pessoal, pela relevância social e pelo interesse no âmbito da pesquisa científica, predominantemente de cunho etnográfico nessa seara do conhecimento da cultura popular tradicional, pois, para esta pesquisadora:

[...] as diversas formas do folclore e das culturas populares existem no presente, e não como supostas ‘sobrevivências’ de um passado ‘primitivo’; afetam a vida cotidiana das pessoas, orientam-lhes as escolhas e imprimem sentido a suas experiências. E aqui reside, em grande parte, a atualidade de sua obra. Em outras palavras, para ele, o folclore, as culturas populares estão presentes no corpo, no comportamento, no paladar, nos gestos, nos sentimentos mais íntimos dos seres humanos, manifestando o que ele chamou de ‘a contemporaneidade dos milênios’: elementos arcaicos se fazem presentes na contemporaneidade enquanto ‘ruínas vivas’. (GONÇALVES, 2009a, p. 180).

O interesse pessoal em realizar esta pesquisa se dá também em virtude de esta pesquisadora ter residido em Ocara durante 19 anos (1995-2014), tendo contato direto com as práticas, praticantes e participantes do folguedo, especialmente do Reisado Boi Coração. O interesse é reiterado também pelo fato de a pesquisadora ser professora na rede pública de ensino fundamental de Ocara até o presente momento (1995-2019) e perceber a relevância da cultura do Reisado Boi Coração no campo educacional, inclusive tendo participado de atividades socioculturais e educacionais envolvendo o referido folguedo. O diverso e rico universo cultural e educacional despertou o interesse da pesquisadora pela temática e pelo talento de muitos artistas ocarenses e notadamente pelas práticas artístico-culturais do Boi Coração *in loco*. A construção desta investigação configura-se também como resistência, contributo, exercício de reflexão crítica e ainda compromisso político-pedagógico diante de práticas voltadas cada vez mais à homogeneização de culturas, valores e costumes que circulam em torno de interesses políticos e ideológicos permeados e forjados por interesses econômicos típicos da contemporaneidade.

Ademais, registre-se também que as práticas culturais populares tradicionais estiveram bastante presentes na realidade e vivência desta pesquisadora, as quais incrementaram a sua formação e o seu universo cultural e educacional. A contação de histórias da literatura popular por sua avó materna, o drama protagonizado pelos mamulengos na casa de seu avô paterno, as cantorias de viola e os repentistas, o circo improvisado pelo primo mais velho, a sanfona de seu pai, enfim, essas influências e experiências consideráveis instigam e provocam nesta professora-estudante o desejo de realizar o curso de doutorado em Educação na Universidade Federal do Ceará (UFC), que oportunamente desenvolve pesquisa em História e Memória da Educação Brasileira. Como assevera Cascudo (2012, s.p.), “Se não nos é possível atinar para que vivemos, todo o esforço consciente é tentar sentir o como viveram e vivem em nós as culturas interdependentes e sucessivas, de que somos portadores, intérpretes, agentes e reagentes no tempo e no espaço”.

No que diz respeito à relevância social, este estudo considera preponderante a contribuição desta pesquisa na busca da compreensão da cultura do Reisado Boi Coração como expressão cultural e educacional popular tradicional e já considerada tesouro vivo reconhecido pelo governo estadual do Ceará desde o ano de 2013.

Consideram-se ainda significativos a identificação, o registro, a descrição e a interpretação epistêmica da história e da memória do reisado em Ocara como cultura popular tradicional que educa, pois se sabe que essa cultura constitui-se como um dos principais folguedos populares tradicionais que se destacam no campo da educação informal, não formal

e formal em todo o município de Ocara. Destarte, foi considerada a necessidade de se resguardar a história e a memória dessa manifestação artística como certidão de destaque da arte e dos artistas que a praticam. Assim, possibilitaram-se não só a compreensão, a identificação, o registro, a descrição e a interpretação dessa cultura, como também o reconhecimento do reisado, de maneira notória do Grupo de Reisado Boi Coração, como bem cultural e patrimônio socialmente produzido pelos ocarenses, capaz de inspirar outras artes e outros artistas na arte do criar e do saber fazer cultura e educação.

No tocante à questão científico-epistemológica, o desenvolvimento dessa temática é substancial, por subsidiar o acervo bibliográfico em âmbito nacional, regional e local. Esta produção concorre para a construção de um conhecimento que implementa a ecologia cultural em foco num plano de atuação que procede do geral ao local. Este vem somar colaborativamente com a compreensão dessa cultura no campo da expressão simbólica, no campo de direitos culturais, no campo de desenvolvimento econômico sustentável e no campo de desenvolvimento educacional, considerando-se a relação naturalmente existente entre esses campos na conjuntura global, nacional, regional e local.

Dada a possibilidade de identificação cultural observada diretamente a partir dos aportes e práticas do Reisado Boi Coração como cultura popular tradicional em Ocara, indubitavelmente se encontra na dialogicidade educacional que se apresenta no cenário das tradições, dos valores, das crenças da condição socioeducativa informal, não formal e formal de homens e mulheres na sua terra e no meio de sua gente. Essa compreensão só é possível ao se olhar etnograficamente esses eventos de “perto e de dentro”, como disse Geertz (1997, p. 35).

É racional ressaltar que esta pesquisa também poderá vir a incentivar um empreendimento sistemático de políticas culturais e educacionais por parte do poder público, sobretudo o local. O interesse centra-se no reconhecimento sempre maior e no fomento à promoção e à proteção do folguedo reisado, tendo como contunde o Boi Coração, tesouro vivo da cultura popular tradicional de Ocara e do povo cearense.

Este estudo encontrou representatividade na época de sua realização em prerrogativas amparadas por dois ministérios da União: o da Cultura (MinC) e o da Educação (MEC), que, através de instrumentos legais, como a Lei nº 8.313/1991, conhecida como Lei Rouanet, norteiam imprescindivelmente as ações propostas no Plano Nacional de Cultura, cuja finalidade precípua sustenta-se no tripé da cultura como expressão simbólica; cultura como direito de cidadania; e cultura no campo potencial para o desenvolvimento econômico com sustentabilidade.

Esse tripé viria indicar a possibilidade de se fomentar uma cultura e uma educação com mais capacidade de produção no campo das artes, no campo do conhecimento e no campo da participação social (BRASIL, 2011). Todavia, merece notar que a pesquisa em foco se assenta em meio a um governo progressista e se encerra em meio a uma intensa e forte transição governamental, marcada por um governo reacionário de extrema direita que suscita muitas preocupações e indagações relativas ao futuro da cultura e da educação no Brasil. Essa reflexão poderá no futuro vir a compor objeto de estudo, pesquisa e conhecimento para as futuras gerações, não sendo o foco da pesquisa aqui em tela.

O principal objetivo desta pesquisa de tese consiste em compreender a função social do folguedo reisado e do Grupo de Reisado Boi Coração na cidade de Ocara, destacando sua história, memória, implicações e representações no campo da cultura e da educação. Os objetivos específicos elencados nesta investigação foram identificar, registrar, descrever e interpretar o folguedo reisado e o Grupo Reisado Boi Coração como patrimônios culturais e educacionais da cultura popular tradicional ocarense, que educa de modo informal, não formal e formal, visando à preservação e conservação também da história e memória dos sujeitos e práticas do criar, ser e fazer que desenvolvem o sentimento de pertença e identificação na comunidade ocarense.

Certamente os objetivos específicos deste trabalho de tese encontram-se alinhados com o objetivo geral, considerando-se que cada seção apresentada visa atender à demanda proposta por estes. Destarte, expõem-se de uma forma sucinta as seções compositoras deste trabalho. A primeira seção, designada Introdução, contempla sistematicamente os elementos estruturantes da pesquisa. A segunda seção indica o cenário da pesquisa e as estratégias metodológicas com os respectivos instrumentos que dão consistência ao trabalho. A terceira seção apresenta a Educação Patrimonial como recurso metodológico no contexto de suas práticas. A quarta seção aborda o reisado – sua definição e descrição – e busca definir o objeto de conhecimento da pesquisa e sua gênese. A quinta seção define o objeto da pesquisa, seu lócus de acontecimentos e sua representatividade cultural e educacional, destacando o Reisado Boi Coração como tesouro vivo da cultura e da educação ocarense. A sexta seção destaca a cultura, a educação e as práticas educativas na Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa. Por fim, as Considerações Finais, última seção, desperta reflexões e discussões atinentes aos fenômenos culturais e educacionais no contexto da pesquisa e da ciência.

2 O CENÁRIO DA PESQUISA E AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

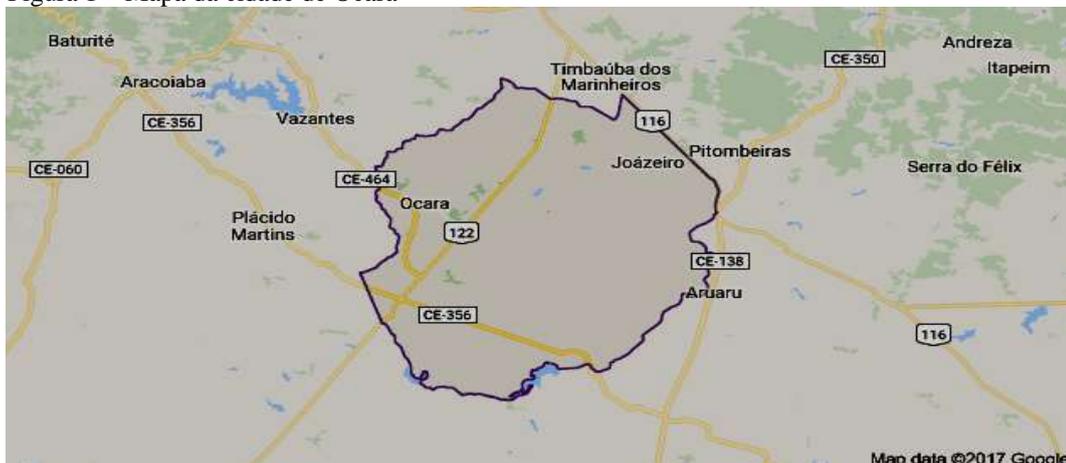
“Quem tem a ousadia de morar ou esconder-se numa cidadezinha do interior do Brasil ou, mais propriamente do interior do Ceará, a de forçosamente um dia sentir e notar o que muito falta para o brasileiro ou particularmente para o cearense orgulhar-se de pertencer a este país ou a esse estado da União. Realmente, Jurema, ou melhor, Ocara, é um destes recantos que o brasileiro deveria conhecer ou o cearense visitar, para ter uma pequena ideia do que ainda não é este imenso país ou este tão decantado estado. Falo e escrevo discriminando estas duas possibilidades, como se o Ceará fora um país diferente do torrão brasileiro, parte sua, porque é mister entendermos no bairrismo do cearense algo de mais real, algo diferente, algo mais que brasileiro.” (MOURA, 1996, p. 10).

Ocara tem seu nome originário da língua tupi, que significa: palco, terreiro ou terraço da aldeia. É um dos municípios do estado do Ceará que tiveram emancipação nas últimas três décadas. Pertence à região de planejamento do Maciço de Baturité e está a 101 quilômetros de distância da cidade de Fortaleza, capital do estado. Tem uma população de aproximadamente 24 mil habitantes, residentes na zona urbana e rural, estando estes subdivididos em seis distritos: Curupira, Arisco dos Marianos, Novo Horizonte, Serragem, Sereno e Sede. Voltando o olhar à infraestrutura, Ocara conta com 226 pontos de acesso à internet e faz parte do cinturão digital (IBGE, 2010; XAVIER, L.; XAVIER, R., 2015).

2.1 O cenário da pesquisa

“Na região do Nordeste / Do estado do Ceará / Aracoiaba ao oeste / Ao sul com Quixadá / Ao leste Morada Nova / Cascavel eu dou a prova / Que é ao leste também / Tem outra cidade forte / Chorozinho ao lado norte / Boas vizinhas, Ocara tem.” (DOMINGOS FILHO et al., 2006, p. 17).

Figura 1 – Mapa da cidade de Ocara



Fonte: Google Maps (2017).

O topônimo Ocara é oriundo da linguagem nativa (indígena), cujo significado em tupi-guarani refere-se à praça ou terreiro central da aldeia/tabca com uma entrada e saída principal para seus moradores.

Figura 2 – Índios Yawalapítia – Parque indígena do Xingu



Fonte: Kike Palma – Google Maps (2017).

Situada na Macrorregião do Maciço de Baturité, Ceará, a cidade de Ocara teve sua emancipação político-administrativa por força da Lei Estadual nº 11.415, de 28 de dezembro de 1987. Certamente sem intenção de acompanhar a arquitetura original do topônimo, a praça principal de Ocara apresenta traços semelhantes aos de seu significado pioneiro.

Figura 3 – Praça da Matriz de Ocara por ocasião de seu 28º aniversário no ano de 2015



Fonte: Site do município de Ocara (2016).

A cidade de Ocara emancipou-se da cidade de Aracoiaba em 28 de dezembro de 1987. Conforme Aragão (1994), a palavra “Ocara” indica, na sua acepção original, terreiro ou terraço de aldeia indígena, ou seja, a aldeia seria o local onde se concentravam as ocas (casas)

da aldeia. Curiosamente essa palavra também compõe um anagrama no composto da palavra de sua genitora, a então cidade de ARACOIaba, se observada de trás para frente, o que naturalmente faz lembrar a famosa obra alencarina em que IracEMA viria a ser o anagrama ilustrativo e representativo de América. Desse modo, há uma ligação no sentido da analogia entre Aracoiaba e Ocara, sendo que a primeira seria a matriarca no sentido de criação e nascimento da segunda.

A distância de Ocara à cidade de Fortaleza é de 101 quilômetros. Esse município localiza-se na mesorregião norte cearense, com ponto específico na Microrregião de Baturité. Faz limite ao norte com Chorozinho, ao leste com Cascavel, ao sul com Morada Nova e ao oeste com Ibaretama. Atualmente tem cerca de 24 mil habitantes e é constituída por uma área de 765,412 km². O bioma de Ocara é formado caracteristicamente pela caatinga, tendo, como a maioria das cidades nordestinas, um clima tropical quente.

No que se refere ao emprego e à renda, o município conta com as seguintes atividades: administração pública municipal, comércio, serviços, indústria de transformação e agropecuária, com destaque para a administração pública, conforme dados do perfil básico municipal de Ocara do ano 2016 (IPECE, 2016). Cabe ressaltar que boa parte da população ocarense é beneficiada pelo Programa Bolsa Família, do Governo Federal, num total de 4.004 famílias em dezembro de 2015.

Em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Ocara ainda precisa avançar significativamente, muito embora nos últimos anos tenha ocorrido uma elevação no referido indicador, passando de 0,434 em 2000 para 0,594 em 2010. Essa colocação levou o município a ocupar as posições 4.284^o no *ranking* nacional e 145^o no *ranking* estadual (IPECE, 2016).

Em se tratando das características ambientais, o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece) e a Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme) destacam que Ocara se apresenta com um clima tropical quente semiárido, com temperatura variando de 26 a 28 °C, com quadra chuvosa de janeiro a abril, tendo seu relevo composto por depressões sertanejas e tabuleiros pré-litorâneos. Em relação ao solo, destaca-se por apresentar areia quartzosa distrófica, plano solo solódico podzólico vermelho-amarelo, o qual é propício para uma vegetação composta por caatinga arbustiva densa, e complexo vegetacional da zona litorânea. No tocante aos recursos hídricos, Ocara conta com a água do açude Batente (Ocara) e do açude de Vazantes (Aracoiaba), dispondo ainda de 18 dessalinizadores, 150 poços e uma adutora, que distribui água da cidade de Aracoiaba para Ocara e cidades circunvizinhas.

Nos aspectos educacionais, a rede pública municipal de Ocara em 2016 era composta por 18 escolas e um Centro de Educação Infantil (CEI), atendendo a uma demanda de 767 alunos na educação infantil, 1.815 nos anos iniciais e 1.775 nos anos finais, totalizando 4.357 matrículas (OCARA, 2016). Ocara tem uma cultura educacional também resiliente, visto que os indicadores educacionais, embora não sejam neste trabalho postos em destaque, apontam para um avanço significativo na educação e formação de seus discentes e de seus docentes.

A apresentação do cenário e do lócus da pesquisa compõe estratégia de aproximação da realidade dos sujeitos. Nesse sentido, é interessante destacar que assim se procede ao longo da realização de todo este trabalho, em que o principal propósito é conhecer melhor o ambiente e o modo de vida, estilos, costumes e práticas dos sujeitos investigados, no caso, os sujeitos participantes e brincantes da cultura do boi em Ocara. Desse modo, funda-se ainda a definição e precisão das estratégias metodológicas compostas pelo método, gênero, objetivo, abordagem, natureza da pesquisa, procedimento técnico, fontes, instrumentos de coleta, técnicas de análise e descrição do relatório de pesquisa, que traduzem o esforço de se alcançar efetivamente a realização dos objetivos ora nomeados de uma forma organizada e sistemática a partir do movimento de cada seção, que, de uma forma imbricada e entrelaçada, paulatinamente estabelecem a identificação, o registro, a descrição e a interpretação da cultura do reisado como tesouro vivo no contexto da educação na cidade de Ocara.

2.2 Estratégias metodológicas: o método, o gênero, o objetivo, a abordagem e a natureza da pesquisa

As estratégias e procedimentos metodológicos cultivados nas pesquisas científicas são caminhos, planejamentos e tracejamentos que organizam sistematicamente ideias e ações, objetivando, sempre ao final, obter resposta e/ou solução como resultados convalidados cientificamente. Para tanto, o processo de pesquisa denota confrontação de evidências, informações, coletas, análises e interpretações de dados teóricos e/ou empíricos, compondo raciocínio lógico e um todo coeso dotado de sentidos e significados. Destarte, num primeiro momento, serão apresentadas as estratégias adotadas para o desenvolvimento desta pesquisa de tese sobre o folguedo reisado e o Grupo de Reisado Boi Coração como manifestações da cultura popular e educacional no município de Ocara, Ceará. A pesquisa, quanto ao método de raciocínio, aproxima-se do fenomenológico-hermenêutico com gênero empírico. Quanto ao

objetivo, a pesquisa é descritivo-exploratória. No tocante à abordagem, trata-se de um estudo genuinamente qualitativo. Sobre a natureza, a pesquisa é social aplicada.

No que se refere ao objetivo, a presente pesquisa é de caráter descritivo-exploratório, pois busca, *a priori*, fazer uma descrição das principais características de um folguedo, o Reisado Boi Coração, e de seus sujeitos protagonistas. A pesquisa descritiva, por sua própria etimologia, tem como finalidade a observação, a identificação, o registro, a análise e a descrição detalhada do objeto/fenômeno e suas particularidades.

As pesquisas descritivas e exploratórias são contumazes para pesquisadores preocupados com a prática e a práxis no âmbito social, cultural e educacional. Especificamente as pesquisas descritivas têm como escopo principal a “[...] descrição das características de determinada população [...]”, sendo utilizadas também para “[...] identificar possíveis relações entre variáveis” (GIL, 2010, p. 27). Mas o estudo não se limita apenas à descrição, vai além, explorando o concreto e o simbólico representativo para familiarizar a temática com maior rigor científico, tanto para o mundo interno como para o externo, através de pesquisa em fontes primárias e secundárias e de campo. É nesse sentido que a pesquisa pode ser classificada como descritivo-exploratória (CHIZZOTTI, 2011; GEERTZ, 1973; GIL, 2010; TRIVIÑOS, 1987).

O método constitui-se de um “[...] conjunto de processos que o espírito humano deve empregar na investigação e demonstração da verdade” (CERVO; BERVIAN, 1999, p. 23). Uma questão primeira quanto ao método: inúmeras tentativas de se criar um método universal de pesquisa não se sustentaram até o presente, pois os métodos, sobretudo na seara do conhecimento das ciências sociais, diversificam-se de acordo com o objeto/fenômeno a ser investigado e das proposições a serem alcançadas. Neste estudo, o método de aproximação vislumbrado é o fenomenológico-hermenêutico com abordagem empírica, lembrando que o método fenomenológico foi apresentado por Edmundo Husserl, o qual defende a ideia de que o mundo é criação da consciência, reconhecendo a importância do sujeito como determinante no processo construtivo do conhecimento (BOCHENSKI, 1968; SEVERINO, 2012).

Ressalte-se que o método fenomenológico tem como escopo principal garimpar resposta aos fatos e acontecimentos que enredam as realidades sensíveis aos olhos e sentidos, por isso consiste preponderantemente em despistar os fenômenos manifestos por essas realidades (REALE, 1990).

As principais motivações para a escolha do método para o desenvolvimento deste estudo ficam clarívidas a partir da definição da questão geradora, que propõe investigação

apropriada para pesquisa social empírica, nesse sentido é que o método empregado tende a ser o fenomenológico-hermenêutico.

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada. (GIL, 2008, p. 34).

O método fenomenológico-hermenêutico exige que as pesquisas adotem a abordagem qualitativa e interpretem as experiências, vivências e práticas dos sujeitos que são contadas através de suas narrativas, sobretudo quando se emprega o hermenêutico-empírico no sentido interpretacional e/ou como ciência da cultura. Desse modo:

A escolha de um método de inspiração fenomenológica parece o mais adequado quando se pretende investigar e conhecer a experiência do outro, uma vez que o ato do sujeito de contar a sua experiência não se restringe somente a dar a conhecer os fatos e acontecimentos da sua vida. Mas significa, além de tudo, uma forma de existir com o outro; significa compartilhar o seu ser com o outro. (DUTRA, 2002, p. 377).

Além do mais, ratificando a escolha do método fenomenológico-hermenêutico, a presente pesquisa parte de uma interrogação, a saber: qual a valoração atribuída ao folguedo reisado e ao Grupo Boi Coração para identificação e sentimento de pertença e quais as implicações de sua prática como patrimônio cultural e educacional popular para a comunidade local? Em consonância com a abordagem escolhida e a interrogação proposta, é coerente concordar com o fato de que:

A fenomenologia é pertinente a uma pesquisa de natureza qualitativa e que se refere a uma compreensão que privilegia o aprofundamento de questões existenciais humanas. É pertinente também a um questionamento que parte de uma interrogação, e não um ‘problema de pesquisa’ baseado em uma teoria. Segundo Bicudo (2005), há uma diferença entre os dois. ‘Ter um problema’ visa solução, a antecipação de uma resposta, e considera o conhecimento obtido a partir da noção de verdade como adequação e correspondência, tendo como base a tradição positivista. ‘Ter uma interrogação’, por sua vez, se relaciona a se colocar em um estado de dúvida crucial para o pensar filosófico e caminhar em direção da verdade como evidência e manifestação [...]. Quando a questão investigada é assumida como uma interrogação, delinea-se também uma escolha por um modo de fazer pesquisa. Descarta-se a possibilidade de realizar uma verificação pautada em exatidão e objetividade e escolhe-se fazer um movimento de apropriação daquilo que se quer saber, constituindo um rigor que não é estatístico [...]. Isso significa que a apropriação da interrogação delimita o modo como se partirá em busca daquilo que se investiga. (FRANCO; SZYMANSKI, 2010, p. 5).

Ao se aproximar do método fenomenológico-hermenêutico, o pesquisador se dispõe à compreensão/interpretação de uma realidade humana trazida pelo outro através de

manifestações, signos e simbologias presentes em práticas culturais. O método fenomenológico-hermenêutico de base empírica propõe que:

A realidade humana só se faz conhecer na trama da cultura, malha simbólica responsável pela especificidade do existir dos homens, tanto individual quanto coletivamente. E, no âmbito cultural, a linguagem ocupa um lugar proeminente, uma vez que se trata de um sistema simbólico voltado diretamente para essa expressão. (SEVERINO, 2007, p. 115).

A busca de compreensão dos sentidos de um folguedo na cultura popular através das práticas, vivências e experiências de seus protagonistas, como é o propósito desta pesquisa, “[...] exige do pesquisador uma postura flexível [...] para que aquilo que é interrogado se revele pela participação e abertura, e não pela manipulação e controle [...], desconsiderando-se verdades absolutas e soluções universais” (FRANCO; SZYMANSKI, 2010, p. 6).

No que tange ao gênero, a pesquisa é empírica (de campo) com fontes de informação a partir das experiências vividas e observadas pela pesquisadora e das práticas e conhecimentos dos sujeitos sociais sobre o tema. Os dados foram colhidos através de fontes diretas com as pessoas envolvidas na investigação. A pesquisa de campo inclui coleta de dados (informações) junto aos sujeitos através de técnicas peculiares, os quais são validados ou comparados com fontes secundárias bibliográficas e/ou documentais (FONSECA, 2002; GIL, 2008).

A abordagem empregada para a construção deste estudo foi a qualitativa interpretativa. As pesquisas de abordagem qualitativa interpretativa apresentam características peculiares, tais como: maior enfoque na compreensão e descrição do objeto, maior proximidade do pesquisador com o objeto/fenômeno investigado, menor estruturação do quadro teórico de hipóteses, não se detém a conceitos específicos, coleta dados sem instrumentos formais estruturados, enfatiza o subjetivo como meio de compreender e interpretar as experiências e busca analisar as informações narradas de uma forma organizada, mas intuitiva, em vez de analisar os dados numéricos por meio de procedimento estatístico, como no caso da abordagem quantitativa (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004).

Vale ressaltar que a pesquisa de cunho qualitativo “[...] recobre, hoje, um campo transdisciplinar [...], adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno [...], procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a ele” (CHIZZOTTI, 2011, p. 28). Nas pesquisas de cunho qualitativo, a análise gira em torno do processo e da visão e compreensão de práticas e vivências de um grupo social, organização/instituição e/ou coletividade, e não do resultado alcançado ou da quantidade de dados a serem analisados. “Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as

ciências [...], recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social [...]” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31).

As pesquisas qualitativas trabalham com foco na compreensão, interpretação e explicação (registro/descrição) das dinâmicas sociais inter-relacionais e “[...] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 22).

O exercício da pesquisa está vinculado diretamente a procedimentos que visam esclarecer assuntos, responder ou mediar soluções através de processo de investigação sistemática que culmina com a validação científica do estudo realizado (POPPER, 2013).

Com relação à natureza ou finalidade, as pesquisas classicamente são classificadas em básica/pura e aplicadas. As pesquisas de natureza básica/pura vinculam-se ao desenvolvimento de gerar ou aperfeiçoar sistematicamente conhecimentos no plano teórico por intermédio de pesquisas-investigações, incorporando, inovando e superando conhecimentos anteriores. Como assevera Trujillo Ferrari (1982), o trabalho da pesquisa básica/pura tem por objetivo melhorar o próprio conhecimento, evoluindo cientificamente.

Segundo Minayo (2002, p. 52), as pesquisas de natureza básica/pura possibilitam criar novas questões através de processo que “[...] permite articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área de conhecimento” com vistas a “[...] criar novas questões num processo de uma determinada área”. A pesquisa pura objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência, sem, no entanto, atuar no campo investigativo da empiria ou demonstrar exigência de aplicação prática prevista.

Por outro lado, as pesquisas de natureza aplicada têm como finalidade a proposta de solução de problemas reais, concretos, práticos e operacionais, sem, contudo, deixar de dar sua contribuição em âmbito teórico mediante novos fatos, descobertas e inovações capazes de ensejar novas perspectivas e planejamentos em certas searas do conhecimento científico (TRUJILLO FERRARI, 1982). Consoante Gil (2010, p. 26), as pesquisas aplicadas são empregadas em desenvolvimentos experimentais visando à aplicação prática em determinada situação-problema com o objetivo de produzir “[...] novos materiais, equipamentos, políticas e comportamentos”.

Com o crescente, dinâmico e diversificado rol de pesquisas, em razão de novos objetos e novas abordagens, a natureza da pesquisa também necessitou ampliar sua classificação para além da classificação tradicional das pesquisas somente em básicas/puras e aplicadas. Conforme Gil (2010 p. 26), uma das ampliações classificadoras das pesquisas foi

proposta pela Adelaide University, acrescentando a modalidade pesquisa básica estratégica, cuja finalidade foca a aquisição “[...] de novos conhecimentos direcionados a amplas áreas com vistas à solução de reconhecidos problemas práticos”.

Esse tipo de pesquisa está relacionado com a pesquisa empírica e “[...] deve levar em conta que o problema na pesquisa social é a própria prática social, [...] nasce da prática cotidiana. [...] Um contato direto com a realidade empírica investigada” (DAMASCENO; SALES; ALMEIDA, 2016, p. 27).

Nesse sentido, a presente pesquisa ancora-se também na esteira das pesquisas científicas sociais de natureza básica estratégica, haja vista envolver interesses e verdades locais e gerar conhecimento objetivando a aplicação prática na perspectiva de solucionar um problema de cunho social que é o reconhecimento de uma expressão da cultura popular como patrimônio identitário. Reconhecimento este não somente no sentido da consciência coletiva local, mas também do devido registro nos órgãos oficiais do poder público.

Assim, o estudo não está à procura apenas de saber o porquê, mas também do como resolver o problema e consolidar a tese de que o folguedo reisado e o Grupo de Reisado Boi Coração no município de Ocara são e devem ser difundidos, divulgados, reconhecidos, preservados e conservados como patrimônios culturais e educacionais da comunidade ocarense.

2.3 Do procedimento técnico-metodológico: o procedimento, as fontes, os instrumentos de coleta, as técnicas de análise e a descrição da pesquisa

Com relação ao procedimento técnico adotado, a pesquisa se mostra de caráter etnográfico. A fonte de informação é a de pesquisa de campo com fundamento no paradigma bibliográfico e de campo. No que se refere à pesquisa de campo, adotou-se um diário de campo a fim de se anotar contínua e oportunamente todas as informações possíveis; quanto às técnicas/instrumentos de coleta de dados, recorreu-se a estes: observação, diário/notas de campo, entrevistas e estudo documental (arte-fatos); quanto às técnicas de interpretação de dados, utilizou-se a interpretação do conteúdo das narrativas.

A pesquisa adotou o estudo de caso etnográfico como procedimento técnico no âmbito de uma concepção específica. Essa é uma definição recente aplicada aos estudos de caso cuja investigação é etnográfica. Por estudo de caso, entende-se tratar-se de pesquisa bem delimitada de estudo com características próprias apresentando valoração específica, em si e por si, mesmo ao se pesquisar com minúcia. O estudo de caso se dá sobre um objeto que, mesmo

tendo semelhanças gerais com outros, apresenta singularidades, significados e representações particulares que se distinguem com características gerais da pesquisa qualitativa.

O estudo de caso é etnográfico quando atende aos requisitos da pesquisa qualitativa como abordagem, estuda um grupo natural no âmbito da microcultura por ser representativo de muitos outros casos semelhantes, focaliza uma organização, setor ou um grupo social de pessoas que interagem, partilham expectativas e se identificam com as ações do grupo, entre si e com o público de seu lócus e requer técnicas de observação participante. Indispensavelmente o estudo de caso etnográfico compreende três etapas distintas: planejamento de ações estratégicas, pesquisa de campo para coleta de dados (informações) e interpretação; e sistematização e análise para a elaboração de relatório final (ANDRÉ, 1995; BOGDAN; BIKLEN, 1994; LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

O estudo de caso etnográfico busca identificar, descrever e interpretar modos, estilos, costumes e práticas culturais de grupos sociais. Não raro, parte de dados escritos somados à observação participante com estudo de campo previamente definido, visando a uma “descrição densa” e interpretativa (GEERTZ, 1973).

A etnografia, como subdisciplina da antropologia, consolida-se a partir dos trabalhos de Malinowski, como descrição do conhecimento cultural do meio em que estão os informantes, pela observação ecológica dos dados e o significado que os membros de um grupo atribuem às suas ações e práticas. (CHIZZOTTI, 2011, p. 67-68).

Essa modalidade de pesquisa “caracteriza-se” pela descrição ou reconstrução de mundos culturais originais de pequenos grupos “[...] a fim de recriar as crenças, descrever práticas e artefatos, revelar comportamentos, interpretar os significados [...] entre os membros do grupo em estudo” (CHIZZOTTI, 2011, p. 71). Em estudos dessa estirpe, o pesquisador se envolve durante algum período no “[...] cotidiano de uma comunidade ou grupos sociais homogêneos, partilhando de suas práticas, hábitos, rituais e concepções, sem pré-julgamentos ou preconceitos pessoais para compreender a cultura dos grupos” (CHIZZOTTI, 2011, p. 71-72).

Para a realização e êxito nas pesquisas de estilo etnográfico, faz-se necessário que:

O pesquisador introduza-se no grupo, ocupando um lugar usualmente inexistente, ou ‘acultura-se’ ao grupo, participando dele como um membro natural, a fim de colher os significados contextualizados, captar a realidade complexa subsistente em particularidades, apreender o ponto de vista dos membros, tendo presentes todos os aspectos éticos que as revelações e confidências dos investigados implicam [...]. Guiado pelas observações perspicazes, o pesquisador elege quais dados são mais significativos para compreender os padrões de conduta e os processos sociais que interpreta. (CHIZZOTTI, 2011, p. 72).

A partir do objetivo de identificar e interpretar manifestações culturais populares, o pesquisador procura fazer uma descrição detalhada para compreender as representações e simbologias presentes em artefatos, signos, ícones e narrativas colhidas através das técnicas de entrevistas semiestruturadas (recomendadas). Para tanto, faz-se necessário também o recurso da oralidade, o que sem dúvida exige alguns parâmetros de análise do discurso das narrativas.

A identificação do campo de pesquisa do estudo de caso etnográfico está vinculada ao estabelecimento de relações com os sujeitos participantes do processo de pesquisa de campo como fonte de informações privilegiadas. Ao se falar de pesquisa etnográfica, trilha-se o caminho que busca estudar o ser humano, seus costumes, práticas e concepções culturais. As pesquisas etnográficas exigem do pesquisador sua observação participante, entrevistas e interpretação de narrativas sobre o objeto/fenômeno pesquisado *in loco* a partir de pelo menos duas hipóteses: a naturalista-ecológica e a qualitativo-fenomenológica.

Cabe ratificar que o procedimento técnico de estudo de caso etnográfico sanciona a abordagem qualitativa e suas respectivas técnicas peculiares de coleta de dados. O foco central das pesquisas de cunho etnográfico é a compreensão, descrição e interpretação densa de eventos, fatos, práticas e ações da cotidianidade que formam um conjunto de significados, signos e símbolos estruturantes das inter-relações diversas compositoras da microcultura.

O foco narrativo e os tempos verbais que se acolhem para a descrição e narração nesta pesquisa de tese acontecem no nível da terceira pessoa, por ser esse foco academicamente familiar à narradora. Destarte, a pesquisadora compartilha o pensamento e a ideia de que “[...] os fenômenos da onisciência ou mesmo da onipresença não lhe pertencem” nem lhe poderiam ser aferidos em sua plenitude a partir da escolha de um foco narrativo verbal, seja ele em terceira pessoa ou primeira pessoa (XAVIER, L.; XAVIER, A.; RODRIGUES, 2017, p. 99).

A pesquisa de campo é utilizada para coletar dados reais diretamente de fatos e/ou fenômenos observados pelo pesquisador. Na pesquisa de campo, o pesquisador tem a oportunidade de registrar imagens através de fotografias, mapas e outros instrumentais de serventia à pesquisa, como indumentárias, movimentos de mamulengos e outros similares. O campo de estudo também constitui o momento propício para que o pesquisador conheça o lócus da pesquisa e os sujeitos envolvidos e possa descrevê-los com maior propriedade. Nesse sentido, a pesquisa de campo inicia-se com a fase da observação do objeto/fenômeno *in loco*, sempre interligada às categorias centrais de análise e ao embasamento teórico. Em seguida, o pesquisador passa a explorar e descrever o que lhe é conveniente em relação à sua investigação, sem, contudo, esquecer a máxima orientadora de Damatta (1984, p. 153):

“Como poderei chegar a captar essa realidade social se não me coloco diante dela como um semelhante aos que dela tiram a honradez, a dignidade e o sentido da existência?”.

Neste caso, a pesquisa de campo ocorreu nos períodos efervescentes de manifestação e apresentação do folguedo Boi Coração, os quais a proponente pesquisadora acompanhou ativamente, registrando os eventos e conversando/entrevistando o grupo de brincantes e também alguns participantes e coparticipantes dos grupos e folguedos de reisados Boi Coração e Boi Esperança em Ocara, Ceará. É relevante destacar que o Grupo de Reisado Boi Esperança foi um grupo criado pela filha do mestre do Grupo de Reisado Boi Coração na escola em que a pesquisadora foi docente e coordenadora durante certo período de tempo, o qual compreende cronologicamente o espaço temporal desta pesquisa de tese.

Vale notar que as pesquisas de campo e entrevistas começaram a acontecer logo após a entrada da pesquisadora no curso de doutoramento, sendo que esta fez o acompanhamento de apresentações e a realização de entrevistas formais e não formais nos anos de 2015.2, 2016, 2017 e 2018. É válido ainda lembrar que a pesquisa de campo possibilita um movimento cognitivo dialético da empiria à teoria, e vice-versa (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2003).

Por fim, os dados colhidos em campo são analisados de forma cuidadosa e detalhada e imbricados de acordo com a teoria e validação científica da pesquisa social. A pesquisa de campo, como fonte de informação, não somente valida as fontes bibliográficas e documentais, mas proporciona confiabilidade e permite a participação de diferentes sujeitos, independentemente de seu nível escolar/intelectual (FONSECA, 2002).

Como pressuposto primeiro, é racional informar que as técnicas para coleta de dados (informações nesse tipo de pesquisa) ganham sentidos e significados imprescindíveis à medida que são apropriados à teoria e à empiria vinculadas à pesquisa. As técnicas e/ou instrumentos são “[...] procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas” (SEVERINO, 2007, p. 124).

Com efeito, as técnicas empregadas para a construção desta pesquisa foram: entrevistas semiestruturadas e não diretivas, observação participante, interpretação de documentos e história oral complementada com imagens e diário/notas de campo. A história oral é empregada como técnica e recurso metodológico para garimpar as narrativas dos sujeitos participantes da pesquisa, que falam tanto dos acontecimentos e fatos do tempo presente como do passado lembrado, fornecendo não somente a descrição dos acontecimentos, mas sobretudo revelando subjetividades significativas silenciadas ou ofuscadas por diretrizes e forças dominantes (CHIZZOTTI, 2011; GIL, 2011).

Ressalte-se que a coleta de dados nesse tipo de pesquisa:

[...] utiliza uma variedade de estratégias e diversidade de técnicas, a partir de observações participantes e contextualizadas e de anotações feitas em campo, com o objetivo de fazer uma descrição interpretativa do modo de vida, da cultura e da estrutura social do grupo pesquisado. Recorre, assim, à observação participante, entrevista, história de vida, autobiografias, práticas interacionistas de coleta de dados e quaisquer outros meios de coligir informações sugeridos pelo trabalho de campo gerados por observações atentas. Equipamentos como lápis e papel, gravadores, filmadoras, *laptops*, computadores, banco de dados etc. são usados para registrar, coligir e sistematizar informações documentais. (CHIZZOTTI, 2011, p. 72).

É válido reiterar que se optou, neste trabalho de tese, por uma sistemática de entrevistas não diretiva e diretiva, as quais foram empregadas com base no discurso livre e no discurso pensado (diretivo) aos entrevistados, a fim de se obter informações gerais e específicas consideradas relevantes à compreensão do objeto em estudo, pressupondo-se que os informantes são competentes para exprimirem com clareza suas experiências e vivências nas duas formas propostas e que as duas propostas se complementam.

Na entrevista não diretiva, os entrevistados são delimitados previamente, contudo isso não impede o entrevistador, que tem a função precípua de ficar atento e receptivo a todas as informações esboçadas, de fazer “[...] intervenção com discreta interrogação de conteúdo ou sugestões que estimulem a comunicação verbal” para tal fim. A entrevista não diretiva não requer perguntas, apenas roteiro de tema geral, em que o entrevistador “[...] desenvolve e aprofunda os pontos que coloca espontaneamente; facilita o processo de entrevista, retornando o tema na possibilidade de esclarecer ou aprofundar as ideias do entrevistado; evita atitudes autoritárias ou paternalistas [...]” (HOFFMANN; OLIVEIRA, 2009, p. 924).

As entrevistas não diretivas e diretivas foram realizadas em diferentes momentos. Portanto, nas primeiras (não diretivas) entrevistas realizadas com os entrevistados foram aplicadas as técnicas não diretivas com o fito de se conhecer o campo e o território em estudo de uma forma mais geral, deixando, assim, os entrevistados mais à vontade para explorar e explicar o pensamento e as questões apresentadas, visto que as primeiras questões apresentadas aconteceram na esfera da informalidade.

Colhidas as primeiras informações, tornou-se possível elaborar as entrevistas diretivas, que tinham como objetivo e finalidade fazer um apanhado das informações mais específicas atinentes às práticas da cultura em estudo. Destarte, não se pode negar que a proposição “recomendada” por alguns autores em relação às entrevistas não diretivas contribuiu substancialmente para a afirmação e organização das entrevistas diretivas, acreditando-se que estas possibilitam aos entrevistadores e entrevistados o desenvolvimento de um pensamento

mais sistematizado e que, desse modo, se enriquecem as maneiras requeridas, de modo que se obtenha uma melhor configuração e formatação do objeto em estudo.

Com relação às observações e aos contatos diretos com o objeto em estudo, pode-se afirmar que acontece uma real transfiguração com relação à compreensão do objeto, pois o contato real com o objeto/fenômeno investigado indescritivelmente redimensiona o entendimento dos comportamentos, o mapeamento da ambientação, a captação das formas, a legibilidade das condições e a percepção das circunstâncias segundo as quais ocorrem as coisas em relação ao objeto pesquisado. A observação direta proporciona momento privilegiado e ímpar, e isso concebe um grande diferencial no tracejamento dos registros, sejam eles pertinentes às reuniões de trabalho, encontros, estudos, apresentações ou ainda a outras atividades que possam ser descritas e/ou fotografadas. Tudo isso colabora para validar as fontes e outros pressupostos referentes à pesquisa em relação ao objeto/fenômeno investigado (YIN, 2001).

As técnicas de análise de dados comumente são identificadas como análise de conteúdo, análise de narrativas e análise do discurso. São técnicas de interpretação de textos apoiadas em diversificadas orientações teóricas do conhecimento, como: “[...] nas teorias linguísticas, na semiótica, na hermenêutica, no estruturalismo, no pós-estruturalismo, no interacionismo e na análise da conversação [...]” (CHIZZOTTI, 2011, p. 113). Essas técnicas, embora se entrelacem em algum momento durante a construção das pesquisas, possuem diferenças, conforme abordagens e áreas de conhecimento das pesquisas. A interpretação e análise de conteúdo “[...] visa[m] decompor as unidades léxicas ou temáticas de um texto [...], superar análises subjetivas de documentos e fazer [...]” uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo (CHIZZOTTI, 2011, p. 113; 115).

As técnicas de interpretação e análises de narrativas seguem as duas vertentes básicas: 1) “[...] o formalismo estruturalista que busca coerência e coesão nos códigos, sintaxe e formas textuais”; e 2) “[...] as narrativas de experiências vividas, produzidas nas interações sociais, especialmente nas entrevistas clínicas” (CHIZZOTTI, 2011, p. 118).

A interpretação e análise de narrativas, por sua vez, “[...] investiga a coerência do texto e os elementos formais que constroem a morfologia das narrativas, [...] procura extrair os significados do texto usando os princípios e regras preestabelecidas” seguindo uma sequência lógica e “constante de funções imutáveis” com base em “análise-formal-estrutural”. Em resumo: “São análises externas, de cima para baixo, a partir de uma interpretação do pesquisador, em oposição às análises internas, de baixo para cima” (CHIZZOTTI, 2011, p. 119).

Por último, a técnica da interpretação e análise do discurso adotada neste estudo e presente nas narrativas colhidas em pesquisa de campo por meio de entrevistas abertas incluiu “[...] todas as injunções subjetivas – desejos, instintos –, determinações sociais – ideologias, contradições e formas linguísticas –, incoerências, repetições, omissões”. A interpretação e análise do discurso são técnicas que não se limitam “[...] à estrutura ordenada de palavras, nem a uma descrição ou a um meio de comunicação, tampouco se reduz[em] à mera expressão verbal do mundo. O discurso é a expressão de um sujeito no mundo que explicita sua identidade”. Essa técnica de interpretação e análise “[...] pressupõe o discurso enquanto situado em um contexto sócio-histórico e considera que ele só pode ser compreendido se relacionado com o processo cultural, socioeconômico e político nos quais o discurso acontece” (CHIZZOTTI, 2011, p. 121).

Em resumo, os caminhos metodológicos empregados para a construção desta pesquisa foram: 1) quanto ao método, o fenomenológico-hermenêutico de base empírica; 2) quanto ao gênero, o empírico; 3) quanto ao objetivo, o descritivo-exploratório; 4) quanto à abordagem, a qualitativa; 5) quanto à natureza, a básica estratégica; 6) quanto ao procedimento técnico, o estudo de caso etnográfico; 7) quanto às fontes de informações, a pesquisa de campo; 8) quanto à coleta de dados, a entrevista não diretiva, a observação direta, a história oral, tendo como técnicas de captação a máquina fotográfica e o diário/notas de campo; e 9) quanto às técnicas de análise de dados (informações), a análise do discurso.

No que diz respeito ao referencial teórico, a pesquisa contou com o apoio de autores como principais e em caráter geral: Abbagnano (2007); André (1995); Bauman (2013); Bogdan e Biklen (1994); Cascudo (1972, 2003); Cavalcanti (2000, 2006a, 2006b); Certeau (1998); Chartier (1990); Chizzotti (2011); Eliade (1992); Geertz (1973); Gil (2008); Gonçalves (2009); Horta, Grunberg e Monteiro (2006); Laburthe-Tolra e Warnier (2010); Rios (2014), entre outros.

Informa-se que, por se tratar de uma tese de doutorado, o referencial teórico se torna cooperador e auxiliador de conceitos e teorias, pois, embora haja estudos de objetos semelhantes em âmbito global, não o há no âmbito específico do objeto. Ou seja, não foram encontradas pesquisas especificamente sobre o Grupo de Reisado Boi Coração no lócus indicado neste estudo, embora tenham se encontrado estudos sobre as manifestações culturais de Ocara que fazem breve referência ao folguedo Coração.

Enfim, a pesquisa buscou “[...] se adequar aos sujeitos e ao tipo de estudo proposto, objetivando entender as razões expressas pelos nossos atores para explicar a realidade social, suas visões de mundo e seus problemas” (DAMASCENO, 2016, p. 28).

A presente pesquisa é classificada como tese de doutorado em Educação, concentrada em Educação Brasileira, na linha de pesquisa de História e Memória da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Seguindo a praxe acadêmica, a pesquisa está estruturada em elementos pré-textuais (da capa ao sumário), textuais (da introdução à conclusão) e pós-textuais (das referências em diante). Nesse sentido, seguiu-se apresentando os elementos textuais e suas subdivisões. A pesquisa foge dos grandes temas do domínio da História Tradicional para escolher uma temática da Historiografia Cultural Regionalista pertencente à área da Nova História Cultural permitida pela grande área da História das Mentalidades com incentivo aos novos problemas e novas abordagens.

Nas suas grandes linhas, a história das mentalidades construiu-se aplicando a novos objetos os princípios de inteligibilidade utilizados na história das economias e das sociedades, como sejam a preferência dada ao maior número, logo a investigação da cultura tida como popular, a confiança nos números e na quantificação; o gosto pela longa duração; a primazia atribuída a um tipo de divisão social que organizava imperativamente a classificação dos fatos em mentalidades. (CHARTIER, 1990, p. 15).

Com efeito, a História das Mentalidades se qualifica como domínio da História que investiga cientificamente sistemas de valores, crenças e representações próprios de um contexto histórico ou de um grupo social (VOVELLE, 1987).

Corroborando a messe de conhecimento supramencionada, as *seções, momentos, etapas e/ou abordagens* que compõem esta escrita são apresentados sistematicamente conforme o que se segue. A pesquisa pautou-se no paradigma ontometodológico, buscando o tempo todo a parte teórica do objeto e sua vinculação com a parte concreta, e vice-versa, procurando ser leal ao método especificado aprioristicamente.

Desse modo, a primeira seção, denominada de *Introdução*, tratou de apresentar sistematicamente os elementos estruturantes da pesquisa e seus respectivos significados, iniciando desde as motivações na abordagem do problema às razões justificadoras de interesse pessoal, à relevância social e à questão científico-epistemológica, contemplando os objetivos geral e específicos e ainda a apresentação de alguns suportes teórico-metodológicos que serviram de argamassa para a construção desta pesquisa de tese.

A segunda etapa, intitulada *O cenário da pesquisa e as estratégias metodológicas*, contextualiza o cenário de estudo do objeto de conhecimento e segue com a exposição metodológica do método, do gênero, do tipo de pesquisa quanto ao objetivo, da abordagem,

da natureza da pesquisa, do procedimento técnico, da fonte de informação, das técnicas e instrumentos de coleta e da análise de dados que colaboram fundamentalmente com a compreensão, a identificação, o registro, a descrição e a interpretação do objeto de pesquisa em pauta.

O terceiro momento, designado “A Educação Patrimonial como instrumento e recurso metodológico no contexto de suas práticas”, aborda a questão da Educação Patrimonial e da cultura popular tradicional como instrumentos e recursos metodológicos de formação no campo da expressão, da prática e da construção dos saberes e suas especificidades, apontando que, em cada espaço que se apresentam, o fazem como patrimônio cultural canalizado via educação informal, não formal ou formal.

A quarta seção, “Reisado: definição, descrição e alguns aportes histórico-epistemológicos”, busca definir, caracterizar, descrever e *historicizar* o objeto de estudo e conhecimento da pesquisa e sua gênese de forma geral, declinando suas definições, caracterizações e diversificações de acordo com a ocorrência do fenômeno em suas distintas realidades e contextos historiográficos nacionalistas e regionalistas. Considera-se de suma importância a descrição desse objeto de pesquisa de forma conceitual e contextual, de modo a familiarizar o leitor com as definições globais do objeto investigado e suas relações com as especificidades e características do escopo em caráter particularizado. Desse modo, essa seção apresenta, de forma geral, a cultura como um processo social contínuo historicamente construído, apontando que a cultura e o saber de uma sociedade ou de uma comunidade são heterogêneos e complexos, por mais que sejam investigados teórica e empiricamente, haja vista que a heterogeneidade e a complexidade cultural e educacional nunca podem ser mensuradas na sua gênese nem na sua totalidade, porque a realidade é sempre fluida e dinâmica na sua dialogicidade.

Posto assim, o conhecimento sobre o legado histórico cultural educacional só pode ser projetado através de estudos e práticas que estimulem, fomentem e incentivem a pesquisa, o registro, o reconhecimento e a valorização da cultura e da educação a partir da interpretação do arcabouço da realidade local. Sob essa óptica, consideram-se necessárias a reflexão e a interpretação sobre as práticas culturais diversas, tendo como mola propulsora a educação como canal possível e plausível de articulação e disseminação para difusão, desenvolvimento, preservação e conservação dos bens culturais que se traduzem no sentimento de pertença e de identificação de uma coletividade, sejam elas nos níveis informal, não formal ou formal.

O quinto momento, com título “O Reisado Boi Coração: ‘tesouro vivo’ da cultura e da educação ocareense: memórias e narrativas”, apresenta o objeto da pesquisa, seu lócus de acontecimentos e sua representatividade com a denominação. O objeto investigado e sua realidade social são apresentados como patrimônios culturais e educacionais que apresentam relação com a educação informal e não formal, compositoras de bens simbólicos criados por trabalhadores e trabalhadoras, homens, mulheres, jovens e crianças, pessoas simples do povo, da comunidade local, “[...] normalmente com baixo poder aquisitivo e baixo nível de instrução formal e que têm ligações diretas com as condições concretas de uma batalha dura pela sobrevivência” (RIOS, 2014, p. 795).

A sexta etapa, designada “Cultura, educação e práticas educativas na Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa”, tem como propósito precípua demonstrar que é possível lidar com o desafio de incluir no contexto formal e no currículo escolar a temática do reisado como prática cultural popular tradicional. A experiência na Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa, com o Projeto Reisado Boi Esperança, inspirado no Grupo de Reisado Boi Coração, apresenta-se como um exemplo promissor de desafio de inclusão das práticas culturais tradicionais no contexto das práticas educativas formal e no currículo escolar local.

Por fim, como último elemento de componente textual, tem-se a conclusão ou considerações finais da escrita deste trabalho de tese, como arremate parcial e transitório, pois, como se sabe, um trabalho de pesquisa de abordagem qualitativa, sobretudo nas esferas das ciências sociais e humanas, apenas se configura como porta de entrada para inúmeras e infindáveis abordagens, definições e debates em busca de conhecimentos e saberes no contexto das diversas práticas. Os fenômenos culturais e educacionais possuem sempre uma lógica singular e peculiar referentes ao fazer ciência, dado que estes se constituam a partir de uma dinâmica e um processo contínuo e permanente, em que novas pesquisas sempre redimensionam ou mesmo questionam os achados e o que se estabeleceu temporalmente como conclusão nos diferentes espaços de saberes e entendimentos acadêmicos.

A seção subsequente apresenta-se em continuidade a esse relatório de tese e trata sobre a Educação Patrimonial como instrumento metodológico de formação e construção de saberes no contexto de suas práticas, considerando-se suas nuances no contexto brasileiro. Tal seção aborda a relação do folguedo de reis com a Educação Patrimonial e a relação da Educação Patrimonial com a cultura popular tradicional no contexto de suas expressões e práticas.

3 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO INSTRUMENTO E RECURSO METODOLÓGICO NO CONTEXTO DE SUAS PRÁTICAS

“Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural.” (FLORÊNCIO et al., 2014, p. 19).

3.1 A Educação Patrimonial, expressão e prática artística e popular

A abordagem nesta terceira seção objetiva estabelecer uma reflexão e uma discussão acerca da Educação Patrimonial e da cultura popular, buscando, assim, seu significado intrinsecamente relacionado à expressão e à prática artística popular.

A fim de se compreender melhor a relação da Educação Patrimonial com a cultura popular, apresenta-se, de uma forma breve, a acepção de algumas palavras e termos as estas relacionadas, tais como: a “palavra-expressão” que, em sentido amplo, segundo Abbagnano (2007), denota a manifestação de um ser por meio de símbolos ou comportamentos simbólicos representados nas dinâmicas da linguagem humana. O mesmo autor também informa que a “palavra-expressão” também designa a relação entre as manifestações corpóreas das emoções e as próprias emoções dos seres entre os seres na conjunção de suas inter-relações e práticas culturais e educativas. Todavia, em relação à palavra “arte” ou atividade artística, o autor acrescenta que esta faz referência a qualquer tipo de atividade prática ordenada através de movimentos corpóreos ou mesmo movimentos simbólicos. Partindo-se dos pressupostos de Abbagnano (2007), pode-se inferir que a expressão, no sentido da prática, notadamente a expressão e a prática artística cultural e educacional, consiste na manifestação de comportamentos simbólicos, corpóreos, linguísticos e artísticos das emoções dos sujeitos de uma forma sistematicamente ordenada (GEERTZ, 1973).

Desse modo, pode-se deduzir que o pressuposto da Educação Patrimonial e da prática cultural é bastante representativo se considerada a sua necessária compreensão no campo de realização das práticas sociais. A expressão e as práticas das artes culturais populares

apresentam-se num contexto de origem, de condição de identidade e representatividade que necessariamente indicariam suas referências étnico-raciais, étnico-religiosas, étnico-econômicas, étnico-políticas, étnico-sociais, enfim, são enormemente reveladoras do conjunto de características que identificam os seres e suas práticas no seu espaço-tempo.

Nesse parâmetro de relação e representação, fomenta-se o que se entende por alteridade, a percepção do outro, o encontro e o reencontro com o outro que podem possibilitar um entendimento e uma construção no parâmetro das novas formas de se pensar cultura e educação. Nessa correlação, pode-se compreender que os sujeitos culturais, no contexto das práticas educativas, podem construir sua história de pertencimento num mundo marcado por indeterminadas práticas, sentidos e subjetividades. Desse modo, compreende-se a relevância de se refletir o conceito de Educação Patrimonial à luz do que se pode entender por cultura popular:

O conceito de cultura popular é, hoje, extremamente controvertido. As concepções do dedutivismo e do indutivismo sumarizam, em grande parte, as diversas correntes que discutem o tema. Para os dedutivistas, não há propriamente uma autonomia da cultura popular, subordinada que está à cultura da classe dominante, cujas linhas de força regem a recepção e a criação populares. Para os indutivistas, pelo contrário, a cultura popular é um corpo com características próprias, inerentes às classes subalternas, com uma criatividade específica e um poder de impugnação dos modos culturais prevalentes sobre o qual se fundaria sua resistência específica. Se, para os dedutivistas, só se pode conhecer aquilo que é chamado de cultura popular a partir das lentes da cultura dominante, para os indutivistas somente é possível apreender a natureza dessa cultura mediante seus próprios depoimentos diretos, expressos em suas obras ou em declarações explícitas de seus produtores. Entendimentos intermediários buscam apresentar a cultura, popular como um conjunto heterogêneo de práticas que se dão no interior de um sistema cultural maior e que se revelam, como expressão dos dominados, sob diferentes formas evidenciadoras dos processos pelos quais a cultura dominante é vivida, interiorizada, reproduzida e eventualmente transformada ou simplesmente negada. (COELHO, 1997, p. 119).

Com efeito, cultura popular seria o conjunto de bens heterogêneos e de interesse comum de um povo, de uma nação, construído ao longo da produção material e imaterial, constituindo um patrimônio revelado no nível da educação informal e não formal (HORTA, 2000). A cultura popular desenvolve-se peculiarmente no contexto das relações inerentes às práticas comunitárias habituais ligadas ao homem e à natureza, pois constituem:

[...] patrimônio vivo da sociedade brasileira: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais, as festas religiosas, [...] os folguedos [...]. (HORTA, 2000, p. 7).

A cultura popular, com destaque os folguedos populares, representa patrimônio vivo e representativo das expressões e práticas artístico-culturais, tangíveis e intangíveis, materiais e imateriais, as quais, quando compreendidas, acabam por se tornarem reveladoras da formação

da identificação social não só de indivíduos, mas também de identificação e pertencimento de comunidades e sociedades. E, em meio a essa conjuntura patrimonial cultural e educacional e/ou patrimonial educacional e cultural, não importa o trocadilho:

[...] o Estado [...] assegura modalidades adequadas às particularidades da população, das comunidades e das regiões do País. Assim, a partir de agora, todo o planejamento do MinC seguirá as orientações do PNC. O Plano se estrutura em três dimensões complementares: a cultura como expressão simbólica; como direito de cidadania; e como campo potencial para o desenvolvimento econômico com sustentabilidade. Essas dimensões, por sua vez, desdobram-se nas metas, que dialogam com os temas reconhecimento e promoção da diversidade cultural; criação e fruição; circulação, difusão e consumo; educação e produção de conhecimento; ampliação e qualificação de espaços culturais; fortalecimento institucional e articulação federativa; participação social; desenvolvimento sustentável da cultura; e fomento e financiamento. (BRASIL, 2011, p. 5).

Vale observar que a produção simbólica material e imaterial ressignificada e induzida pelo Estado, ou não, fomenta crenças, ritos, valores, usos e costumes de todos os indivíduos, sujeitos e grupos sociais do passado e do presente, que continuamente se inter cruzam no contexto das relações culturais e educacionais. Na dinâmica dessas temporalidades de presente e passado, é relevante fazer menção à história e à memória das expressões e práticas artístico-culturais, haja vista que incontestavelmente também se apresentam numa totalidade de relação essencial e simbiótica entre uma e outra, pois se sabe que a memória alimenta substancialmente a história das relações humanas (XAVIER; VASCONCELOS, 2014).

Os patrimônios culturais materiais e imateriais funcionam como elementos referenciadores e representativos de memória que significam e vivificam a história da Educação Patrimonial. Os patrimônios tangíveis e intangíveis são sempre pulsantes e latentes numa imensurável quantidade de espaços e temporalidades. Esses espaços e temporalidades são elementarmente constituídos e reconstituídos a partir de manifestações proporcionadas e vividas pela cultura popular. Os eventos culturais populares são sempre vívidos e imprimem à história da Educação Patrimonial a demarcação de campos e territórios que configuram a formatação da ossatura cultural, que assinala a trajetória de indivíduos e de sociedades. Partindo-se desses espaços e temporalidades, pode-se dizer que os patrimônios educacionais e culturais tangíveis e intangíveis vêm à tona com uma enorme representatividade e simbologia no contexto de suas práticas.

3.2 A Educação Patrimonial como instrumento na formação e construção de saberes

A temática Educação Patrimonial está relacionada à questão da educação cultural e, por esse viés, à herança cultural formadora do perfil identitário da sociedade brasileira.

Desse modo, notadamente a cultura do reisado como festa popular e suas derivações regionais estão intrinsecamente ligadas à essência formadora das comunidades e sociedade brasileira, necessitando ser reconhecidas como patrimônio que educa não só na perspectiva da identificação e sentimento de pertença, mas também no sentido de uma formação geral, por abranger uma gama incalculável de saberes, pois:

Os folguedos populares apresentam indubitável importância para a constituição de uma nacionalidade, por abarcarem uma série de saberes coletivos compartilhados por um povo, que neles se identifica enquanto comunidade. Cada integrante de um grupo social também se identifica individualmente, como participante importante no grupo e detentor de um saber. Se folguedos são importantes para a constituição de qualquer nacionalidade – por serem lugares em que diversos constituintes de uma cultura são vivenciados: música, canto, danças, linguagem, lendas, religião – no caso do Brasil essa relevância pode ser considerada fundamental, pela formação híbrida de nosso povo. (NEVES, 2013, p. 35).

Nessa perspectiva, considera-se a enorme relevância e função social desempenhada pelos folguedos como elementos constituidores da Educação Patrimonial. Pode-se afirmar que estes, em campo potencial, podem ser explorados como recursos e instrumentos teórico-metodológicos pelas instituições e agentes da educação de uma forma bem peculiar. As oportunidades proporcionadas a partir dos folguedos populares no âmbito da Educação Patrimonial são múltiplas e podem aproximar indivíduos e sujeitos de suas procedências patrimoniais, o que possibilita, ao mesmo tempo, uma alfabetização, uma leitura mais aprofundada do bem e do patrimônio em sua multiplicidade, pois a Educação Patrimonial, em sua dinâmica, busca levar as crianças e os adultos a um processo ativo de crescimento, aproximação e valorização de sua herança cultural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 2006).

Alfabetizar, educar a sociedade a respeito da Educação Patrimonial, quer seja o folgado popular ou mesmo a cultura popular como bem formador informal, não formal ou formal que imprime e zela pelo bem-estar social e cultural dos cidadãos, exige dedicação das instituições, sobretudo as educacionais, portanto a Educação Patrimonial pode ser aplicada em todas as instâncias que trabalham com a produção do conhecimento e saber como meio de educar e efeito de valorização de indivíduos, sujeitos, comunidades e sociedades, partindo-se do entendimento da necessidade de uma leitura e releitura do mundo.

Daí a importância da participação da sociedade nestes processos de leitura e releitura do mundo, na decodificação de seu patrimônio; porque estes elementos reforçariam o seu direito de ser residente, pertencente nesta ou naquela região, ou país, com tradições, identidades e culturas distintas e permeiam também a escolha e construção das possibilidades. (TAMANINI; PEIXER, 2007, p. 24-25).

Vale notar que no Brasil existe imprescindivelmente um rico patrimônio cultural, precipuamente a cultura popular, em razão da imensa diversidade oriunda da maneira segundo

a qual aconteceu a formação da nação e da sociedade brasileira. Esse patrimônio pode ser encontrado na culinária, músicas, danças, artes, festas, como é o caso do reisado do boi, ou só boi. O folguedo do boi tem primazia neste contexto de discussão.

Destarte, sabe-se que o reisado, como expressão e prática cultural, artística e popular tradicional de reis, mestres e brincantes, que, ao mesmo tempo, ensina para as necessidades da vida e revela-se misterioso e fantástico ao lidar com uma força transcendental, podendo integrar-se didaticamente no contexto das mais variadas formas da educação, visto que, a partir dessa cultura, se pode elaborar elementos de linguagem artísticos verbais e não verbais, assim como se pode lidar também no campo cultural e educacional em condições de relação com o que se consideram sopros incontestáveis da condição humana, como seria o caso do que se entende como sagrado ou mesmo como profano.

É necessário que a Educação Patrimonial seja ensinada aos indivíduos e sujeitos sociais como legado significativo e significador de identificação de suas origens, ancestralidade e herança, dado que não se pode negar que esse patrimônio vive e sobrevive em cada um e que este se desdobra no cotidiano familiar, religioso, político e social. O patrimônio cultural material e imaterial, quando visto sob as condições e potencial de educação e quando explorado de maneira criativa, torna-se fundamental para a formação da identificação dos sujeitos sociais. As interpretações dessas expressões fazem com que indivíduos e sujeitos sociais aproximem-se do que é global e local de maneira mais ativa, e isso leva a uma perspectiva da melhora da qualidade de vida de comunidade e sociedade num plano geral de conhecimento, entendimento e formação política, “se pensado no sentido da Paideia de Platão”. Isso é possível?

Ainda no tocante à questão da Educação Patrimonial, vale destacar que esta pode ser utilizada como fonte de conhecimento em qualquer circunstância, visto que pode ser aplicada a qualquer evidência material ou imaterial, seja um objeto visível ou não visível, ou mesmo um sítio arqueológico, uma paisagem natural, um parque, uma área de proteção ambiental, enfim, a metodologia da Educação Patrimonial pode ser aplicada em tudo e a tudo com que o homem mantém contato, direto ou não, por isso ela é relevante e deve estar presente necessariamente na vida de indivíduos e sujeitos para que se alfabetizem culturalmente (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 2006).

Portanto, o patrimônio, independentemente de sua categoria, deve ser preservado e conservado. Contudo, historicamente se sabe que o patrimônio material, durante muito tempo, atraiu e sustentou uma atenção maior por parte das instituições e sociedade. Isso desde as primeiras iniciativas de proteção do patrimônio cultural brasileiro, e claro que também ele é digno de ser valorizado, estudado, divulgado e preservado; sem ele, seria “impossível”

desenvolver uma ação de Educação Patrimonial mais eficaz. É ele que permite um entendimento maior do período a que ele pertenceu e sua contextualização histórico-cultural ainda “[...] estabelece uma compreensão das relações fundamentais entre o presente e o passado” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 2006, p. 26).

Entretanto, é preciso compreender que o patrimônio imaterial, embora considerado por muitos invisível, por isso não teria representatividade relevante, ao longo dos últimos anos também vem ocupando lugar de destaque no contexto das políticas públicas culturais. Isso sem dúvida alimenta muitas expectativas em favor de uma Educação Patrimonial reconhecidora e promotora de conhecimentos e saberes significativamente acentuados na construção dos sentimentos de identificação e sentimentos de pertencimento de indivíduos e sujeitos sociais ora renegados historicamente em seus contextos sociais.

Neste trabalho de tese, incontestavelmente existe um pensamento comum de que a Educação Patrimonial, no contexto da educação cultural, deva ser empreendida em diferentes espaços, mas efetivamente e mais fortemente ser desenvolvida no seio da educação formal, dado que a Educação Patrimonial constitui-se como relevante instrumento metodológico de alfabetização, formação e construção de saberes capazes de viabilizar os canais de entendimentos e diálogos permanentes entre educador, educando, comunidade e sociedade, para que haja entre eles uma integração e uma comunicação na perspectiva da construção do conhecimento e facilitação de tomada de consciência em conjunto para valorização, preservação e conservação dos bens culturais identificados e selecionados como bens materiais e bem imateriais (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 2006).

O Patrimônio Cultural local é o meio que está mais próximo para se conscientizar a comunidade e sociedade de sua importância como instrumento metodológico relevante no contexto da formação e educação. Assim, desenvolver Educação Patrimonial local contribui para que os indivíduos compreendam, conheçam, usufruam, valorizem e preservem o capital (riqueza) cultural que os rodeia e para que conseqüentemente estes possam se integrar e identificar-se com o local, o regional, o nacional e o global.

3.3 A Educação Patrimonial como bem cultural nacional, regional e local

O reconhecimento do folgado de reis como Patrimônio e Bem Cultural Educacional nacional, regional e local foi reivindicado em seminário realizado no IV Encontro de Mestres do Mundo no ano de 2008.

O Encontro foi promovido pelo Ministério da Cultura, por meio da Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural e do Governo do Estado do Ceará. O evento ocorreu na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, e reuniu autoridades e representantes de várias partes do Brasil e de outros países, que defenderam a conservação e preservação da cultura popular, sobretudo da cultura do reisado, através de políticas públicas comprometidas com os saberes e fazeres populares. Cerca de 300 mestres da cultura do som, do corpo, da oralidade e do Sagrado se fizeram presentes no acontecimento. A importância desse reconhecimento foi imprescindível para que o folguedo reisado tivesse seu espaço de forma global e de forma local no âmbito da cultura e da educação nomeadamente no cenário nacional. A manifestação e a prática da cultura do reisado em diferentes espaços e temporalidades muito contribuíram com o reconhecimento do reisado como Cultura e Patrimônio Educacional nacional, portanto foi defendido no Encontro de Mestres do Mundo que se deveria motivar e difundir a cultura do reisado nos espaços de formação e educação informal, não formal e formal com mais compromisso e responsabilidade social.

Sabe-se que isso não é tarefa simples, como pode ser imaginado, pois não é somente motivando e difundindo o patrimônio, seja ele edificado ou não edificado, que se tem sua cultura reconhecida como relevante. Isso não garante efeito na tomada de consciência de preservação, conservação e difusão. Todavia, pensar, difundir e defender o patrimônio, seja ele visível ou não visível, é relevante e uma das respostas a essa demanda e anseio popular encontra-se na Constituição Federal Brasileira, mormente nas suas últimas promulgações, embora ainda de uma forma tímida e interessada, com suportes legais em favor da promoção e difusão da cultura brasileira. A Constituição de 1988, a dita Constituição Cidadã, também ampliou os entendimentos e acepções do conceito de patrimônio, cultura e Educação Patrimonial, de modo que cultura ou patrimônio cultural fossem tão somente pensados como bem visíveis e de uma forma elitizada. É na Constituição de 1988 que mais bem se pensam e reconhecem o patrimônio invisível e a cultura popular como relevantes e imensuráveis bens da nação brasileira, que ensinam e que podem educar de uma forma bastante significativa, irreverente e inovadora.

A Educação Patrimonial pode constituir-se como bem e instrumento de “alfabetização cultural”, possibilitando ao indivíduo, no contexto nacional, regional e local, uma leitura precípua do mundo que o rodeia, levando-o a uma compreensão geral e particular desse mundo complexo em que se sabe que o diverso é formador do universo do espaço histórico-temporal em que ele está inserido. Esse processo contribui com o desenvolvimento de uma comunidade e de uma sociedade guiadas pelos pressupostos da valoração e valorização da cultura na qual se inserem. Indivíduos e sujeitos se fazem compreender na

cultura na sua multiplicidade e pluralidade, contudo com suas singularidades (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 2006).

O legislador constitucional estabeleceu que compõem o patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória e à história dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).

Desse modo, os entendimentos se voltam para a questão do patrimônio como bem material e imaterial, levando-se em conta as mais variadas formas de expressão e modos de criação e vivência, sejam eles visíveis ou invisíveis, pois se entende e reconhece que ambos são constituídos de valores e representatividades que tecem as objetividades e subjetividades humanas que vão se construindo ao longo da história. As manifestações culturais estão por toda parte e destas não se pode escapar. Elas estão sempre impregnadas de sentidos que ultrapassam a objetividade do visível e do invisível, do material e do imaterial, do tangível e do intangível, independentemente de cor, raça, credo ou posição social.

Com efeito, para um entendimento mais claro e coerente sobre bem cultural e Educação Patrimonial, importa a orientação e definição de alguns conceitos, mesmo de uma forma breve, para que o sujeito melhor compreenda o que sejam bem e patrimônio. O conjunto de bens que compõem o patrimônio é definido em três categorias: material, imaterial e natural, pois os sujeitos sociais e educadores não podem se iludir com aquele velho discurso e alimentar o que foi ensinado por muito tempo em diversos espaços, principalmente na escola, que bem e patrimônio cultural se constituem a partir daquilo que é visível, tais como a casa de um ilustre da cidade, a igreja mais bonita, os monumentos ou as coisas antigas; é preciso estar atentos e ter muito cuidado para não repetir os mesmos erros do passado. Deve-se buscar o entendimento das formas como foram pensadas a questão de bem e patrimônio cultural no passado, sabendo que essas formas só detectavam os bens e o patrimônio visível, ficando de lado os bens e os patrimônios naturais e os bens e os patrimônios invisíveis. Hoje já existem entendimentos em relação à relevância desse conjunto patrimonial na sua conjuntura, especialmente no contexto cultural e educacional. Pode-se afirmar que foram e são de suma importância o reconhecimento e a ampliação do conceito de patrimônio cultural como bem cultural imaterial (invisível) para que a compreensão deste se ampliasse e melhor se configurasse, bem como para que pudesse

captar outros bens visíveis que se tornavam antes invisíveis, como seria o caso dos bens e do patrimônio natural.

Não obstante, ainda se faz necessária a reflexão e complementação do conceito de patrimônio como canais vívidos para o perfil identitário nacional, regional e local. Nesse sentido, nas primeiras duas décadas do século XX, com a derrocada das teses evolucionistas, os estudiosos monopolizaram as discussões relativas à definição dos espaços e pontos de história e memória cultural a constituir abrigo ao patrimônio cultural visível. Entretanto, com o célebre acontecimento da Semana de Arte Moderna ocorrida em São Paulo em 1922, vários intelectuais e estudiosos passaram a cobrar a questão de uma identidade cultural para a nação brasileira, de forma que a discussão de bem e de patrimônio histórico e cultural como bens invisíveis ganhou tom, fazendo com que novamente ressurgissem no cenário das discussões, passando a desempenhar uma ilustre e nobre função metodológica.

Surge, então, efetivamente a metodologia da Educação Patrimonial no contexto não só dos bens visíveis, mas também dos bens invisíveis, que sistematicamente reconstruíam os entendimentos de Educação Patrimonial no campo do direito e da cidadania, embora primariamente essa prerrogativa circunstancial fosse inicialmente privilégio de poucos. Institutos e secretarias pouco a pouco puderam fomentar a ideia da necessária consolidação da valorização dos bens culturais visíveis e não visíveis. Ao longo do tempo, começam a surgir as políticas, programas e projetos ministeriais em favor da cultura como bem necessário à Educação Patrimonial: Política Nacional de Cultura Viva, Programa Cultura Viva, Projeto Ponto de Cultura, Pontões de Cultura, todos objetivaram investir na prerrogativa da cultura e da Educação Patrimonial como direito e garantia capazes de atender aos anseios e reivindicações de diferentes setores da sociedade. Políticas de valorização e regulamentação da cultura, sobretudo da cultura popular, passam a dominar o campo e o território brasileiro ao passo do desenvolvimento dessas políticas. Uma destas, a Política Nacional de Cultura Viva, visou:

Garantir o pleno exercício dos direitos culturais aos cidadãos brasileiros, dispondo-lhes os meios e insumos necessários para produzir, registrar, gerir e difundir iniciativas culturais; Estimular o protagonismo social na elaboração e na gestão das políticas da cultura; Promover uma gestão pública compartilhada e participativa, amparada em mecanismos democráticos de diálogo com a sociedade civil; Consolidar os princípios da participação social nas políticas culturais; Garantir o respeito à cultura como direito de cidadania e à diversidade cultural como expressão simbólica e como atividade econômica; Estimular iniciativas culturais já existentes, por meio de apoio e fomento da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios; Promover o acesso aos meios de fruição, produção e difusão cultural; Potencializar iniciativas culturais, visando à construção de novos valores de cooperação e solidariedade, e ampliar instrumentos de educação com educação; Estimular a exploração, o uso e a apropriação dos códigos, linguagens artísticas e espaços públicos e privados disponibilizados para a ação cultural. (BRASIL, 2014, s.p.).

A Política Nacional de Cultura Viva e outros programas, como o Programa Cultura Viva, o Projeto Ponto de Cultura e ainda os Pontões de Cultura, tornaram-se os principais instrumentos em destaque no conjunto das políticas, programas e projetos empreendidos pelo Ministério da Cultura, que, juntamente com a sociedade civil e outros órgãos não governamentais, desenvolvem várias ações de impacto sociocultural-educacional, fazendo-se presentes nos 26 estados da federação e também no Distrito Federal, com o objetivo de articular, vivificar e propagar a diversidade cultural existente em todo o país. No ano de 2015, já se articulavam em torno de 4.500 pontos de cultura, que passaram a ser gerenciados pelos Pontões de Cultura, que pontualmente cadastravam e coordenavam as atividades empreendidas pelos Pontos de Cultura, que já envolviam no período mais de oito milhões de pessoas em todo o Brasil (BRASIL, 2014; TURINO, 2010).

Entre os muitos favorecidos, havia jovens e grupos tradicionais protagonistas da periferia e do interior do Brasil agregando-se a esses programas. Populações indígenas e quilombolas, antes ignoradas e desprezadas, merecidamente tiveram suas referências reconhecidas e constituídas a partir da Lei nº 13.018, aprovada no governo da então presidente Dilma Rousseff, em 22 de abril de julho de 2014. A lei normatizou, regulamentou e implementou a Política Nacional de Cultura Viva, viabilizando, assim, os processos de prestação de contas e de recursos destinados a tal fim.

Desse modo, as políticas, programas e projetos institucionalizados referentes à Cultura e Educação Patrimonial se apresentam como um direito e garantia às manifestações antes ignotas, passando não só a serem reconhecidas como também ensinadas, como forma de se visibilizar, considerar, valorizar e prestigiar o desenvolvimento do sentimento de pertença de comunidades e sociedades em todo o território nacional. Assim, o perfil identitário da nação vai se revelando e se desnudando às vistas de seu próprio povo e de sua própria gente. Na verdade, essas políticas acabam por ensaiar o mapa da cultura brasileira à medida que vão reconhecendo os diferentes pontos de cultura que caracterizam as formas de ser, viver, criar e recriar dos brasileiros em cada canto e recanto em que gorjeia cada “Sabiá”.

A seção que dá sequência a este trabalho se debruça sobre o reisado e seus aspectos descritivos e histórico-epistemológicos, estabelecendo um agudo entendimento com o pressuposto da Educação Patrimonial e tendo como principal escopo a definição, caracterização, descrição e *historicização* do objeto em discussão, tendo em vista o conhecimento desse objeto na sua gênese de forma geral e específica em seus diferentes contextos de representação historiográficos nacionalistas e regionalistas.

4 REISADO: DEFINIÇÃO, DESCRIÇÃO E ALGUNS APORTES HISTÓRICO-EPISTEMOLÓGICOS

“A cultura popular tradicional é constituída por bens simbólicos criados por trabalhadores, homens e mulheres do povo, normalmente com baixo poder aquisitivo e baixo nível de instrução formal, e que têm ligações diretas com as condições concretas de uma batalha dura pela sobrevivência.” (RIOS, 2014, p. 795).

A abordagem nesta seção concentra-se em torno da cultura do reisado de uma forma geral, todavia sendo consideradas algumas de suas derivações regionalistas. Esse folguedo apresenta uma origem histórica e metodológica bastante controversa. Desse modo, esta escrita aborda conceitos, características e definições gerais e específicas sobre o reisado e suas peculiaridades a partir de exposições descritivas e teórico-epistemológicas. A princípio, parte-se do pressuposto de que a festa ou folia de reis, ou ainda reisado, configura-se como um folguedo representativo e patrimônio da cultura popular tradicional que se realiza em grupos de pessoas com ideal comum, reproduzindo práticas, valores e costumes e perpetuando bens culturais visíveis e não visíveis identitários de alguns grupos sociais que preservam suas tradições.

4.1 O reisado ou folia de reis como festa popular tradicional

O reisado, como folguedo popular⁵, patrimônio e festa popular tradicional, acontece anualmente em tempos e períodos determinados em diversas regiões do Brasil. É uma manifestação cultural de cunho profano⁶ e religioso⁷, tendo sua origem ainda discutida até os

⁵ Folguedo popular: dinâmica da cultura folclórica recheada por elementos da dramaticidade coletiva e com peculiar estruturação. A dramaticidade e/ou o dramático acontece(m) não só no sentido de ser uma representação cênica, mas também porque é constituída de elementos espetaculares típicos da dramaturgia do cortejo com uma estrutura organizada, apresentando danças e cantorias nas ruas e praças públicas das cidades, especialmente nos dias de festas em louvor de santos padroeiros ou do calendário local (LIMA, 1962).

⁶ Profano: seria um estado de ser no mundo, a experiência no espaço tal como é vivida pelo homem que se diz não religioso, que recusa a sacralidade do mundo e que assume a existência “profana”, acreditando ser esta realidade dita profana purificada de toda pressuposição religiosa. Todavia, sabe-se que tal experiência não se encontra ainda em estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do mundo, o homem que fez a escolha em negar o sagrado em favor de uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso ou mesmo a cultura religiosa, uma vez que, de um modo ou de outro, este estaria nela imerso (ELIADE, 1992).

⁷ Religioso: para o homem religioso, o espaço não é homogêneo; o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa” (BÍBLIA, 2005, Êxodo, 3:5). Há, portanto, um espaço sagrado, por consequência, “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, por consequência, sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso, essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto – a extensão informe, que o cerca. “É preciso dizer, desde já, que a

dias de hoje mediante distintos pontos de vista de estudiosos e pesquisadores, visto que alguns acreditam que essa manifestação tem suas origens na Festa do Sol, que acontecia no Egito Antigo, ou ainda, como afirmam alguns estudiosos, teria no Brasil a influência dos colonizadores portugueses, bem como influências indígenas, africanas e mesmo espanholas. Assim, o reisado está relacionado ao profano-religioso, porém, em terras brasileiras, tem destaque voltado para o catolicismo cristão, representado pela comemoração ao nascimento de Jesus, em Belém da Judeia, e pela visita dos Reis Magos ao recém-nascido, conforme a tradição bíblica e o pressuposto descrito no capítulo 2 de Mateus (BÍBLIA, 2005).

Outros declinam a ideia de que o reisado é de origem nativa (indígena). Há também a predominância da ideia de que o reisado tem uma forte influência africana, já que a História “[...] demonstra ser uma manifestação cultural de organização africana. Esta manifestação faz parte do teatro urbano africano e das danças de cortejo, sendo esta uma característica marcante e comum a todas as danças e festas de catolicismo de preto” (NUNES, 2007, p. 100). Destarte, não há uma definição encerrada quanto à origem do reisado no Brasil. Cabe pontuar que essa discussão não será o objetivo do trabalho em foco.

O reisado ou folia de reis é uma festa ou folguedo popular tradicional realizada comumente entre o período natalino e o Dia de Reis (24 de dezembro a 6 de janeiro), sobretudo nas regiões do Nordeste e Norte do Brasil, embora se saiba que no estado de Sergipe o folguedo é realizado em qualquer época do ano e os temas de enredo fazem alegorias de acordo com o lugar e o período em que os festejos estejam sendo encenados. Em linhas gerais, o tradicional na cultura popular é identificado “[...] pela antiguidade, pela persistência das manifestações, pelo anonimato dos criadores, cuja referência vai se perdendo com o passar do tempo, e por fortes traços da oralidade, que, muitas vezes, extravasam para a fixação escrita [...]” (RIOS, 2014, p. 795).

A efetivação do reisado se dá com grupos organizados de indivíduos e sujeitos que saem visitando as casas de pessoas da comunidade, geralmente à noite, tocando músicas populares típicas e/ou cânticos religiosos em homenagem aos Reis Magos que teriam visitado Jesus por ocasião de seu nascimento, seguindo, assim, a tradição do catolicismo cristão. Com os músicos, seguem também brincantes com vestimentas representativas do tema da festa.

Para alguns estudiosos, a folia de reis ou reisado veio com os colonizadores portugueses já no final da época colonial. Outros afirmam que a origem do folguedo é

experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma ‘fundação do mundo’. Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que precede toda a reflexão sobre o mundo. É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o ‘ponto fixo’, o eixo central de toda a orientação futura” (ELIADE, 1992, p. 17).

espanhola. Seja de onde for, o fato é que o reisado entrou no Brasil através do Nordeste, incorporando-se e aglutinando-se à cultura popular do país por meio de elementos peculiares artísticos e musicais com as batidas típicas dos tambores africanos específicos em cada região e/ou microrregião do Brasil. Segundo Cascudo (2012, p. 610), o reisado:

É denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e Dia de Reis (6 de janeiro). Em Portugal diz-se reisada e reiseiros, havidos no Norte, Famíliação, Maia, Mondin-de-Basto, Ponte-de-Lima e Vila-de-Conde [...], que tanto pode ser o cortejo de pedintes, cantando versos religiosos ou humorísticos, como os autos sacros, com motivos sagrados da história de Cristo, no exemplo citado por Alberto Pimentel de uma representação de Herodes e o Nascimento do Menino em Friães e Santo Tirso [...], J. Leite de Vasconcelos denomina quase sempre Reis a esses grupos (Ensaio Etnográfico, II, 260, VI, 59, 433), embora diga que o auto de Friães seja uma 'reisada ou auto popular de Natal' [...]. No Brasil, a denominação, sem especificação maior, refere-se sempre aos ranchos, ternos, grupos que festejam o Natal e Reis. O Reisado pode ser apenas a cantoria como também possuir enredo ou série de pequeninos atos encadeados ou não.

A festa de reisado, à parte as controvérsias, figura indubitavelmente no rol do patrimônio cultural brasileiro como festa popular tradicional. Nessa esteira:

As manifestações da cultura popular têm, assim, forte traço grupal, desempenhando na tradição papel de coesão social e moral nas comunidades. Usos e costumes, lendas e narrativas, cantos e rezas são formas de explicação do mundo fundadas em um valor cognitivo consensualmente estabelecido. Elas estabelecem modelos de comportamento, preservam crenças e valores. Não se trata, entretanto, de reprodução compulsiva do passado. Ao lidar com o aqui e agora das necessidades do povo, essas tradições – em grande parte orais – reapresentam-se e reelaboram-se continuamente, como resposta às carências das comunidades. Assim, os bens da cultura não devem ser vistos como formas literárias cristalizadas ou comportamentos concretos, mas como significados permanentemente atribuídos pelos homens ao mundo e, portanto, passíveis de mudanças e ressignificações. (RIOS, 2014, p. 816).

A folia de reis, em seu exercício prático, exige uma indumentária específica de seus protagonistas. A folia de reis ou reisado é realizada por um grupo de foliões brincantes, cantantes e dançantes que percorrem as ruas da cidade ou zona rural a fim de visitar as pessoas (geralmente à noite) quando estas já se encontram dormindo, portanto a visita em geral ocorre pelas ditas altas horas da noite. Os visitantes brincantes de reis são sempre muito gentis e seguem tocando e cantando nas portas dos populares de casa em casa esperando que estes lhes sejam hospitaleiros e receptivos e ofereçam-lhes alguma contribuição em dinheiro, segundo o costume. O nome do folguedo varia de acordo com a região e/ou estado. Em Alagoas, Bahia e Sergipe, a denominação permanece reisado; em São Paulo, folia de reis; em muitas outras regiões do país, o folguedo ou dança folclórica recebe denominações como: bumba meu boi (denominação mais comum), boi-bumbá, boi de reis, boi-de-mamão, boi-surubim, boi-zumbi, dança do boi, boi-de-mourão, bumba, bozinho ou apenas boi; em Natal, Rio Grande do Norte, há a versão potiguar do reisado, o boi-calemba. Essa versão teve desígnio por Mário de

Andrade em viagem a Natal em 1929 e teve como finalidade diferenciar a denominação do folguedo daquela atribuída nos demais estados do país. O boi-calemba tenta se manter firme às suas tradições. O cântico, a dança, os personagens e a indumentária dos brincantes apresentam-se de acordo com o costume e a tradição de cada região do país.

4.2 Reisado: principais características, personagens e indumentárias

Uma das principais características do reisado, além das alusões musicais ao nascimento de Jesus Cristo, são as roupas (indumentárias) coloridas dos grupos de músicos e cantores que compõem os personagens participantes do evento sob a liderança de um mestre. No Norte e Nordeste do país, o folguedo tem sido incrementado com cores, formas e sons típicos de cada micro ou macrorregionalismo e ocorre sempre no ciclo natalino de meados de novembro a 6 de janeiro do ano seguinte, embora possa ocorrer em outros períodos do ano, como é o caso de Sergipe. Outra característica bastante comum em relação à composição dos integrantes desse folguedo diz respeito aos personagens, que em geral são divididos em três categorias: humanos, fantásticos e animais. Os humanos fazem o papel cômico, interpretado pelos personagens de Mateus e Catirina. Esses personagens podem mudar de nome de acordo com o lugar. Por exemplo, nos bois da região Norte, o Mateus é o Chico ou Pai Francisco, Birico, Bastião ou Fidélis e a Catirina pode se chamar Lica, dependendo da região do país. As categorias que representam os animais e os seres fantásticos antecedem a entrada do boi no terreiro. Os animais são compostos pelas representações do Bode, Urubu, Ema, Burrinha etc. Os seres fantásticos são compostos pelo Cão (Diabo), o Morto-Vivo e outras figuras satíricas, como o Padre, o Fiscal e o Doutor (CASCUDO, 2012).

As partes que compõem a realização do evento do reisado são: abrição ou abertura de porta; entrada; louvação ao Divino; chamada do rei; peças de sala; danças; guerras; sortes e encerramento da função. Os principais personagens são: o Rei, o Mestre, o Contramestre, Mateus, Catirina, Figuras e Moleques. O evento ocorre o tempo todo acompanhado por música do mestre (solista) seguida por duas vozes. Os instrumentos sonoros são usados alternadamente e são compostos pela sanfona, tambor, zabumba, viola, rabeca ou violão, ganzá, pandeiros, pífanos e “maracás” (chocalhos feitos de lata), geralmente enfeitados com fitas coloridas. As danças, ritmos e passos durante o evento são bastante diversificados, tais como: o gingá (em que os figurantes acorados se balançam e gingham); a maquila (pequeno pulo com as pernas cruzadas e balanços do corpo para os lados alternadamente); o corrupio

(movimento de pião sobre o calcanhar esquerdo); e o encruzado (cruzamento de pernas ora à direita, ora à frente da esquerda, ora ao contrário) (BARROSO, 2008; RIBEIRO, 1970).

Os principais personagens do reisado têm suas funções e indumentárias definidos peculiarmente, ressaltando que a descrição realizada aqui é de caráter geral, podendo haver outras dimensões e personificações, dependendo da tradição regional. Com base nos escritos de Barroso (2008), Cascudo (2012) e Ribeiro (1970), seguem as descrições gerais dos principais personagens e indumentárias utilizadas e suas funções por ocasião da realização do cortejo.

O Mestre rege o espetáculo através de apitos, gestos, ordens e comanda a entrada e saída de peças e o andamento das execuções musicais. Sua indumentária é formada por um chapéu típico com forro de cetim, aba dobrada na testa, no estilo dos cangaceiros, enfeitado com bastante espelinhos, bordados dourados e flores artificiais, de onde pendem fitas compridas multicoloridas; na parte torácica, veste blusa com peitoral e capa; na parte inferior, veste saiote de cetim com cores vivas até a medida dos joelhos, enfeitado com gregas e galões, vestindo por baixo uma saia branca de babados. O Contramestre segue imediatamente o Mestre e o substitui prontamente em sua ausência. Sua vestimenta, embora menos pomposa, assemelha-se à do Mestre. O Rei, por sua posição, tem vestimenta de maior ostentação: saiote e blusa de mangas compridas de cores iguais, peitoral e manto de cores diferentes em tecido brilhante de cetim ou laquê, calça sapatos e meiões coloridos. Na cabeça, conduz uma coroa aos moldes dos reis ocidentais, alçada por uma cruz; nas mãos empunha uma espada ou cetro. Durante o cortejo, o Rei vem logo atrás do Mestre e Contramestre. A Rainha é representada por uma menina com vestido festivo de cor branca ou rosa com uma coroa na cabeça e um ramalhete de flores nas mãos.

Os Mateus (em geral apresentam-se em dupla) são personagens cômicos que vestem calças de tecido xadrez e paletós, usam chapéus no estilo cauringa (grande chapéu afunilado), ornamentados com espelhos e fitas coloridas, rostos pintados de preto (geralmente tisna de panela ou vaselina), óculos escuros e nas mãos conduzem os pandeiros. A Catirina (outrora conhecida como Lica) é a noiva de Mateus e, assim como ele, desempenha a função cômica. Veste-se de preto com pano amarrado à cabeça e rosto também pintado de preto. De posse de um chicote, corre constantemente em direção às crianças e moças que assistem ao evento.

Os demais, Figuras e Moleques, formam duas fileiras simétricas e hierarquicamente organizadas, uma à direita e outra à esquerda do Mestre, formando o coro, cantando e dançando ao ritmo do Mestre. Em razão de sua temporalidade, amplitude e multiculturalidade, o reisado pode ser considerado como patrimônio da humanidade. Há de se ressaltar que o reisado, mesmo tendo alcance global, transfigura-se em seus respectivos lócus de atuação com suas peculiaridades culturais. Vale ressaltar que todo o espetáculo tem ao

centro do terreiro ou espaço apropriado um boi e a motivação é a morte e ressurreição do boi, na esteira da cultura popular tradicional.

A saga do casal Mateus e Catirina não se encerra tão somente na apresentação por ocasião do cortejo. O desenrolar do enredo dos personagens, sobretudo de Mateus e Catirina no entorno da valorização e idolatria da figura do boi, envolve elementos dos costumes lusitanos e africanos que constroem uma narrativa muito conhecida em várias regiões do país retratando a história de um casal, Mateus e Catirina, representantes de figuras escravas que são descobertos pelo patrão ao matar o boi predileto do seu amo. Tudo porque Catirina, estando grávida, revela ao marido o desejo de comer língua de boi. Para atender ao pedido da amada, o marido Chico (ou Pai Francisco, dependendo do local) mata o boi. Descoberta a afronta, Mateus é preso por ordem do patrão. O enredo relata que, no clímax do conflito, surgem os curandeiros, que ajudam a ressuscitar o boi. A ressuscitação muda fortemente o desfecho dessa história que tem alimentado a memória e o imaginário dessa cultura em diferentes tempos em que é contado esse enredo pelo Brasil afora. Pode-se dizer que existe uma relação muito estreita entre a cultura do reisado e a cultura do bumba meu boi, haja vista que essas narrativas apresentam como pontos comuns a morte, a ressuscitação, a música, o drama, a tragédia, a sátira e a comédia, demonstrando que, em qualquer tempo e em qualquer lugar, o homem precisa sempre narrar/cortejar para não morrer (BARROSO, 2008; CASCUDO, 2012; RIBEIRO, 1970).

O reisado e sua derivação do bumba meu boi transcendem a visualidade/formatação material de significações, alcançando o simbólico de forma ressignificativa.

Estudar a cultura popular implica estar atento para a proximidade entre a esfera material da existência e a esfera espiritual ou simbólica, para a indissociabilidade de necessidades orgânicas e necessidades morais, do corpo e da alma. Cultura popular implica modos de viver, e seu estudo requer atenção aos laços que atam os processos simbólicos às condições concretas de sociabilidade da vida popular. (RIOS, 2014, p. 818).

A base de projeção do reisado é a temporalidade, dado que este pode agregar-se ao patrimônio imaterial de diferentes modalidades no contexto do imaginário popular.

Combinando elementos épicos e cômicos, seu riso é o riso de homens e mulheres que se veem como parte da natureza, celebra a liberdade e a abundância, invertendo hierarquias e valores estabelecidos. A subsistência destes folguedos se faz por uma economia de dons e sua dinâmica implica a doação de traços culturais das mais diferentes procedências. A incorporação das figuras pelos brincantes se dá por um processo de desencantamento, que faz com que homens e mulheres simples, do povo trabalhador, tirem de si figuras de Reis e Rainhas, Santos e Guerreiros, que trazem ocultas. Um esboço de cartografia destes folguedos possibilita a percepção de diversidades, que podem se originar tanto de diferenças nas formações culturais das várias regiões, quanto, simplesmente, de particularidades individuais, na trajetória de mestres e brincantes. (BARROSO, 2008, p. 2).

Convém salientar que esse evento, embora inicialmente insignificante e aparentemente controverso na sua origem e organização, teve sua tradição mantida e abraçada pelo ideário católico e eurocêntrico, que passou a difundir-lo depois do nascimento de Jesus, o Cristo, a partir sobretudo do século IV.

No Brasil, a tese mais aceita é a de que o reisado é fruto das relações sociais entre nativos (índios), africanos (escravos) e europeus (especialmente portugueses). A origem e a própria denominação indicam mais precisamente que essa manifestação tenha se consolidado durante o período do Ciclo do Gado, tempo em que a escravidão ainda era fortemente vivida no Brasil, em que, havendo grande necessidade de mão de obra escrava, a cultura aproximou a senzala da casa-grande (FREYRE, 2000). O sequestro e o tráfico, contemporaneamente à época, institucionalizados pela dita cultura eurocêntrica de pessoas de várias partes da África, de seres humanos de origem negra para as terras brasileiras, possibilitaram uma confluência de costumes, tradições e manifestações culturais diversas e complexas. Com efeito, o povo negro, ao ser transportado como escravo para cá, trouxe consigo seu legado cultural, que se misturou com o das outras etnias existentes nestas terras. Os povos africanos trouxeram um legado de existência humana muito singular:

Stamos em pleno mar... Doudo no espaço / Brinca o luar – dourada borboleta / E as vagas após ele correm... cansam / Como turba de infantes inquieta [...]. / [...] Tinir de ferros... estalar de açoite... / Legiões de homens negros como a noite, / Horrendos a dançar... / [...] Presa nos elos de uma só cadeia, / A multidão faminta cambaleia, / E chora e dança ali! / Um de raiva delira, outro enlouquece, / Outro, que mártírios embrutece, / Cantando, geme e ri! [...]. (ALVES, 1983, p. 91).

O legado cultural africano reveste a raça negra de força e, de certa forma, permite-lhe resistir e suportar as dores físicas e espirituais que lhe foram impostas cruelmente por seus algozes. Os africanos costumavam se reunir à noite nos terreiros das fazendas onde eram explorados com a finalidade de se solidarizarem, vivenciarem e deleitarem-se – o que fosse possível – com a cultura arraigada em seu âmago, que pouco a pouco sofria e sofria a influência, misturando-se com a cultura local, sobretudo a popular.

A construção do Brasil está indissolúvelmente ligada ao continente africano. Toda evolução da história e da cultura brasileira estão marcadas pelas histórias e pelas culturas africanas trazidas para essa margem do Atlântico pelos milhões de africanos escravizados que para cá foram enviados pelo tráfico. A presença dos africanos no Brasil é muito antiga. É possível que seja mesmo anterior à invasão dos portugueses em 1500, se for considerado o fóssil com traços negroides encontrado em Minas Gerais, apelidado de Luzia. Certo é que a frota de Pedro Álvares Cabral trazia africanos e que, com o primeiro Governador-Geral, Tomé de Souza, vieram os primeiros grupos de africanos escravizados. (CARVALHO, 2009, p. 5).

O reisado e/ou festa do boi no Brasil certamente adquiriu um significado bastante diferenciado e diversificado, especialmente devido à mistura africana. Os africanos traficados para cá vieram de vários países da África: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, entre outros. Sabe-se que cada cativo dessas nações trazia consigo peculiaridades culturais (crenças religiosas, danças, músicas) que, agregadas à cultura local, puderam criar propósitos e enredos com suas particularidades e variações. Pode-se considerar como exemplo a tradicional festa de bumba-boi ou de bumba meu boi⁸, que chegou na região amazônica através de nordestinos. Lá, essa cultura se tornou ainda mais fortemente diversa e marcada pelos elementos que lhe foram agregados pela cultura indígena, a qual, se contraposta ao reisado de congos⁹ de Juazeiro do Norte, apresenta intensas e profundas diferenças.

A tradição do reisado no Brasil certamente é bastante distinta por conta do forte sincretismo que se pauta na heterogeneidade e peculiaridade dos distintos elementos e traços da cultura europeia, indígena e africana. Esse sincretismo é reconhecido na folia de Parintins (Amazonas) 1913/1965. Nessa grande festa, ocorre uma disputa entre dois grupos de bois-bumbás, o Caprichoso e o Garantido. A festa exprime exuberantemente a beleza através de um festival de cores e da expressividade das torcidas, que traduzem a ação coletiva típica dos povos indígenas.

Em Juazeiro do Norte, no Ceará, o reisado de congos se baseia na herança africana dos povos descendentes do Império Congo ou bantos, como também são chamados, e o enredo apresenta os personagens de Mateus e Catirina com uma mistura de coroações de reis que relembra o Império Congo. Ainda outras figuras se misturam a personagens de animais, sendo que entre eles está o boi do original bumba meu boi (CAVALCANTI, 2000).

O folguedo do bumba meu boi, derivado do reisado ou boi de reis, conforme Renato Almeida (1942), citado por Cascudo (2012, p. 136), é “[...] o mais popular,

⁸ Bumba meu boi: “[...] é o termo genérico pelo qual é conhecida a manifestação cultural popular brasileira que tem o boi como principal componente cênico e coreográfico. Há registros de brincadeiras de boi em todas as regiões do Brasil, com as especificidades que dão conformidade diferente a uma mesma expressão cultural cuja denominação pode variar de acordo com o lugar de ocorrência. Bumba meu boi, Boi-bumbá, Boi Surubi, Boi Calemba, Boi de Mamão, Boi Pintadinho, Boi Maiadinho, Boizinho, Boi Barroso, Boi Canário, Boi Jaraguá, Boi de Canastra, Boi de Fita, Boi Humaitá, Boi de Reis, Reis de Boi, Boi Araçá, Boi Pitanga, Boi Espaço e Boi de Jacá são algumas das terminologias que a brincadeira do boi, com suas diferenças e similitudes, recebe nos mais diferentes estados do Brasil” (IPHAN, 2011, p. 17).

⁹ Reisado de congo: “[...] autos populares brasileiros de motivação africana, representados no Norte, Centro e Sul do país. Os elementos de formação foram: a) Coroação dos Reis de Congo; b) préstitos e embaixadas; c) reminiscências de bailados guerreiros, documentativos de lutas, e a reminiscência da Rainha Njinga Nbandi, Rainha de Angola, falecida a 17 de dezembro de 1663, famosa Rainha Ginga, defensora da autonomia do seu reinado contra os portugueses, batendo-se constantemente com os sobrados vizinhos, inclusive o de Cariongo, circunscrição de Luanda. Nos Congos do Rio Grande do Norte, o rei local é Henrique, rei cariongo, transformado em rei de Congo noutras paragens. Especificamente, como vemos e lemos no Brasil, nunca esses autos existiram no território africano. É trabalho da escravaria já nacional com material negro, tal qual ocorre com o fandango, dança em Espanha e Portugal, e auto no Brasil, ao derredor da xácara da ‘Nau Catarineta’” (CASCUDO, 2000, p. 298).

compreendido e amado no Nordeste [...], pertencendo ao ciclo do Natal e sua presença no Carnaval é reprovada pelos tradicionalistas”. O bumba meu boi:

Apresenta-se em terreiro livre, campo aberto, não demandando tablado e atendendo os convites para residências particulares. A mais antiga menção é a do Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama (1791-1852) no seu periódico *O Carapuceiro*, de 11 de janeiro de 1840, no Recife, já constituído com figuras, bailados e enredo [...]. O Nordeste deve ter sido sede de formação e de conforto. O Bumba Meu Boi no Brasil Central e Estados do extremo Norte e Sul foi exportação nordestina [...]. A figura poderosa do touro tem a mais diversa e prodigiosa bibliografia no domínio mítico, hinos védicos, lendas hindus, tradições brâmanes, iranianas, turianas, eslavônicas, germânicas, escandinavas, francas, celtas, gregas. (CASCUDO, 2012, p. 136).

Destarte, consideram-se as controvérsias da origem exata da cultura do reisado no Brasil em razão da composição multiétnica e cultural. Nessa esteira:

[...] não se sabe exatamente onde se originou o reisado, mas há a hipótese de ter surgido na zona açucareira, onde havia uma grande aglomeração de populações negras, o que possibilita o florescimento de traços culturais próprios e posteriormente ter migrado para o sertão, onde se sedimentou. (NUNES, 2007, p. 103).

O fato é que a tradição das manifestações culturais do reisado no Brasil ocorre no período que antecede o Natal (25 de dezembro) e se estende à data comemorativa de Dia dos Reis (6 de janeiro). Em algumas regiões ou estados da federação, o folguedo ocorre em diferentes datas do ano, porém respeitando as tradições estruturantes do folguedo. Vale ressaltar que tanto em Portugal como na Espanha, durante esse período, algumas pessoas seguidoras do catolicismo cristão costumam ou costumavam sair às ruas cantando e dançando para anunciar o nascimento de Jesus Cristo, objetivando reduzir o paganismo e ensinar o catolicismo cristão; de fato, até os dias de hoje, esse é o período em que mais o reisado se apresenta. Destarte, constitui o reisado ou folia de reis um patrimônio e um bem no contexto das práticas educativas¹⁰ no Brasil e ainda em outros países do mundo europeu.

Na seção seguinte, “O Reisado Boi Coração, tesouro vivo da cultura e da educação ocareense: memórias e narrativas”, é apresentada uma rica e profunda experiência com o folguedo de reis, na qual o patrimônio cultural popular tradicional constitui-se como ferramenta e instrumento indispensável de alfabetização cultural, principalmente no contexto da educação informal e não formal, construindo e constituindo, assim, uma forte representação e referência de metodologia de Educação Patrimonial possível no contexto formal de educação dos cidadãos ocarenses.

¹⁰ Práticas educativas: o ponto de partida de toda prática educativa é a situação concreta, a realidade; o meio existencial e a experiência vivida são sempre uma referência. A educação, no sentido mais amplo, é a própria formação dos seres humanos em práticas sociais diversas. Na sociedade de classes, as práticas educativas se dão na materialidade das contradições que, ao longo da história, disputam projetos educativos (formativos) opostos, expostos nos conflitos entre exploradores e explorados (FREIRE, 2009).

5 O REISADO BOI CORAÇÃO: “TESOURO VIVO” DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO OCARENSE: MEMÓRIAS E NARRATIVAS

“Te levanta, vaqueiro, enceba arreio e gibão, e vai na capoeira vaqueiro, pega o cavalo alazão, e vai nas campina, vaqueiro, buscar o Boi Coração. Mas cadê o meu garrote, que ainda não chegou, por certo mudou a maiada, padrim, o vaqueiro não chegou. Mas cadê o meu garrote, filho da vaca maravilha, dá boa noite ao padrim, ô bargado, pergunta pela família. Nos chifres do meu garrote, cinco obras se formou, uma igreja e um sobrado, ô padrim, uma rosa e um botão de flor. Meu garrote coração, que veio do jardim de ourora, tem um olho que espia, ô padrim, e o outro que namora. Se acaso você quer ver, meu padrim, a coisa vai ser agora.” (SANTOS; LOPES, 2007, s.p.).

A canção poética que acima se apresenta foi elaborada pelos mestres da festa de reis e também principais colaboradores do Grupo de Reisado Boi Coração, Luciano Correia dos Santos e Cícero Batista Lopes. As memórias e narrativas da festa de reis da família Boi Coração são diversas e inúmeras. A arte do teatro nômade, a dança e a música unem e reúnem não só a família do Boi Coração, como também muitos cidadãos ocarenses que apreciam a cultura de reis.

5.1 O reisado em Ocara: práticas educativas formais e não formais

Damatta (1984, p. 153) assevera: “Como poderei chegar a captar essa realidade social se não me coloco diante dela como um semelhante aos que dela tiram a honradez, a dignidade e o sentido da existência?”. Existência? O filósofo francês Jean-Paul Sartre se torna renomadamente conhecido pelo pensamento político-ideológico pensado e elaborado pela sua filosofia do “existencialismo”. Nas palavras dele: “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz a si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo” (SARTRE, 1987, p. 6). O autor francês (1987) sustenta que a existência precede a essência. Sabe-se que alguns seres de essência, como os animais do tipo abelha, aranha, etc., já nascem providos de determinadas características e capacidades que lhes permitem um tipo de sobrevivência no seu ambiente natural. Já os seres de existência, ou seja, os seres humanos, considerados por alguns outros teóricos renomados como demasiadamente humanos, precisam construir e desenvolver, ao longo de sua existência, alguns atributos que possam validar a sua vivência

no âmago de suas necessidades, sobretudo as necessidades imateriais, subjetivas e espirituais.

Sabe-se que no dia a dia o homem, na condição de ser repleto de necessidades, pode saciar sua fome material com muito pouco, a exemplo do homem do sertão nordestino, que se adaptou à cultura da resiliência alimentar, comendo muitas vezes um prato de feijão com farinha acompanhado de um pedaço de rapadura, sendo isso o bastante para saciar sua fome material. Contudo, a fome imaterial humana se manifesta no plano do invisível e do intangível, já que o homem, de acordo com Sartre (1987), é “um ser para si”, concluindo, portanto, que o homem também busca saciar suas vontades, seus desejos e suas necessidades imateriais no plano das manifestações culturais indubitavelmente.

Assim, muitos, sem saber, procuram saciar a fome e a sede que não sabem que possuem nem sabem que procuram. Muitos, por caminhos tortuosos, acabam se encontrando com as vicissitudes e destas tornam-se escravos, acreditando que nestas encontraram a satisfação e a liberdade que almejam. O caminho do degrado e do engano não lhes permite enxergar que o homem, como afirmou Sartre (1987), está condenado à liberdade, ou seja, está condenado a fazer escolhas ou ainda correlativamente, segundo a tese criacionista, o homem está condenado ao livre-arbítrio, estando, de um modo ou de outro, condenado à liberdade.

Nesse fragmento de reflexão, o pressuposto justificador é o de que o homem, ao escolher saciar as necessidades de sua alma pelo viés cultural patrimonial, pode trilhar o caminho das flores, evitando, assim, o caminho das pedras, no sentido de que na cultura, efetivamente na Educação Patrimonial ou cultura popular, assunto da pauta desta tese, podem-se encontrar os elementos essenciais capazes de suprir as necessidades da existência, construindo-se, destarte, uma experiência humana voltada a um certo grau de plenitude existencial, ao passo e à medida da metodologia da Educação Patrimonial, que pode levar a existência humana ao caminho das virtudes, e não das vicissitudes, que deturpam e corrompem a vida e a alma humana. Posto isso, vem a seguinte reflexão: seria, então, a cultura – a Educação Patrimonial – um recurso metodológico e legislador do para si? O objetivo não é responder à proposição, e sim tão somente refletir o quão valiosas se apresentam a cultura e a educação no contexto de suas práticas para os seus e “para o si dos seus com os seus do si”.

Figura 4 – Apresentação de reisado de terreiro (Boi Coração) na casa do senhor Antonino Correia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

O reisado no município de Ocara já é tradicional e integra a cultura popular dos munícipes, ultrapassando gerações. Um dos principais ícones é o senhor Antônio Luciano Correia dos Santos, “mestre Luciano”, que, durante a realização desta pesquisa de tese, foi recolhido ao seio de sua terra e de sua gente. Todavia, sua cultura e seu legado permanecem vivos. O grupo de reisado que começou com o mestre do Boi Coração continua representando o principal expoente da cultura popular local e regional. Durante muitos anos, as apresentações do Boi Coração foram atração garantida nas inúmeras festividades comemorativas do município. Além de apresentações locais, mestre Luciano e o Grupo Coração eram convidados constantemente a se apresentarem com seu Boi Coração em diversos outros locais fora da circunscrição de seu município, sempre com o apoio dos familiares.

Em Ocara, quando ainda distrito do município de Aracoiaba-CE, nasceu, aos 25 de março de 1955, Luciano Correia dos Santos, filho do casal de agricultores Raimundo João dos Santos e Rita Batista Lopes, sendo ambos consideravelmente apaixonados pela cultura do reisado e responsáveis por transmitir ao filho, em seus dias de infância, o conhecimento, o amor e o interesse pela cultura do reisado. Para mestre Luciano, os seus progenitores foram seus verdadeiros professores, haja vista que lhe ensinaram não só a cultura do reisado, mas também as principais lições de vida e de amor, as quais tornaram sua existência rica, virtuosa e singular. Quanto ao reisado aprendido, Luciano afirmava: *“Eu aprendi porque o meu pai brincava e eu aprendi com ele. A minha mãe me ensinava também. Eles sabiam brincar, e eu nunca tinha visto, e aprendi com eles ensinando”*.

Mestre Luciano narrou sua primeira aventura-travessura com a brincadeira do boi, como era considerada à época. Certa noite, ainda muito menino, Luciano havia fugido de casa

por entre os caminhos escurecidos guiado pelas sombras dos cajueiros até alcançar o terreno onde haveria de acontecer a brincadeira e, escondido entre o público que acompanhava o espetáculo, assistiu, curioso e encantado, a sua primeira festa do boi de reis, dia memorável que viria a definir a história da vida de Luciano. A saga inquestionavelmente transformou não só a sua vida, mas a vida de todos aqueles e aquelas que tiveram a oportunidade de conhecer e conviver com Luciano e com o seu boi, que posteriormente se tornou o Boi Coração.

O menino tímido e pacato que morava no interior do sertão nordestino se tornaria mais tarde o mais importante mestre de reis do estado do Ceará. Inicialmente se tornou um dos mais renomados profissionais da cultura de reis na cidade de Ocara, agregando a essa distinta arte o nobre ofício de confeccionar mamulengos¹¹ e indumentárias¹² da festa de reis. Luciano ficou conhecido não só como mestre do boi de reis, mas também como um dos mais renomados artesãos da cidade. Devido a essa genialidade para com a arte de brincar de boi e fazer bonecos (mamulengos), recebeu o título de mestre, mestre do boi de reis, que posteriormente lhe viria a ser concedido oficialmente pelo governo do estado do Ceará.

As histórias e as memórias do mestre Luciano Correia dos Santos foram implementadas por sua irmã biológica, Maria Correia dos Santos, dona Creuza, que confirmou as afirmativas do mestre e declarou que Luciano havia começado a produzir os personagens do seu primeiro reisado com a ajuda e apoio incondicional de sua mãe (Rita Batista Lopes). Dona Creuza Santos (2016, entrevista) rememorou:

A nossa mãe cantava e eu ouvia as músicas, quando eu tinha 10, 11 anos, por aí. Eu ficava pelo meio ajudando a enfeitar. A poeira subia e o berimbau tocando. Procurava pena pra Ema. [...]. A mãe dava um valor tão grande que ela fazia era assim: botava uma lamparina na cabeça e saía no meio da multidão com uma bandeja pedindo dinheiro pra festa. Ela era muito respeitada no meio do reisado. Eu acho que ela aprendeu a brincadeira com os irmãos dela, tio Antonino, tio Neném, tio Antonino Batista, e com meu pai também. Ela sabia cantar todas as cantigas. Acho muito parecidas com ela. Fico emocionada quando lembro ou quando escuto as cantigas nas apresentações de reisado.

A Ema mencionada por dona Creuza é uma das personagens do boi de reis. Sempre que era preciso construir sua indumentária, as crianças saíam à procura de penas de

¹¹ Mamulengo: tipo de boneco típico do Nordeste do Brasil, com destaque no Ceará. A origem do nome é controversa: mamulengo, boneco, fantoche, marionete, títere, mas acredita-se que ele se originou de mão molenga, que seria correspondente a mão mole, ideal para dar movimentos aos fantoches. Um ou mais mamulengueiros dão voz e movimento aos títeres. Suas apresentações eram comuns em praças públicas durante festejos religiosos, apresentando temática em geral do sagrado. O mamulengo faz parte da história humana desde seus primórdios. Retrata situações cômicas e satíricas do dia a dia do povo que a pratica (CASCUDO 2012).

¹² Indumentárias: vestimentas que apresentam as características artísticas e culturais do folguedo de reis, em geral bastante coloridas e ornamentadas com fitas e enfeites diversos, podendo ser luminosos ou espelhados, incluindo ainda os diversos artefatos que representam os personagens humanos e a personificação dos personagens satíricos e animais.

galinhas, galos, capotes, perus para compor as penas da Ema, pois à época esse animal não era comum na região. Todavia, era um dos personagens que se apresentavam e compunham o elenco do boi de reis. Rita Batista, mãe de mestre Luciano e de dona Creuza, era filha do conhecido velho Raimundo, quem legou a cultura do boi de reis aos filhos, sendo o senhor Antonino Correia o melhor dos aprendizes a se destacar antes do sobrinho Luciano.

Por muitos anos, o senhor Antonino, irmão da mãe de Luciano, conduziu as apresentações do boi no município de Ocara e demais regiões adjacentes a esta. O folguedo do boi de reis já há mais de cem anos sobrevive no município de Ocara (antes, Aracoiaba), interior do Ceará, através da família de Luciano Correia dos Santos. Contudo, na região que demarca a circunscrição do município de Ocara, a cultura do boi é muito mais marcante, pois outras famílias em outras comunidades e distritos da cidade de Ocara adotaram a cultura do boi de reis, que vem subsistindo e sobrevivendo aos percalços e obstáculos para que a herança cultural que atravessa gerações não seja vencida pela globalização e avanços tecnológicos em uma sociedade que no seu âmago se autodefine como “pós-moderna” e que se sabe, considerada essa premissa num contexto geral, que há pouca apreciação de valores culturais “consolidados” e considerados populares e tradicionais, visto que comumente a cultura popular se torna alheia à própria realidade dos que nela estão imersos e inseridos, dadas as questões de interesses políticos, econômicos e ideológicos que não serão discutidas neste trabalho de tese.

Luciano Correia por mais de 47 anos brincou com o boi de reis, quem, em uma das entrevistas, ora informais, ora formais, à pesquisadora deste estudo, com a qual teve convivência durante especialmente o período em que se realizou a pesquisa, relatou que algumas vezes havia pensado em desistir do boi, devido às dificuldades enfrentadas por conta das demandas que foram surgindo à medida que o grupo crescia e havia a necessidade de implementação de estrutura física, logística, fomento e financiamento da arte, que requeria condições de sustento às apresentações, que iam demandando cada vez mais recursos para compra de instrumentos musicais, produção e confecção das indumentárias, alimentação dos brincantes em ocasião de viagens e apresentações e locomoções do grupo em dias de apresentação no município ou mesmo em outras regiões. Cabe recordar que o apoio oferecido pelos mantenedores da cultura e/ou prefeitura, Secretaria de Cultura ou mesmo Secretaria de Educação nem sempre proviam as necessidades básicas e inerentes à produção da cultura. Luciano contou que havia deixado de brincar por até um ano, tendo parado realmente, contudo nunca deixou de retomar as atividades relativas ao boi de reis.

Quanto à duração em cena ou das cenas apresentadas, o mestre relatou que atualmente a apresentação do reisado dura em torno de uma hora e quarenta minutos, no entanto “antigamente” chegava a durar três ou quatro horas. As pessoas não tinham pressa em assistir à apresentação e esperavam o desfecho alegre e pacientemente. Mestre Luciano Santos (2017, entrevista) explicou o porquê da redução do tempo de apresentação do reisado nos dias atuais:

É porque hoje tem a televisão, tem outras brincadeiras que atrapalham muito. Naquele tempo, não, a brincadeira era do reisado. Quando tinha um reisado, só tinha aquela brincadeira e todo mundo ia. Ia pra um terreiro, fazia aquela roda e era animado. Hoje não, hoje a gente faz só uma apresentação ligeira só pra ver como era. Nem brinca, não. Brincadeira. Hoje até em uma hora a gente se apresenta.

Quando o Boi do Luciano ou Boi do Luciano do Mundim, como seu boi era conhecido inicialmente e chamado antes de ser “batizado” como Boi Coração por seu sobrinho Valdick Pimentel (muitos anos depois), começou a se apresentar mais regularmente na cidade de Ocara e outras cidades da região, passou a ser solicitado por muitas partes e pessoas que apreciavam e admiravam a cultura do reisado, já que que viam nessas festas a oportunidade de reunir famílias e comunidades, promovendo, assim, a sociabilidade que rompia e quebrava a rotina e a monotonia na pacata região. Os eventos festivos da festa do boi eram sempre muito animados, principalmente quando estes aconteciam apadrinhados por instituições ou pessoas consideradas importantes na região, que, possuindo ou não possuindo posses, sempre se esforçavam em recepcionar muito amistosamente protagonistas, elenco e apreciadores da cultura. Quando os padrinhos eram pessoas simples da comunidade, a festa sempre acontecia no terreiro das casas e a abrição do ritual, como de costume, dava-se a partir da porta do anfitrião. Dona Maria Santos (2016, entrevista), apreciadora da cultura, em entrevista narrou suas saudosas memórias:

Nesse tempo, quando se dizia que tinha reisado, era uma animação; era novo, velho, menino, ia todo mundo. As pessoas que gostavam de convidar o boi pra dançar era o Aluíno, o De Melo, o Lalá, o Luís Correia, a Elza, o Antônio Clemente, o povo do Napoleão, o João Alves, que tocava sanfona, e a Mazé Bandeira.

Segundo os relatos de muitos entrevistados, observa-se que o reisado era basicamente um costume que envolvia praticamente toda a família, de maneira direta ou não direta. Pai, mãe, irmãos, irmãs, tios, tias, primos e primas podiam fazer papéis de caretas, caboclos, mestres, contramestres, etc., tocar na orquestra ou ajudar na confecção das indumentárias. Amigos mais chegados também acabavam participando, enfim, o envolvimento familiar acontecia significativamente. Mas, ainda que se fizesse em família e

entre amigos, já existia toda uma logística que demandava tempo, organização, compromisso e recursos para com a prática da cultura, pois, como esclareceu o brincante Antônio Oliveira (2016, entrevista):

Pagavam o sanfoneiro, o do triângulo, o do pandeiro com o que apuravam na festa. Os sanfoneiros eram o finado João Alves, às vezes, Zezim Mariano, João do Bruno ou o Dil, irmão do mestre Luciano, que tinha uma escoliose medonha, mas aguentava o peso da sanfona. O irmão do Mundim, o Cosmo, às vezes, tocava também. O finado Raimundo Lopes também gostava de acompanhar no cavaquinho. E todos eram convidados pra festa, nem que tivesse tocado só uma vez nas brincadeiras. Não havia caixa de som naquela época, tudo era só na voz do caboclo. O povo não interrompia, era muito atencioso e educado, prestava atenção. O único barulho era de risada.

Em razão desses gastos, que se tornaram cada vez maiores, é que o reisado Coração em Ocara procurou a ajuda dos agentes da Secretaria de Cultura para elaborar projetos que angariassem recursos para inovar as indumentárias, reformar instrumentos, pagar músicos e despesas de transporte, haja vista que realizavam apresentações mesmo em lugares distantes. Assim, necessitavam do apoio dos gestores municipais, afinal o reisado construía e constituía uma relevante referência cultural que representava o município. O costume de se pedir dinheiro da plateia foi quase extinto. Porém, ultimamente surgiu a ideia de se fazer um cofre com a finalidade de recolher ofertas em dinheiro; para tal, um dos caretas sai no meio dos espectadores arrecadando valores. Não lucram muito, mas o valor arrecadado ajuda a pagar pequenas despesas. Quando participam de algum concurso cultural e chegam a ser premiados, o mestre procura dividir o prêmio entre os integrantes do grupo; alguns não são familiares, contudo são contemplados de igual modo. Um dos mestres afirmou que hoje valores em dinheiro estão sendo mais visados, porque não brincam mais só por diversão como antes nem há tão somente o propósito da sociabilidade do estar culturalmente juntos, mas também é considerada a possibilidade de se ganhar algum valor ao passo e ao tempo que se brinca.

No esforço de conservar e preservar a cultura e as tradições do povo ocarense e norteando-se pela crença de que a arte e a educação formam um todo contínuo extremamente significativo no campo e no território das práticas sociais e educativas, a prefeitura da cidade de Ocara, através da Secretaria de Cultura, Esporte e Juventude, em parceria com a Secretaria de Educação, criou o Projeto Escola Catavento.

Figuras 5-6 – Apresentações do Boi Catavento: atividades do Projeto Boi Catavento



Fonte: Site do município de Ocara (2014).

Ao comando de professores do Projeto Catavento, nasceu o grupo de reisado Boi Catavento. Este é motivo de admiração principalmente do público mirim, visto que seus brincantes são crianças e adolescentes. Os mamulengos do Boi Catavento são inspirados nas criações dos mestres Boca Rica e Luciano Correia, mais especificamente. Contudo, seu jeito de brincar reisado é diferenciado, pois o Boi Catavento busca explicar as características e ritos da brincadeira detalhadamente, considerando que o público para quem se apresenta precisa melhor conhecer a arte e a narrativa do boi de reis, tornando-se, assim, a sua apresentação uma espécie de aula e oficina cultural que encanta os seus espectadores a partir do enredo cômico e de fácil compreensão. Além disso, o grupo apresenta total sintonia com os músicos, que alegram a festa ao som da sanfona, pandeiro, triângulo e zabumba, instrumentos que em geral tipificam o estilo musical que acompanha o reisado por todo o Brasil.

O Projeto Escola Catavento não é uma escola de educação convencional regular, ou seja, não trabalha com a educação formal segundo os padrões. Todavia, constitui um espaço de inclusão bastante relevante consideradas as demandas sociais e educativas da sociedade contemporânea em função das transformações no mundo do trabalho, a nova formatação no seio das famílias e a revolução tecnológica no campo das comunicações. O Projeto Escola Catavento, em Ocara, apresenta como principal objetivo trabalhar em parceria com as escolas do município à medida que se propõe a desenvolver inúmeras estratégias de ensino e aprendizagem no campo da arte e da cultura capazes de ampliar o tempo, o espaço e as condições necessárias ao enfrentamento dos novos desafios e contradições oriundos das novas relações socioeducativas no contexto atual e contemporâneo.

Figura 7 – Caixa Cultural Fortaleza



Fonte: Elenir Morais via Facebook (2016).

A experiência com o Boi Catavento foi exitosa, motivo por que as Secretarias de Cultura e Educação lançaram a oficina de reisado infantil em outubro de 2015 na comunidade de Moceré dos Cosmes, proporcionando conhecimento sobre o folguedo do boi através de produção de textos cênicos e de confecção de personagens e de indumentárias para os brincantes. A realização da culminância do projeto na comunidade Moceré contou com a apresentação do Boi Carinhoso, criado pelos envolvidos no projeto e fruto da oficina da comunidade do Moceré, tendo esse também o propósito de valorizar e manter viva a cultura popular do boi em todo o município.

O Projeto Escola Catavento desenvolve uma educação na modalidade não formal, pois a ação de ensino e aprendizagem se realiza de forma mais espontânea, porém com a ajuda das forças sociais e culturais organizadas na comunidade pelas secretarias e agentes culturais,

que possuem o poder de interferir, sugerir e delimitar os conteúdos didáticos ministrados voltados às práticas culturais e educativas na comunidade de Ocara (GOHN, 1999).

Figura 8 – Apresentação de teatro de boneco do Projeto Escola Catavento 1



Fonte: Site do município de Ocara (2015).

Figura 9 – Realização de teatro de boneco do Projeto Escola Catavento



Fonte: Site do município de Ocara (2015).

O projeto faz atendimento aos alunos do ensino fundamental no contraturno escolar, empreendendo e desenvolvendo várias atividades artísticas, culturais e educativas há mais de 15 anos. Foi criado oficialmente pela prefeitura municipal de Ocara em 17 de junho de 2003, funcionando, nos últimos anos, nas dependências da Secretaria de Cultura, Esporte e Juventude.

Em 2014, a Secretaria de Cultura, que tinha à frente a secretária de cultura Maria Auricélia Alves, com o apoio do governo municipal, do governo do estado do Ceará e da Secretaria Estadual da Cultura, com base na Lei nº 13.811, de 16 de agosto de 2006, foi realizado de 22 de dezembro de 2014 a 16 de janeiro de 2015 o Projeto Boi Coração revive o Boi Tungão: uma homenagem ao poeta popular Pedro Boca Rica (filho de Ocara), com apresentações do Boi Coração e do Boi Catavento nas escolas dos bairros Vila São Marcos e Boa Esperança, na festa da Sagrada Família, padroeira da paróquia de Ocara, nas localidades de Baixa Grande, Maguari, Sereno, e no encerramento/culminância da tiração de reis e tradicional grupo de reisado de porta em Vila São Miguel. Houve também palestra, exposição de fotos e xilogravuras, sarau de poesias e exibição do filme *Festas do ciclo natalino*. Todas as atividades foram abertas à comunidade a fim de promover e perpetuar o legado da cultura local às gerações futuras (OCARA, 2016).

Figura 10 – Projeto Boi Coração Revive Boi Tungão



Fonte: Site do município de Ocara (2014).

O evento, que incluiu também a Festa da Sagrada Família, representa uma relação evidente entre o que se considera sagrado e profano, pois a cultura do reisado não é praticada nem reconhecida como parte do sagrado por alguns cristãos. Algumas pessoas que antes participavam da festa de reisado declararam, no percurso da realização desta pesquisa e de aplicação de entrevistas, que hoje, ou seja, na atualidade, não mais participam de atividades relativas à festa de reisado em função da sua crença e da sua fé, pois a festa do boi de reis é considerada uma festa profana por alguns grupos religiosos.

Figura 11 – Apresentação de reisado de terreiro na comunidade de Vila São Miguel em Ocara 1



Fonte: *Site* do município de Ocara (2014).

Figura 12 – Apresentação de reisado de terreiro na comunidade de Vila São Miguel em Ocara 2



Fonte: *Site* do município de Ocara (2014).

O Projeto Catavento na cidade de Ocara continua representando um dos principais mecanismos de alfabetização cultural no campo da educação não formal, o qual ainda oferece apoio e suporte ao campo da educação formal, sendo ainda um caminho e um instrumento de revitalização da arte e da cultura na cidade de Ocara à medida que se integra e se articula com as escolas municipais de todo o município. Crianças e adolescentes são incentivados a desenvolver suas potencialidades e habilidades artísticas e culturais, vivenciando e identificando-se com a cultura local. Atualmente o projeto conta com o apoio do secretário de educação Paulo Freitas e da secretária de cultura Andréa Pereira. O trabalho dos professores

Alexandre Soares, Warlison Saraiva e Elenir Moraes tem sido bastante significativo, visto que articulam as ações do projeto desde a data de sua criação. As oficinas para o ano de 2018 previam o desenvolvimento de artes como: canto coral, teclado, violão, reciclarte e história em quadrinhos às crianças de 7 a 14 anos e pretendiam atender a um mínimo de 200 alunos da escola municipal regular. Os principais atrativos das oficinas continuam sendo o teatro de bonecos (mamulengos) e o teatro dos folguedos populares do reisado.

Figura 13 – Apresentação de teatro de boneco do Projeto Escola Catavento 2



Fonte: Site do município de Ocara (2015).

As oficinas e atividades relativas à confecção e produção de teatro de mamulengos carregam a marca da influência dos artistas da terra. Entre os principais, pode-se encontrar o renomado e conhecido bonequeiro Pedro Boca Rica, que, em 23 de agosto de 2018, foi lembrado e homenageado no Festival Internacional Mestre Pedro Boca Rica de Teatro de Boneco (FIB) no Theatro José de Alencar, em Fortaleza.

Pode-se dizer que a cidade de Ocara não só se constitui como um verdadeiro celeiro de cultura de artistas populares, como também como a cidade do Ceará que simboliza o verdadeiro epicentro da cultura popular de bonecos, sendo que na atualidade o principal expoente e herdeiro da cultura da arte do mamulengo é o sobrinho de Boca Rica, o artista Antônio Wagner Oliveira da Silva, que também é conhecido pela arte da sanfona. Não se pode ignorar a grande contribuição de Luciano Correia dos Santos e de seu Grupo Boi Coração ao Projeto Escola Catavento na promoção do resgate da cultura local do reisado e da arte do mamulengo, sendo o mestre de reis. Antônio Luciano Correia também era bonequeiro/mamulengueiro e também legou a sua arte à gente de sua terra.

Figura 14 – Mestre Luciano ensinando os alunos da Escola Catavento a fazerem bonecos (fantoques) 1



Fonte: Site do município de Ocara (2015).

Figura 15 – Mestre Luciano ensinando os alunos da Escola Catavento a fazerem bonecos (fantoques) 2



Fonte: Site do município de Ocara (2015).

Mestre Luciano, em uma de suas últimas entrevistas concedidas a esta pesquisadora, continuava defendendo a ideia de que a “brincadeira” não só pode como deve continuar na família, na comunidade ocarense e em outras comunidades que tenham interesse pela cultura. Luciano ensinou a sua arte para muitos de seus familiares, amigos, comunidade, escolas e por todos os lugares que teve oportunidade de mostrar seu trabalho e sua arte ensinou a muitos. O mestre alertava e recomendava oportunamente que a arte e a brincadeira do boi e a arte e a brincadeira da confecção dos bonecos devem ter continuidade. Para tanto, esmerava-se não só em apresentar, mostrar sua arte e sua cultura, mas sobretudo em ensinar a sua arte e a sua cultura às gerações mais jovens. Mestre Luciano havia restringido sua participação plena na brincadeira de reisado devido a problemas de saúde, aumento frequente da pressão arterial e outros problemas relacionados ao coração. Seu primo Laudenir, vulgo Denir, 50 anos, foi quem

passou a estar à frente do grupo nos últimos anos. O mestre dizia que não pretendia abandonar sua arte e continuava na confecção artesanal das indumentárias dos personagens, acompanhava e auxiliava na organização das apresentações e acreditava que deixaria um grande legado para a cultura ocarense, através das crianças e adolescentes que integravam os projetos de transmissão de conhecimentos e incentivo à cultura do reisado. Luciano fazia questão de contribuir sempre que era convidado a esses eventos. Ele dizia:

A brincadeira deve continuar. Esses mais jovens têm que continuar a brincadeira; quem quiser brincar, porque não é todo mundo que quer. Aquele que for interessado é bom botar pra frente que é pra não se acabar a cultura. Quem quer brincar agora leva pra frente. Pode continuar mais o Denir. O Denir dá de conta agora. Pode ir pra frente, continuar. Quando o Denir não puder mais, entrega pra outro da família que queira, e o Denir também é primo da gente. A cultura é pra todo mundo aprender e levar pra frente, senão a pessoa morre e a cultura morre junto. (LUCIANO SANTOS, 2016c, entrevista).

Figura 16 – Mestre Luciano em atividade (oficina) na produção de fantoches do Grupo Boi Coração



Fonte: Site do município de Ocara (2015).

Com efeito, o reisado, como expressão cultural popular em geral e especificamente no município de Ocara, pode e deve fazer parte da Educação Patrimonial. O trabalho docente e discente a partir do reisado se apresenta como uma oportunidade ímpar para a implementação e inserção das políticas culturais e educacionais étnico-raciais na perspectiva do Ensino de História da Cultura Afro-Brasileira e Africana, quando consideradas as evidências e contribuições dos povos africanos a esta. “Os reisados fazem parte do legado de base africana na cultura brasileira [...]. São festas e grupos populares muito comuns em todo o estado no passado e ainda muito vivo no presente em várias cidades [...]” (NUNES, 2007, p. 100).

O reisado em Ocara insere-se nas políticas culturais e educacionais em sentido amplo e convergente que dialoga com as principais etnias formadoras da sociedade brasileira em suas múltiplas diversidades (africana, indígena e portuguesa). Pensando assim, o Ensino

de História da Cultura Afro-Brasileira e Africana fundamenta-se na realidade vívida e experimentada a partir da construção material e imaterial dos sujeitos sociais. Mas, apesar de todas as campanhas, incentivos e políticas afirmativas governamentais em prol do combate/controlado do preconceito, da discriminação e das injustiças étnico-raciais, “[...] nos livros didáticos, na televisão, no cinema, na escola, infelizmente ainda vemos marcas do preconceito. E estas são disseminadas, de forma camuflada, sendo multiplicada em nossa sociedade” (OLIVEIRA; FERREIRA; ARAGÃO, 2011, p. 700).

Na realidade educacional das escolas brasileiras, ainda existem currículos e materiais didáticos reprodutores dos preconceitos, das discriminações e das injustiças sociais historicamente praticados contra a população africana no país. Muitas crianças, jovens e adultos abandonam ou não ingressam no ensino formal temendo nossos “males de origem” (BOMFIM, 1993). As escolas nacionais persistem em adotar padrões eurocêntricos mal digeridos e não identificáveis com as raízes culturais de natureza indígena, africana e afro-brasileira (FERNANDES, 2005). Esse distanciamento ou negação cultural promove a sensação de falta de pertencimento identificador e contribui para aumentar o índice de evasão escolar da população afro-brasileira.

O chicote ainda soa contra vozes, ecos e tambores da alegria e das gingas linguísticas e corpóreas africanas e afro-brasileiras presentes nos quatro cantos deste imenso território multiétnico. “Com efeito, tornou-se prática recorrente, ao se falar de Cultura, Educação ou outra categoria do gênero, no Brasil, seguindo uma direção unilateral perversa voltada para o arcabouço cultural eurocêntrico trazido pelos colonizadores”. O fato é que ainda se insiste em ignorar que “[...] as argamassas da verdadeira cultura de quem construiu a nação sempre foi desprezada e desprezível pelas correntes ideológicas trazidas de ventos distantes à nossa realidade” (XAVIER, L.; XAVIER, C.; LOPES, 2014, p. 229). Nesse sentido:

A inclusão da temática africana deve ser vista como uma continuidade das lutas e resistências dos povos da África e dos africanos escravizados na América. Como as guerras contra o invasor, como as fugas e os quilombos, o reconhecimento da História da África e da História dos afrodescendentes impõe-se como a preservação e a reconstituição da memória de uma história tão desfigurada e violada quanto o foram as formações sociais e as culturas africanas. (CLARO, 2012, p. 8).

Essa tomada ou retomada de consciência deve ser uma constante, sobretudo no âmbito das políticas afirmativas educacionais, pois até hoje nas escolas brasileiras estão refletidas a reprodução da desigualdade e a discriminação étnico-racial (MUNANGA, 2008).

5.2 Memórias e narrativas do reisado: tradição que atravessa gerações

A memória consideravelmente contribui na consumação da produção de bens, especialmente na produção de bens culturais, visto que constitui fonte valiosa e inesgotável de informação no que diz respeito à produção, reparação e integração de símbolos e imagens populares tradicionais que extrapolam o patrimônio material tangível e se estabelecem no intangível em “lugares de memória”. É nesse último loco que a memória, palácio inesgotável de alimento histórico, através do recurso metodológico da História Oral, vem suprir satisfatoriamente as lacunas deixadas pela História Escrita. “A memória exalta e destaca elementos-chave que se expressam na oralidade. Marca os pontos que se fixam em volumes de lembranças prontas a emergir dos escaninhos mais profundos de sua alma [...]” (VASCONCELOS; MAGALHÃES JÚNIOR, 2001, p. 28).

As lembranças/saudades estão impressas no patrimônio material e imaterial de uma coletividade e se traduzem na representação de símbolos e imagens considerados sagrados ou profanos quando manifestos culturalmente em festas, cerimônias, ritos, dramas, cânticos, enredos, causos, etc. Essas manifestações tangíveis e intangíveis estão prontas a vir à tona através da História Oral, que se credencia como um poderoso recurso metodológico disponível nesses “lugares de memória” (NORA, 1993; XAVIER; VASCONCELOS, 2014).

Esses locais são “lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente entrelaçados de vida e morte, de tempo e eternidade, numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel” (LE GOFF, 1994, p. 205). Desse modo, através da memória, tem-se “[...] uma chance para revisitar, a partir do passado, os múltiplos possíveis do presente para pensar o mundo de amanhã” (DOSSE, 2003, p. 295). É nesses lugares de memória que se apresenta “[...] a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que poderíamos ter a necessidade de lembrar” (NORA, 1993, p. 13).

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 47).

Desse modo, trabalhar a memória cultural popular tradicional servirá tanto para crescimento da História como para “[...] procura[r] salvar o passado para servir o presente

e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação, e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1996, p. 24). A memória é o encontro do passado no presente; significa a busca da identificação cultural e a construção histórica de um povo. Trabalhar a memória significa procurar mudança. Por outro lado, se não há essa memória, como considera Meneses (1990), a mudança será sempre fator de alienação e desagregação. É a memória que funciona como a ossatura de identificação cultural de uma comunidade, coletividade, nação. “A memória é que funciona como instrumento biológico-cultural de identidade, conservação, desenvolvimento, que torna legível o fluxo dos acontecimentos. A memória interessa-me porque estou vivo, aqui e agora” (MENESES, 1990, p. 31).

Nesse sentido, a identidade ou identificação ontológica de um grupo social, comunidade, coletividade, nação e/ou sociedade expressa-se através do patrimônio material e imaterial presente nas expressões artístico-culturais. Todavia, para esse conhecimento, reconhecimento e sentimento de pertença, é imprescindível a existência e prática da Educação Patrimonial.

Esses símbolos e essas imagens oferecem prestimosa contribuição para a compreensão sociocultural das identidades que se valorizam e se fortalecem no contexto sócio-histórico de cultura informal, não formal e formal da Educação Patrimonial através do tempo e das narrativas dos brincantes brincados do reisado e do bumba meu boi na modalidade Boi Coração como derivação do reisado no município de Ocara.

O Reisado Boi Coração também e ainda conserva a tradição na modalidade de reisado de terreiro, o qual conta com o apoio da Secretaria de Cultura, Esporte e Juventude da cidade. Em razão das atividades de pesquisa relativas ao curso de doutoramento, realizou-se, em janeiro de 2016 na cidade de Ocara, o acompanhamento do Grupo Boi Coração, que concebeu uma apresentação do tipo reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia, tio do mestre Luciano Correia. Desse modo, o Grupo Coração realizou uma espécie de revisitação aos primórdios da tradição que na cidade de Ocara também haveria nascido nos terreiros, à semelhança das primeiras apresentações nos terreiros das fazendas pelo interior do Brasil por onde viviam os cativos de origem ou de descendência negra.

O senhor Antonino se encontrava bastante enfermo, o que lhe impedia de continuar colaborando e acompanhando as festas e apresentações de reis. Em virtude desse impedimento e como forma de homenagear e prestigiar o velho mestre, o Grupo Coração, sob coordenação e apoio do principal caboclo (Antônio Laudénir dos Santos/Denir) e

colaboração da Secretaria de Cultura da cidade de Ocara, organizou uma folia no terreiro do senhor Antonino. Laudenir tinha 49 anos à época. Sua atividade profissional era de pedreiro, sendo um dos principais colaboradores – diga-se construtores – da cultura de reis contemporaneamente na cidade de Ocara, sendo ainda uma espécie de substituto do mestre Luciano Correia.

Figura 17 – Luciano Correia à direita; Antonino Correia, ao centro; e a esposa do senhor Antonino Correia, à esquerda, no reisado de terreiro na casa do senhor Antonino



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

A pesquisadora em causa pôde testemunhar que foi com muita alegria que a família de seu Antonino recepcionou os brincantes e apreciadores do boi de reis. Ao final das apresentações, todos puderam se deliciar com as conversas que prestigiavam e apreciavam os reis e com o lanche que foi oferecido gratuitamente pela família de seu Antonino a todos que haviam participado da festa. Alguns meses depois, o senhor Antonino veio a falecer em decorrência da enfermidade que sofria. O falecimento dele aconteceu no dia 7 de novembro do ano de 2016. A cultura do mestre de reis tem uma relevância social na história e na memória de familiares, amigos e comunidade ocarense em geral.

Nas fotografias que seguem, pode-se observar que a apresentação do teatro nômade acontece livremente no terreiro do senhor Antonino. Personagens humanos, animais, satíricos e fantásticos animam a festança, havendo pessoas de todas as idades, crianças, jovens e adultos. Como de costume, a figura do Boi Coração protagoniza a folia e atrai a atenção dos que assistem e dos que dividem o palco do terreiro com o boi de reis.

Figura 18 – A dança do Boi Coração acompanhada de personagens satíricos. Público formando uma roda em volta do boi. Reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

Figura 19 – Crianças, jovens e idosos assistindo à apresentação do Boi Coração no terreiro da casa do senhor Antonino Correia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

O Grupo de Reisado Boi Coração é composto por cerca de 25 integrantes, tendo sido por muitos anos liderado pelo mestre Luciano Correia, primo de Antônio Laudenir dos Santos (Denir), que naquela ocasião exercia a função de principal caboclo do grupo. Denir também é sobrinho do mestre Antonino. Tanto o senhor Antonino como o senhor Luciano exerceram a função de mestres de grupos de reisado, ficando a cargo do mestre Luciano Correia a proeminente atividade de confeccionar os mamulengos que compunham a indumentária de todo o elenco do Grupo de Reisado Boi Coração.

Seguem alguns nomes de integrantes do grupo seguidos de suas indumentárias e personagens do tipo humanos, animais, satíricos e fantásticos: Adailson Queiroz da Silva (Catirina); Adriele Queiroz da Silva (Macaco); Andreza Queiroz da Silva (Caretá); Ademilson Queiroz da Silva (Burrinha); Paulo Victor de Sousa Alves (Zabumbeiro); José Nilo Mendes/Zé Nilo (Vaqueiro); Otacílio Batista Lopes/Mosquito (Velha do Boi); José Milton Mendes (Caboclo); Leonilson Mendes Lopes (Caretá); Miliane da Silva Santos (Cachorro);

Francisco Pedro da Silva (Tripa do Boi); Maristela Mendes Lopes (Ema e Urubu); Cláudio Antônio da Silva (Pandeirista); e Francisco Edmar Pereira Bezerra (Babau). Em seguida, há relatos de experiências e vivências diversificadas de alguns integrantes do Grupo Boi Coração que vêm atravessando gerações na cidade de Ocara.

Figura 20 – Antônio Laudénir dos Santos (Denir)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017).

Antônio Laudénir dos Santos (Denir), nascido em 1967 na cidade de Ocara, exerce a profissão de pedreiro. Denir reside à rua da Bandeira no distrito de Sereno. O artista e pedreiro profissional possui o ensino médio completo. Denir é filho de Luís Clemente dos Santos e de Maria Sélvula dos Santos. Ao ser entrevistado, fez as seguintes afirmativas:

Comecei a brincar com 12 ou 13 anos. Vi o boi do mestre Luciano e resolvi fazer um também, num ano que ele não fez a festa do boi. No boi do Luciano brinquei jovem, depois passei alguns anos sem brincar. De 2003 pra cá, voltei e estou até hoje brincando no Boi Coração. Sou o caboclo principal que conduz a brincadeira. Mestre Luciano sempre foi meu inspirador. Ele é um artista: com tecidos, esponja, material reciclável e outros materiais confeccionar a roupa das personagens. Para mim, a festa de reis representa um resgate da cultura dos nossos antepassados. Muita gente ignora e acha que é besteira sem nem conhecer direito, mas eu olho pra quem valoriza. Pra cidade é uma das formas de mostrar o talento dos artistas da terra que representam bem o município. Essa cultura vem da raiz da nossa família. Minha filha atualmente também brinca comigo. E eu e o mestre Luciano somos primos. A Prefeitura e a Secretaria de Cultura ajudam com o transporte, com a elaboração de projetos, ajudam a divulgar essa cultura tão importante para nossa cidade. A gente tem no momento um zabumba e um triângulo. Tem um rapaz que começou a ajudar a gente tocando um pandeiro que é dele mesmo, e o sanfoneiro leva o instrumento dele, e a gente dá um agrado a ele sempre que pode. A gente cobra um cachê pra pagar a eles, porque, embora gostem de reisado, pra eles aquilo ali é o trabalho deles. Acredito que, quando se trata de viver a cultura popular, você educa e se educa. Essa cultura é história. Eu pensava em realizar um projeto voltado para as escolas; acho importante que a cultura local seja transmitida através da escola também. Achei interessante o Projeto do Boi

Esperança, que eu também fui convidado a participar. Eu achei que as crianças aprenderam muito com a vivência. (ANTÔNIO SANTOS, 2017, entrevista).

Figura 21 – Miliane Silva Santos



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017).

Miliane Silva Santos, estudante, filha do também mestre de reis Antônio Laudenir dos Santos e de Maria Neta da Silva Santos, nasceu em 2007 na cidade de Pacajus, Ceará. Miliane reside na cidade de Ocara no distrito de Sereno à rua da Bandeira. Em entrevista, declarou:

Desde meus seis anos eu que quis brincar reisado. Gostava de acompanhar meu pai no reisado e comecei a brincar no Boi Coração. Brinco de Cachorro e, às vezes, Careta. Mestre Luciano confecciona os bonecos com panos, esponja e outras coisas. O reisado é uma brincadeira, uma cultura que a família gosta e a cidade também. A Secretaria de Cultura e a Prefeitura apoiam a brincadeira. A sanfona, zabumba, triângulo e pandeiro deixam a brincadeira mais animada. (MILIANE SANTOS, 2017, entrevista).

Figura 22 – Adailson Queiroz da Silva



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017).

Adailson Queiroz da Silva, nascido no ano de 2002, é um admirador e apreciador da cultura. Adailson era aluno do 9º ano do ensino fundamental à época da pesquisa. Ele mora no bairro Boa Esperança, que fica na cidade de Ocara. Seu interesse pela cultura foi despertado a partir do Projeto Boi Catavento.

Quando criança entrei na Escola Catavento, porque sempre gostei de cultura e arte. Atualmente sou do Boi Coração. Faço a personagem de Catirina e, às vezes, de Vaqueiro. Substituo personagens também quando eles faltam. As vestes e os mamulengos são sempre confeccionados pelo mestre Luciano, que faz de pano, esponja, cola, enfeites, etc. Acho que a brincadeira do boi é uma cultura que representa bem nossa cidade e toda a minha família apoia e participa. A Prefeitura e a Secretaria de Cultura sempre apoiam nosso trabalho. Os principais instrumentos usados na produção musical em nossa apresentação são: triângulo, zabumba, pandeiro e sanfona. O reisado, se você prestar atenção, é uma aula de resgate da cultura dos antigos. Só valoriza quem conhece o que é cultura. Aprendi muito sobre o reisado na Escola Catavento. Me identifiquei demais. Na minha escola tinha um boi, mas eu não participei do grupo, era mais das crianças menores nesse tempo. (ADAILSON SILVA, 2017, entrevista).

Figura 23 – Adriele Queiroz da Silva



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017).

Adriele Queiroz da Silva, então aluna da 1ª série do ensino médio, nasceu em 2001, residindo no bairro de Boa Esperança, quem, aos seus 16 anos, declarou que:

Participo das brincadeiras do Boi Coração desde 2016, mas desde criança brincava no Boi Catavento, porque fui convidada pelo Boi Coração depois que cresci: eu e meus irmãos. Antes nós todos éramos do Boi Catavento e agora eu e meus irmãos estamos no Boi Coração. Sempre faço a apresentação do Macaco. Acredito que conhecer o reisado é conhecer a história do nosso povo, as tradições populares, que a gente tenta manter vivas. Ouvi falar pouco de reisado na minha escola, mas nas aulas do Catavento tive a oportunidade de conhecer e participar. (ADRIELE SILVA, 2017, entrevista).

Figura 24 – Andreza Queiroz da Silva



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017).

Andreza Queiroz da Silva, nascida no ano de 2004, estudante do ensino fundamental, também contou como aconteceu sua vivência e experiência com a cultura do boi:

Aprendi a dançar reisado na Escola Catavento, mas cresci e desde 2016 comecei a participar do Boi Coração. Faço o papel do Careta e, às vezes, seguro só a faixa com o nome. O mestre Luciano quem produz com vários materiais. Fico contente com a oportunidade de reviver a cultura, tendo o apoio e admiração da família e do povo da cidade. A Prefeitura e a Secretaria de Cultura também nos apoiam. Acredito que resgatar a cultura dos mais antigos é importante e as pessoas, assim, passam a conhecer e a valorizar. Na Escola Catavento, a gente teve oportunidade de conhecer o reisado e brincar. Na escola normal, eu também ouvi falar porque, na escola onde eu estudava, tinha um, mas não participei dele, porque eu já era da Catavento. (ANDREZA SILVA, 2017, entrevista).

Figura 25 – Maristela Mendes Lopes



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017).

Maristela Mendes Lopes, nascida em 2001 e residente no bairro São Pedro, em Ocara, estudante da 1ª série do ensino médio, é filha de José Guilherme Mendes Lopes e de Erinildes Mendes Lopes. Maristela brinca de reisado há mais ou menos seis anos. Percebe-se que Maristela, assim como outros de seus companheiros, embora viva na dita modernidade ou contemporaneidade ou ainda, como muitos afirmam, na era tecnológica, é mais uma jovem apreciadora da cultura tradicional de reis praticada na cidade de Ocara:

Eu já dançava no Boi Catavento e um dia os dois bois se apresentaram e me convidaram pra ser do Boi Coração. Faço as personagens da Ema e do Urubu. O mestre Luciano faz as figuras com esponja, tecidos, fitas, brilho e outros materiais. A gente faz parte de uma cultura que, se dependesse de muita gente, estaria perdida. É reviver o passado. Meu pai sempre me apoiou em relação à cultura. E minha mãe me acompanhava, mas parou um pouco devido a problemas de saúde. A sanfona e o pandeiro, o triângulo e o zabumba animam o reisado. Acredito que essa cultura contribui na formação da cidadania. Na minha escola mesmo, eu nunca tinha estudado o reisado como estudei na Escola Catavento. Lá houve uma orientação melhor e a gente foi aprendendo, conhecendo a história da cultura e dos artistas que fazem essa cultura em Ocara. (MARISTELA LOPES, 2017, entrevista).

Figuras 26-27 – Otacílio Batista Lopes (Mosquito), à esquerda, e José Nilo Mendes (Zé Nilo), à direita



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017).

Otacílio Batista Lopes (Mosquito), nascido em 1955 em Ocara, agricultor, residente na avenida Cícero Pereira, sem número, no bairro Prainha, estudou até o 4º ano. De modo semelhante, José Nilo Mendes (Zé Nilo), nascido em 1968 em Ocara, agricultor, residente na avenida Cícero Pereira, sem número, no bairro Prainha, estudou tão somente até o 3º ano. Zé Nilo é filho de Antônio Batista Lopes e Naíde Correia Mendes. Nilo aprendeu a cultura com o pai. Otacílio e Nilo declararam em entrevista, respectivamente:

Vendo o reisado do Luciano, quando ainda era pequeno, comecei a brincar, sempre no reisado Boi Coração. Eu sempre achei essa cultura muito bonita. No Boi Coração, já dancei de muita coisa, mas atualmente sou a Velha do Boi. O Luciano quem faz

nossas vestes; são muitos materiais. É pano, esponja e outras coisas. Para mim, o reisado representa a tradição da cidade que a gente não quer deixar morrer. A minha família sempre gostou de reisado. Meu pai já brincava de boi. Hoje eu, meus dois irmãos e meu sobrinho ainda estamos no reisado. A Prefeitura e a Secretaria de Cultura da cidade ajudam a gente apoiando as apresentações. Na brincadeira, a gente faz uso de muitos instrumentos: sanfona, zabumba, pandeiro e triângulo. Só o zabumba e o triângulo são do grupo. O resto são dos tocadores. Nós apresentamos já em faculdades (Unilab, UECE, Unifor). Eles se interessam muito por essa cultura. A oportunidade que a gente tiver para se apresentar em escola é bom. As crianças são quem gostam mais. (OTACÍLIO LOPES, 2017, entrevista).

Desde criança, comecei a brincar com o Denir, com o Boi do Luciano. Meu pai brincava. Achava bonito e também porque tinha pouca animação. Antigamente era só quadrilha, reisado. Eu fazia muitos personagens, mas atualmente só faço o Vaqueiro. Luciano quem produz com tecido, material reciclado, esponja as nossas personagens. Eu acho bom a cultura, embora nem todo mundo dê valor. Na família tem gente que valoriza. Meu filho começou a ir comigo, mas acabou deixando. A Prefeitura e a Secretaria de Cultura de Ocara dão um apoio para o grupo. (JOSÉ MENDES, 2017, entrevista).

Mestre Luciano, ao ser interpelado sobre como havia começado sua vivência com o boi de reis, respondeu a algumas perguntas e depois fez questão de passar uma carta escrita de próprio punho narrando sua trajetória:

Figura 28 – Carta de mestre Luciano

Em 1970 Raimundo João dos Santos o pai do mestre Luciano já era um grande brincador de reisado. Era muito conhecido pelos os mestres de reisado, e era muito procurado para brincar. Ele fazia dois papéis na brincadeira fazia o papel de velha catirina e fazia o papel de careta sendo chamado o negão do Piauí. Eu Luciano já tinha 15 anos já era um menino muito inteligente muito pobre mais era feliz. Hoje não sou rico mas estou passando melhor. Naquela época menino não saia de casa, porque os pais não deixava. Por causa disso eu não conhecia o reisado. Um dia o meu pai foi convidado para brincar um boi na casa do meu primo a uns 500 metros da minha casa. Eu esperei o meu pai sair para a brincadeira, segui os seus passos até lá, se escondendo dele com medo de levar caras e ele não deixar eu ir. Mas deu certo ele não me viu, eu assisti a brincadeira toda e gostei muito me apaixonei. E a volta para a casa já era tarde de noite. Quando terminei a brincadeira eu fiquei com medo de voltar só para casa o feito foi me entregar os velhos.

Duando o meu pai me viu ralhava muito comigo e quase me bateu.

Mais eu estava satisfeito e empregado com aquela brincadeira tão bonita.

No outro dia cedinho convidei primos e amigos e inventei um bói muito mal feito, porque a dificuldade e a pobreza era grande, para cobrir o bói nós usava o lençol, e ficava a noite toda morrendo de frio.

Porque só tinha um lençol.

Minha mãe vendo aquela boa vontade da gente, nos olhando nos ajudar.

Ela sabia como era a brincadeira toda e começou a nos ensinar.

Ela acompanhava todas as brincadeiras. Durante a brincadeira ela pedia ajuda aos amigos para fazer a festinha no dia da matança do bói que era no dia 06 de janeiro.

Minha mãe saía com a lamparina na cabeça no meio do pessoal porque não tinha energia.

Nós não tinha tocador era eu mesmo que ficava batendo em um bairambal sem saber tocar só batendo e um menino cantando e batendo num balde.

De vez enquanto meu pai se trajava e entrava no meio de nós, ensinando como brincar o bói.

Meu pai e minha mãe foram meus grandes professores nesta cultura, cresci brincando com meu pai até perto do fim de sua vida.

Meu bói não tinha nome. Era conhecido, o bói do Luciano do Mundim.

Em 2002 ganhou a primeira ajuda da prefeitura de Ocara e este nome de bói coração e cada figura foi registrada no cartório. E começou a sair brincando em várias cidades do Ceará, se tornando muito conhecido até na televisão, ficando famoso. Hoje ele tem ajuda até do governo Estadual.

Em 2013 foi contemplado o tesouro vivo da cultura tradicional Popular do Estado do Ceará.

Isto me deixou muito feliz. Tenho 60 anos de idade e 45 anos de tradição, amo esta cultura, Kuneá, quero que ela morra ela é a minha vida em história do reisado.

+ Mestre Luciano

Luciano Correia dos Santos, filho de Raimundo João dos Santos e Rita Batista Lopes, cursou o ensino fundamental de forma incompleta. Durante muitos anos, ganhou a vida e sustentou a família desempenhando a profissão de pedreiro, todavia sua maior construção foi o Boi Coração. Luciano, em virtude de problemas de saúde, precisou se aposentar de sua atividade profissional. Segundo exames médicos, ele tinha um “coração de boi”, ou seja, um coração crescido. O nome atribuído ao grupo de reisado “Grupo Boi Coração” tinha relação com o problema de saúde de Luciano, o qual tinha influenciado a escolha do nome dado ao grupo.

Em entrevista após uma apresentação do Grupo Coração, Luciano mais uma vez fez questão de narrar memórias acerca de sua experiência e vivência com a cultura do boi. A entrevista aconteceu no dia da apresentação do Grupo Boi Coração no terreiro do senhor Antonino. Luciano afirmou na entrevista que não dançava mais em nenhum boi, contudo a pesquisadora teve a oportunidade de, na ocasião da apresentação na casa do senhor Antonino, ver Luciano participando da apresentação do reisado de terreiro de uma forma muito ativa, inclusive cantando, dançando e realizando a matança do boi, conforme pode se constatar em imagem à frente disposta. O fato é que, naquele momento e naquela ocasião, Luciano mais uma vez não resistira aos encantos de seu boi.

Diante do ocorrido, obviamente que esta pesquisadora não perdeu a oportunidade de fotografar e registrar o momento ímpar e singular na vida de Luciano e na vida de todos aqueles e aquelas que tiveram a felicidade de acompanhar sua resistência e sua resiliência artística. Ele certamente não planejava apresentar-se nem participar da apresentação do reisado de terreiro. Luciano, embora já enfrentando vários problemas de saúde, simplesmente não resistiu aos encantos e sedução de seu Boi Coração.

O objetivo de Luciano era tão somente apoiar e acompanhar a apresentação do boi de reis como vinha fazendo nos últimos anos por conta dos problemas de saúde, porém o coração bateu mais forte naquela ocasião. Certamente o cheiro da terra ou do terreiro e o cheiro das gentes e de sua gente seduziram-no mais uma vez a dançar e participar da matança do boi de reis. O estar junto – a sociabilidade natural de seu povo ao sabor da terra – induziu Luciano como numa espécie de ritual e de despedida dos seus entes queridos e amados ao passo e ao ritmo das batidas de seu Coração.

Figura 29 – Mestre Luciano com o facão na mão direita no ritual da matança do boi. Reisado de Terreiro na casa do senhor Antonino Correia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

Certamente a apresentação do boi no terreiro da casa do senhor Antonino configurou-se como uma oportunidade ímpar para o mestre de reis e para todos que haviam estado na festa em homenagem ao senhor Antonino, inclusive esta pesquisadora acredita que a homenagem foi uma oportunidade singular para esta registrar o célebre momento, visto que reisados de terreiro na atualidade acontecem com pouca frequência. Na oportunidade, novamente foram realizadas entrevistas com os integrantes do Grupo Boi Coração e com o mestre Luciano Santos, quem, em entrevista face a face, declarou:

Figura 30 – Lisimére Cordeiro do Vale Xavier entrevistando o mestre Luciano



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

Já brinquei de Careta, de Jumento, já dancei embaixo do Boi. Às vezes, brincava no lugar de alguém que faltava, mas hoje não brinco mais devido a problemas de saúde. Só acompanho, mas sou eu quem faço os personagens e estou sempre fazendo os reparos que precisa. Sou artesão e fico inventando uma coisa e outra, costurando e ajeitando o que é preciso. Não danço mais em nenhum boi, mas confecciono as figuras com tecido, esponja, cola, fitas, material reciclável, tinta e outros materiais. Essa cultura pra mim já vem de muito tempo na minha família, tanto da parte de pai como de mãe; meus pais foram meus professores. Foram eles quem me ensinaram o que sei. Meu pai brincou muito tempo no reisado. Tios que já morreram também. Hoje tem meus primos. Meus filhos Marcelo e Luciana também participaram e sobrinhos. A Prefeitura Municipal e a Secretaria de Cultura do município ajudam com transporte, porque, às vezes, a gente se apresenta longe e não tem condições de pagar um ônibus. E, às vezes, fazem algum projeto que rende algum dinheiro pra ajudar a gente. O instrumento usado em nossas apresentações é: sanfona, zabumba, triângulo e pandeiro. Do grupo mesmo só tem um zabumba e um triângulo. Tinha um pandeiro também, mas sumiu durante as viagens. A gente comprou com alguns prêmios que ganhamos ou recursos dos projetos que arranjaram pra gente. A Secretaria de Cultura, de vez em quando, ajudava muito a gente com projeto. Nós só não conseguimos comprar uma sanfona nunca, que é muito cara, mas o sanfoneiro é contratado e traz a sanfona dele. O tocador do pandeiro também usa o instrumento dele. Faz pouco tempo que ele começou a acompanhar a gente. Os tocadores são contratados, por isso a gente cobra um cachê pra se apresentar, pra poder pagar eles. As músicas são sempre as mesmas faz muitos anos, por isso nem precisa ensaiar, já sabem de cor. No triângulo qualquer um toca. Às vezes, os Caretas mesmo tocam. O reisado serve de ensino pras crianças conhecerem mais sobre a cultura da cidade, dos antigos. Recebo universitários que querem conhecer mais sobre a história do reisado. A Secretaria de Cultura fez até uma exposição com as figuras e muitas escolas foram lá visitar. Eu ia lá de vez em quando conversar com os alunos, que faziam muitas perguntas, tinham curiosidade pra conhecer; fiquei bem satisfeito; senti o reisado valorizado. Uma vez fui pra uma escola que só tinha jovem e eu fiquei triste porque ouvi eles dizendo que era besteira, mas depois vi que nem todo aluno pensa igual, porque tem criança e jovem no grupo que participa e outras que gostam de assistir. É difícil a gente se apresentar em escola porque tem que pagar esse cachê e, às vezes, não podem. A gente se apresenta mais quando é a prefeitura quem faz alguma coisa e convida a gente. (LUCIANO SANTOS, 2016a, entrevista).

Pôde-se confirmar mais uma vez no relato escrito do mestre Luciano como se deu sua trajetória em relação à cultura do boi. Seu interesse pela cultura foi despertado quando ainda era uma criança. Seu pai realizava a brincadeira e fazia apresentações em festas e casas de amigos no interior do sertão ocarense. Como o pai não o levava para as apresentações, porque ele ainda era muito garoto, Luciano o seguia e ficava assistindo escondido, como já dito anteriormente. O que se observou no transcurso da entrevista foi mais uma vez que o “tempo vivido e sentido” a partir da cultura do boi de reis por Luciano Correia dos Santos e muitos de seus contemporâneos marcaria fortemente suas relações com a cultura do folguedo; esses sentimentos sempre afloram mais intensamente quando esses indivíduos se encontram no palco das apresentações. Luciano e alguns de seus contemporâneos também se tornaram artesãos na arte das indumentárias do boi. Pode-se afirmar que Luciano e seus contemporâneos reiseiros são uma boa representação do que se

move na duração do tempo sentido e vivido por cada ser humano que experimenta o caráter movente da vida e da consciência, da redescoberta de evidências perdidas e da criação permanente (DROIT, 2016).

No ano de 2018, a cultura popular e a cidade de Ocara especialmente se vestiram de luto. O Grupo de Reisado Boi Coração perdeu um de seus mais ilustres artistas: Luciano Correia dos Santos, conhecido entre os seus como mestre Luciano, quem faleceu no dia 12 de maio. O coração do mestre parou, pois Luciano morreu de parada cardíaca, todavia a cultura do Boi Coração não para e permanece viva no coração de todos que acompanharam ou que de algum modo conheceram de perto a arte de Luciano e de seu Boi Coração. O mestre era uma pessoa muito querida e respeitada na cidade de Ocara, não só por sua cultura, mas mais especialmente por ser um homem de grande alma. Homem simples, idôneo, tímido e de poucas palavras. Trabalhador e honesto. Manso e humilde. Pai e amigo exemplar. Exercia a profissão de pedreiro com muita responsabilidade e dignidade. Esta pesquisadora sente-se lisonjeada pela felicidade de biografar a cultura do mestre e ainda mais feliz pela oportunidade de conviver com um homem íntegro, honrado e de valor inestimável.

Luciano Correia dos Santos pode não representar o moderno ou o pós-moderno, pode ainda até representar o arcaico, segundo o entendimento daqueles que não se identificam com sua cultura, com seus valores e com suas crenças, porém Luciano Correia e sua arte representarão o eterno e o belo porvir se considerados os afluentes culturais na sua magnitude produtora de bens visíveis e invisíveis, de bens tangíveis e intangíveis. Luciano Correia e sua arte permanecerão no coração de muitos que com ele compartilharam a valorosa de muitos reis. Dizia o poeta Fernando Pessoa que “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”, e certamente a alma do mestre de reis foi e ainda será por muitas gerações grande, significativa e significadora da cultura, dos costumes e dos valores entre os amantes da cultura e da educação.

A imagem da Figura 29 mostra Luciano caracterizado de careta. O homem tímido surpreende ao expressar a alegria e a irreverência através da dança. A referida apresentação aconteceu em janeiro de 2016, depois de Luciano ter declarado em entrevista a esta pesquisadora que, por conta dos problemas de saúde, não brincava mais de reisado. O reisado de terreiro na casa do tio Antonino funcionava como um aparelho desfibrilador ao reanimar o coração do mestre a fazer sua alma pulsante e vívida a encenar uma de suas últimas apresentações. Na ocasião, Luciano, juntamente com seus companheiros, cantou, dançou e se alegrou. Homens de boa-fé, de boa índole, de boa cultura e de boa educação sempre

desafiados pelas agruras da vida, mas que não se permitiram ser impedidos de cantar, dançar e se alegrar. Todas essas emoções vividas, sentidas e reproduzidas no contexto do ritual do boi de reis, representando e lembrando o próprio ritual de vida e de morte, de paz e de guerra, de amor e de ódio, de sagrado e de profano, como na época dos grandes reis.

[...] E Davi saltava com todas as suas forças diante do Senhor: e estava Davi cingido dum éfode de linho. Assim subindo, levaram Davi e todo o Israel a arca do Senhor, com júbilo e ao som de trombetas. E sucedeu que, entrando a arca do Senhor na cidade de Davi Mical, a filha de Saul estava olhando pela janela: e, vendo ao rei Davi que ia bailando e saltando diante do Senhor, o desprezou no seu coração. (BÍBLIA, 2005, Samuel II, c. 6, vs. 14-16).

[...] Então cantou Moisés e os filhos de Israel este cântico ao Senhor; e falaram, dizendo: cantarei ao Senhor, porque sumamente se exaltou: lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro. (BÍBLIA, 2005, Êxodo, c. 15).

[...] porque os cavalos de Faraó, com seus carros e com seus cavaleiros, entraram no mar, e o Senhor fez tornar as águas no mar sobre eles; mas os filhos de Israel passaram em seco. [...] Então Miriã, a profetiza, a irmã de Arão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamboris e danças. (BÍBLIA, 2005, Êxodo, c. 20, vs. 19-21).

[...] Entrou a filha da mesma Herodias, e dançou, e agradou a Herodes e aos que estavam com ele à mesa; disse então o rei à menina: ‘Pede-me o que quiseres, e eu o te farei [...]’. E, saindo ela, perguntou a sua mãe: ‘Que pedires?’. E ela disse: ‘A cabeça de João Batista’. (BÍBLIA, 2005, Marcos, c. 6, vs. 22-24).

Na ocasião do reisado de terreiro na casa do tio Antonino Correia, Luciano relembrou as brincadeiras e apresentações na companhia dos primos Zé Milo, Otacílio Batista e Nildo Batista. Com muito carinho, lembrou-se de como o reisado havia conquistado seu coração. Passou a viver, a praticar e a confeccionar os mamulengos e as indumentárias que vestiam os personagens. Um dos primeiros artefatos que Luciano construiu foi o próprio boi de reis. Precisou usar o lençol com que dormia, preferindo enfrentar as noites frias do sertão. Contudo, seu Coração era aquecido e aquecia o coração de familiares e amigos a cada brincadeira e apresentação que realizava. Pouco a pouco, o boi foi conquistando a comunidade e o respeito pela cultura de reis. A atividade começou com o apoio de sua mãe, que, vendo o interesse do filho, resolveu ajudar na construção da indumentária e ensinar-lhe a dança e a trama que marcam a narrativa do folguedo do boi de reis. Luciano conquistou o apoio dos demais familiares, inicialmente dos primos e tios e posteriormente dos filhos e filhas que passaram a apoiá-lo, direta ou indiretamente, ao longo de sua trajetória. Pode-se dizer que o lema de Luciano passou a ser “Se correr, o boi te pega”.

Figura 31 – Mestre Luciano participando da XI Mostra Estadual Natal de Luz



Fonte: *Site* do município de Ocara (2013).

A influência do tio Antonino na vida do sobrinho Luciano foi primordial, quem se tornou mentor do sobrinho e de outros que o acompanhavam na cultura de reis. O Denir, por sua vez, herdou a cultura do primo Luciano. É relevante destacar que o tio Antonino representou para a família Boi Coração forte referência, por ser um dos mais antigos na arte do boi e que conservou a fé e o apreço pela cultura até o fim de seus dias. No entanto, o mestre Antonino, em virtude da idade avançada e de problemas de saúde e locomoção, fatores que o impossibilitavam de assistir às apresentações do grupo em espaços outros, fez com que o grupo promovesse as apresentações do reisado de terreiro como acontecia em suas origens, quando seus avós, pais e familiares as realizavam em terreiros e às portas das casas de familiares e amigos.

O ritual de iniciação no terreiro do senhor Antonino acontecia na forma hoje conhecida como reisado de porta¹³, sendo realizada à porta da casa de seu Antonino a abrição do ritual, acompanhada pelas cantigas e os instrumentos que caracterizam a festa de reis. Os personagens que participavam da trama estavam todos vestidos e caracterizados com suas indumentárias, como se pode verificar nas fotos apresentadas no decorrer deste trabalho de tese. Sobre reisado de terreiro, também se pode inferir que:

[...] é, a um só tempo, tiro, auto-épico, brincadeira de terreiro, cortejo de brincantes, ópera popular e teatro tradicional [...]. Cortejo popular porque as diversas linguagens

¹³ Abrição de porta: “[...] quando a companhia de Reisado chega ao local da apresentação, encontra fechada a porta da casa do contratante que passa a ser chamado de patrão ou capitão. O Mestre apita, põe o Reisado em forma e puxa as peças de abrição de porta” (BARROSO, 2008, p. 107).

artísticas (música, teatro, dança, artes visuais – nos figurinos e adereços), numa só apresentação. Teatro tradicional porque se trata de manifestação cênica construída secularmente pela coletividade. Em todas as duas formas, o Reisado é essencialmente um teatro nômade, peregrinal, processional, ambulante, uma grande narrativa desenvolvida por um grupo de brincantes, sem começo ou fim, na busca interminável da utopia que, entre suas várias traduções, tanto pode ser lida como o Divino (no caso dos Reis Magos), quanto como a ‘Terra Sem Males’ dos índios brasileiros. Daí poder traduzir-se como uma caminhada, que tem um sentido, mas não uma rota determinada, pois pode mudar ao sabor dos ventos ou de outras circunstâncias, as mais diversas. Uma viagem que ‘vem do começo do mundo’, como dizem os brincantes, e que, como o mundo, não se sabe se em alguma época se cabe. (BARROSO, 2008, p. 2).

O Grupo Boi Coração é composto por integrantes fiéis e não fiéis, isso porque alguns apreciadores da cultura, uma vez contagiados pela magia do folguedo, tornam-se brincantes por ocasião da necessidade de substituir algum integrante em situação de emergência ou porque simplesmente são atraídos pela magia do folguedo.

Figura 32 – XI Mostra Estadual Natal de Luz (Boi Coração) 1



Fonte: Site do município de Ocara (2013).

O mestre Luciano Correia exerceu importante função de liderança junto ao Grupo Coração. O grupo foi convidado em 2013 para mais uma vez participar do renomado evento Natal de Luz. No ano de 2013, a tradição do Boi Coração foi destaque e recebeu reconhecimento do governo do estado. O Grupo Coração granjeou o diploma de Tesouro Vivo da Cultura Tradicional Popular do estado do Ceará. O diploma conferido ao grupo tem como base legal a Lei n. 13.842/2006, que prestigia os relevantes serviços prestados pelos artistas populares à cultura e à arte cearense. O secretário de cultura à época era Paulo de Tarso Bernardes Mamede, que exercia a função no exercício do governador Cid Ferreira Gomes. Na ocasião, o já renomado mestre de reisado Luciano Correia do Santos não só teve o

seu Grupo de Reisado Boi Coração contemplado com o título de Boi Coração, Tesouro Vivo da Cultura Popular Cearense, como também passou a receber, de forma regular e legal durante um período determinado de tempo, um salário em valor de moeda real como reconhecimento de sua arte e de seu trabalho.

CAPÍTULO I - DA INSTITUIÇÃO DO REGISTRO E DA DEFINIÇÃO DOS MESTRES DA CULTURA TRADICIONAL POPULAR: Art. 1º. Fica instituído no âmbito da Administração Pública Estadual, o Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular (RMCTP-CE), a ser feito em livro próprio a cargo da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Parágrafo único. Será considerado, para os fins desta Lei, como Mestre da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará e, para tanto Tesouro Vivo, apto, na forma prevista nesta Lei, a ser inscrito junto ao Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará, a pessoa natural que tenha os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e preservação da cultura tradicional popular de uma comunidade estabelecida no Estado do Ceará. [...] **CAPÍTULO III - DOS DIREITOS DECORRENTES DO REGISTRO DOS MESTRES DA CULTURA TRADICIONAL POPULAR:** Art. 4º. O registro no Livro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular (RMCTP-CE) resultará, para a pessoa natural registrada, os seguintes direitos: I - diploma que concede o Título de Mestre da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará; II - percepção de auxílio financeiro a ser pago mensalmente, pelo Estado do Ceará, no valor correspondente a (01) um salário mínimo. §1º. Os direitos atribuídos aos registrados como Mestres da Cultura Tradicional Popular, na forma prevista nesta Lei, têm natureza personalíssima, são inalienáveis e impenhoráveis, não podendo ser cedidos ou transmitidos, a qualquer título, a cessionários, herdeiros ou legatários e não geram vínculo de qualquer natureza para com o Estado. §2º. Os direitos atribuídos aos registrados como Mestres da Cultura Tradicional Popular extinguem-se por ocorrência da morte do registrado. §3º. O auxílio financeiro, de que trata o inciso II deste artigo, cessará em decorrência do não cumprimento, pelo mestre, do dever elencado no artigo 5º desta Lei. **CAPÍTULO IV - DO DEVER DECORRENTE DO REGISTRO COMO MESTRE DA CULTURA TRADICIONAL POPULAR:** Art. 5º. É dever do registrado no Livro de Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará transferir seus conhecimentos e técnicas aos alunos e aprendizes, através de programas de ensino e aprendizagem organizados pela SECULT, cujas despesas serão custeadas pelo Estado. Art. 6º. Caberá à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – SECULT fiscalizar o cumprimento do dever atribuído aos Mestres da Cultura Tradicional Popular, na forma prevista nesta Lei. §1º. A cada 02 (dois) anos, até o final do exercício financeiro subsequente ao biênio objeto de análise, a Secretaria da Cultura elaborará Relatório de Avaliação das atividades realizadas pelos Mestres da Cultura Tradicional Popular, na forma do art. 5º desta Lei, a ser encaminhado ao Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Ceará – COEPA. §2º. A Secretaria da Cultura dará ciência aos Mestres da Cultura Tradicional Popular dos termos do Relatório de que trata o parágrafo anterior, para providências e esclarecimentos, no prazo de 30 (trinta) dias, de quaisquer exigências ou impugnação relativas ao cumprimento do dever a eles atribuídos na forma prevista nesta Lei, assegurado aos Mestres o direito à ampla defesa e ao contraditório. §3º. Não será considerado descumprimento de dever a impossibilidade, para o Mestre, de participar dos programas de que trata o art. 5º desta Lei, desde que tal impossibilidade tenha sido motivada por incapacidade física causada por doença grave comprovada mediante exame médico-pericial. (CEARÁ, 2006).

Figura 35 – Imagem da sanfona ou acordeona



Fonte: Google imagens (2017).

A festa do Boi Coração em Ocara teve suas raízes ainda na década de 1930 do século XX – passado recente. Atualmente existem outras versões do folguedo na cidade de Ocara, tanto na sede do município como em outros espaços rurais e urbanos fora da sede. Alves (2015, p. 24) lembra que:

Na década de 1930 ‘inventaram’ o bumba meu boi, que, sob a liderança de José Correia da Silva (Zé Velho) e Oscar Correia dos Santos, saía no final da tarde para se apresentar no arraial. A tradição continua através do Reisado Boi Coração, do Mestre Luciano Correia, e do grupo infantil Boi Catavento, coordenado pela professora Elenir Moraes. Hoje, o reisado de Mestre Luciano é patrimônio vivo da cultura cearense.

O Reisado Boi Coração em Ocara segue a tradição da indumentária do folguedo bumba meu boi, utilizada em vários lugares do país. O Boi Coração com sua vestimenta ornamentada é atração preponderante e de representação e apresentação indispensáveis.

Figura 36 – Reisado Boi Coração. Apresentação de reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia 1



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

Figura 37 – Reisado Boi Coração. Apresentação de reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia 2



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

Pode-se perceber que as memórias e narrativas de jovens e de pessoas de mais idade neste trabalho confirmam o pressuposto de que a cultura do reisado na cidade de Ocara tem atravessado espaços e gerações. A cultura tem passado de pais para filhos e tem conseguido unir familiares e comunidade. A cultura tem unido pessoas de todas as idades e com diferentes níveis de formação e níveis socioeconômicos.

No tocante aos jovens, sabe-se que se vive numa época em que os atrativos eletrônicos são os mais diversos e tentadores, contudo, apesar da existência desses artefatos modernos, as pessoas de mais idade defendem a conservação e preservação da cultura na sua comunidade, que se define caracteristicamente pelo sentimento de pertença de um povo que já tem seu patrimônio cultural e educacional reconhecido pelo governo do estado como tesouro vivo, reconhecimento esse que primeiramente abraça os que abraçam a cultura herdada pelos seus.

As fotos que se apresentam em seguida ilustram alguns dos personagens e suas indumentárias descritas neste trabalho no contexto de suas representações e apresentações da festa de reis.

Figura 38 – Personagem do Babau durante apresentação no reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

Figura 39 – Moleque responsável por coordenar as animações e as doações. Apresentação de reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

Figura 40 – Apresentação da Ema durante reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

Todavia, se observada numa escala genealógica de cultura e idade na arte do reisado em Ocara, pode-se argumentar, a partir de tudo que foi estudado no percurso de realização desta pesquisa de tese, que os senhores Antonino Correia, Luciano Correia dos Santos e Denir dos Santos representam os principais troncos da genealogia cultural da festa de reis na cidade de Ocara contemporaneamente, considerando-se que este estudo tão somente pôde realizar-se com foco voltado a essas gerações, reconhecendo-se que a festa de reis em Ocara é muito mais antiga e que, certamente para se construir uma árvore genealógica representativa da festa de reis nessa cidade, seria preciso aventurar-se num mergulho muito mais profundo.

Sobre Luciano Correia dos Santos, embora se afirme que ele tenha herdado a cultura do pai, não se pode negar os fatos apurados neste estudo de que ele de fato inicialmente aprendeu a cultura do boi com sua mãe, irmã do senhor Antonino. O senhor Antonino já brincava do boi de reis, tendo sido um dos pioneiros da cultura na cidade de Ocara. O pai de Luciano, contemporâneo e cunhado do senhor Antonino Correia, compartilhou com ele a cultura. A cultura do boi de reis apresenta características do patriarcado, que representa um sistema político e social em que os homens, especialmente os homens em idade adulta, mantêm o poder primário sobre seus dependentes, sobretudo mulheres e filhos, e os homens também predominariam não só em funções de liderança política, mas também de autoridade moral, de privilégio social e de controle de bens e de propriedades edificadas no campo material e imaterial, tangível e intangível, visível e não visível. O próprio Luciano contou em entrevista que ainda criança havia começado a arte e a dança do boi com o apoio e a colaboração de sua mãe. Quando da ocasião em que acompanhou o pai às escondidas, assim o fez temendo a surra que poderia levar. Foi sua mãe quem inicialmente lhe ensinou a cultura e a confeccionar o primeiro boi. Porém, em geral, no que se refere ao protagonismo da festa de reis, não são as mulheres que aparecem em destaque, e sim os homens.

A experiência vivida pelo mestre Luciano e certamente por muitos de seus companheiros é bastante singular. Pode-se afirmar, a partir dessas experiências, que a cultura e a educação se colocam num posto bem mais elevado do que se costuma pensar, se forem enxergadas sob o prisma de que não se pode conduzir esses processos de relações tão somente inferindo-os com base em definições e conceitos que certamente não podem abarcar a magnitude desses arrolamentos na plenitude real dos acontecimentos nos diferentes espaços temporais, esferas do viver, esferas do saber viver, esferas do fazer e esferas do saber fazer. A cultura e a educação, em sua plenitude real, não são definidas sumariamente nem por cor, nem por credo, nem por gênero, nem por tempo, nem por espaço. Ela transcende qualquer uma dessas condições, pois:

Na casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. [...] Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante. (LIBÂNEO, 2010, p. 26).

Quanto à questão de relação da cultura do reisado com a afrodescendência, mestre Luciano Santos (2016, entrevista), ao ser indagado sobre o conhecimento de uma possível relação do reisado com esta, respondeu:

Não conheço nenhuma relação do Boi Coração com a cultura da África, não, porque nós nunca brincamos assim. Alguma vez eu ainda me pintei de preto e fui brincar, mas quem brincava assim pintado de preto era o meu pai: se pintava de tirma¹⁴ e ficava bem pretim¹⁵, aí chamavam de Negão do Piauí.

Pintar-se de tirma, ou seja, pintar-se de preto, seria inegavelmente uma característica real e representativa da relação da cultura do boi de reis com os afrodescendentes, embora o mestre e muitos de seus praticantes não percebam nem entendam essa relação. Essa compreensão se diluiu no tempo e no espaço brasileiro, entretanto o atributo da lembrança e da memória garantiu a preservação e a identificação dessa relação no contexto desse caleidoscópio de vivências e práticas culturais em terras ocarenses, garantidas através do depoimento de muitos populares que se recordam dos mestres de reis pintados de tirma apresentando-se nas festas de reis, principalmente os mais antigos.

A irmã do mestre Luciano, Maria Correia dos Santos, dona Creuza, ao se reportar ao reisado, também lembrou seu pai, quando este realizava as brincadeiras e apresentações como Negão do Piauí, Careta do Boi, Velha do Boi e ainda outros personagens típicos da cultura do boi. De forma intencional ou não, pode-se afirmar que seu pai dava ênfase às raízes da africanidade no folguedo ao pintar-se de tirma preta para ficar com a pele pretinha, tal como afirmado pelo mestre Luciano.

Como apreciadora da cultura e poetisa popular que se destaca no anonimato, dona Creuza descreveu parte de suas memórias em rima:

Meu pai dançou de Velha um tempo. Minha mãe fazia um vestido de babado e ele fazia uma máscara, pintava de rosa e colocava uns brincos. Cantavam: 'A velha debaixo da cama, a velha criava um rato, de noite se levantava, o rato chiava, e a velha dizia: - Ai, meu Deus, se acaba tudo, tanto bem que eu te queria'. Mas primeiro ele brincava de Negão do Piauí; fazia dois papéis. Uma vez eu chorei numa apresentação em que o Luciano também se vestiu de Negão do Piauí em homenagem ao nosso pai. Escrevi até uns versos depois dizendo assim: '[...] Luciano tem prazer,

¹⁴ Cinza e resíduos/fuligem de fumaça pegajosa de cor preta.

¹⁵ Diminutivo de preto na linguagem popular.

com o Boi Coração brincar na cidade de Ocara e também em outro lugar. O personagem do seu pai ele tentou imitar, deixando a gente triste com vontade de chorar'. Luciano fala, assim, que meu pai era o melhor Careta, entrava na brincadeira com os braços e a cara toda preta. É uma pena ele não estar aqui, na brincadeira do Negão do Piauí. (MARIA SANTOS, 2016, entrevista).

No caso do Reisado Boi Coração em Ocara, mestre Luciano também foi interpelado sobre a relação dessa manifestação cultural com a igreja católica. O mestre brincante (não brincando) afirmou não relacionar seu reisado a nada sagrado, pelo menos não de forma consciente, demonstrando desconhecer a relação dessa cultura não só com a africanidade brasileira, mas também com a igreja católica, atribuindo essa característica do sagrado/profano ao grupo que ele chama de “reisado de porta” ou “tiração de reis”, prática também existente no município, mais precisamente na localidade de Vila São Miguel, onde a tradição perdura há anos, entendendo-se que essa tradição rememora e comemora a visita dos Reis Magos quando da ocasião do nascimento de Jesus em Belém da Judeia, reportando-se aos relatos bíblicos que não necessariamente estariam ligados ao catolicismo como se costuma afirmar.

Atualmente existe em Ocara, também na Vila São Miguel, um grupo de jovens da sede do município que tem se reunido anualmente com o mesmo fim, sendo que reservam parte do dinheiro arrecadado para fazerem doação aos mais necessitados. Luciano reconheceu que o período característico de apresentação da festa do boi ocorria na cidade de Ocara mais precisamente nos meses de janeiro e dezembro. É considerável perceber que o mestre Luciano não interligou seu reisado necessariamente a um tempo mítico ou a um tempo divino. Essa dissociação pode ser mais bem compreendida a partir dos postulados antropológicos propostos por Eliade (1996) e Lévi-Strauss (1989).

Em Ocara também são encontrados grupos tradicionais de reisado que optam por realizar a festa com “comes e bebes” e momento cultural. Arrecadam dinheiro visitando portas durante as madrugadas. Homens, mulheres, jovens e crianças costumam entoar cantigas acompanhadas de instrumentos e pessoas trajando vestes que representam anjos e reis magos, solicitando que as portas sejam abertas e os moradores ofertem algum valor em dinheiro ao grupo. Cantigas são entoadas de porta em porta durante a madrugada no período de reis, que na cidade acontece mais assiduamente nos meses de dezembro e janeiro, como dito anteriormente.

Ô de casa, ô de fora, manjerone é quem tá aqui, é o cravo, é a rosa, é a flor do bulgari / Esta casa está bem feita, por dentro e por fora não / por dentro cravos e rosas, por fora manjeriço / Capitão dono da casa, não queremos seu dinheiro, quero que me dê licença, pra brincar no seu terreiro / Senhora dona da casa, passe a mão no seu cabelo, que do céu há de cair, um pinguim de água de cheiro [...]. Abre essa porta, meu Capitão, abre essa porta meu Capitão, tenha dó de nós no seu coração, tenha dó de nós

no seu coração / Abre essa porta se tem de abrir, abre essa porta se tem de abrir, que nós mora longe e queremos se ir, que nós mora longe e queremos se ir [...]”¹⁶.

A tradição do reisado de porta em Ocara é muito marcante no distrito de Vila São Miguel. O Boi Coração antigamente cantava nas portas, mas o que difere é que cantavam somente à porta daquele que o convidasse para dançar no terreiro de sua casa, a quem eles chamavam de padrinho, que, após ouvir a mesma cantiga acima citada, abria sua porta e ofertava dinheiro aos brincantes, que bebiam cachaça e disputavam versos improvisados de elogios ao dono da casa ou insultos entre os colegas. Nessas disputas, aquele que fizesse uma rima mal elaborada tinha a sua cara esfregada na bunda do boi e o chamavam de “cagado”, o qual, após os “esfregas”, saía entre o povo pedindo dinheiro para comprar sabão para se lavar. Durante toda a apresentação, os brincantes utilizavam meios criativos de obter dinheiro de quem os assistia, conforme citou Antônio Batista de Oliveira (2016, entrevista), ex-careta do reisado do Boi Coração:

Durava uma faixa de três horas; começavam cantando nas portas. O finado Manel Joaquim uma vez disse: ‘Antonino, vamos fazer uma coisa diferente; vamos cantar o Boi de Prata, Boi de Ouro; aí, quando mandar o boi afastar pra trás, a gente afasta e depois é que vai buscar pra começar o reisado. Aí, às vezes, ele fazia assim: cantava na porta da pessoa que tinha convidado o reisado. A casa pagava uma quantia e depois se tirava sorte com o chapéu das damas ou da burrinha. Os dançantes também podiam soltar lenços nas pessoas e os papangu pegava de volta com o valor que quisessem dar. As pessoas daquele tempo eram muito educadas. Muita gente devolvia com dinheiro. O papai era o responsável pela brincadeira. Ele tangia todinha. Ele aprendeu com o seu avô, que chamavam de velho Raimundo. Passou muitos anos também no Boi do Luciano, que é meu primo legítimo.

Figura 41 – Antônio Batista de Oliveira e Antônia Gardânia dos Santos Souza, coordenadora do Projeto Grupo de Reisado Boi Esperança



Fonte: Acervo da professora Gardânia Santos (2017).

¹⁶ Trecho de cantiga utilizada pelo grupo de Tiração de Reis, de Vila São Miguel, Ocara.

Divagando um pouco no tempo, o brincante Antônio Batista de Oliveira (2016, entrevista), Toin Estreito, rememorou saudosamente como ocorriam as apresentações do Reisado Boi Coração e descreveu detalhes do evento:

Antigamente o reisado se reunia num terreiro clareado pela lamparina. O dono da casa era chamado de padrim e comprava a língua do boi e o dinheiro era dado pro tripa, que dançava debaixo do boi. Começava assim que entrava dezembro e ia até o dia 6 de janeiro. Com o dinheiro que a gente ganhava, comprava muita coisa, muita carne, arroz, macarrão, farinha e fazia uma grande festa pra todo mundo com um forró bem animado. Eu até dizia uma grossa assim pra convidar o padrim pra festa: 'Na festa desse reisado é devido ter muita coisa, 49 raposa, 81 saruê, onte ainda mandei ver na lagoa da cutia pegar uma carga de jia e duas carrada de aruá, é comida pra sobrar com diversa ranguria, onde há dois urubutinga cozinhado no arroz, cururu 42 foi pegado nas cacimba, condor rezado cachinga, essa festa vai ter cobra, todo inseto nojento, lagartixa e papa-vento é pra comer com muita sobra'.

Quando Ocara sequer havia sido emancipada como cidade, não havia muitas oportunidades de socialização a serem oferecidas para a pequena população interiorana, sendo raros os momentos oportunos para esse fim. Quando ocorriam apresentações de reisado, havia sempre muito público, as quais eram realizadas com pouca frequência. Há relatos de que, por volta de 1930-1940, já havia folguedos de bois no município, um deles o da própria cidade e outros dois de localidades vizinhas, sendo que havia o Boi do Raimundo Maná, em Capivara, e o Boi dos membros da família França, em Curupira. Com o passar dos tempos, outros grupos foram se organizando, como o de Manoel Fulô e o dos irmãos Alípio e Alício Correia dos Santos, de Vila São Miguel.

Geralmente esses grupos eram formados no período natalino, sendo que alguns se desfaziam após esses dias, muito provavelmente devido à falta de recursos para a manutenção de suas atividades culturais, que foram raízes para as gerações posteriores, não apenas em relação à tradição do bumba meu boi, mas em manifestações artísticas diversas por meio das quais o município tem buscado crescer.

Uma marca local é a diversidade de manifestações artísticas-culturais. A população se envolve nas mais diferentes áreas: música, dança, teatro, cordel [...]. Tem em sua matriz uma formação religiosa: até 1960, a religiosidade era a principal forma de sociabilidade, fundada na realização de terços, novenas, procissões, coroações de imagem de Nossa Senhora, missas, festa de padroeiros e quermesses [...]. Gradualmente foram surgindo novos momentos de sociabilidade marcados ou não pela temporalidade sagrada. Na década de 1930 'inventaram' o bumba meu boi, que, sob a liderança de José Correia da Silva (Zé Velho) e Oscar Correia dos Santos, saía no final da tarde para se apresentar no arraial. A tradição continua através do Reisado do Boi Coração, do Mestre Luciano Correia, e com o grupo infantil Boi Catavento, coordenado pela professora Elenir Moraes. Hoje, o reisado do Mestre Luciano é patrimônio vivo da cultura cearense. (ALVES, 2015, p. 24).

Brincar reisado há alguns anos era sem dúvida um desafio – por questões, por exemplo, relacionadas à luta pela sobrevivência ou à falta de entendimento em relação ao valor de suas culturas –, e ainda o é nos dias de hoje, pois é necessário que se tenha sentimento de valorização da cultura e também recursos financeiros para que os grupos se mantenham. Políticas públicas se fazem necessárias para que se valorize mais a cultura popular, o que vai além de títulos ou reconhecimentos pontuais. Da valorização da cultura e dos recursos depende o crescimento dos grupos ou a dissolução deles. Em 2002, um boi confeccionado por Luciano Correia dos Santos foi cedido para exposição permanente no Centro Cultural Roque Machado, localizado na própria cidade. Em troca, a Secretaria Municipal de Educação lhe cedeu materiais para a confecção de um boi mais moderno. O mestre Luciano considerava que seu reisado havia crescido e se destacado nos últimos anos devido ao apoio do poder público do município, que se empenhou em fazer o seu grupo reconhecido pelo estado, fazendo com que participasse e concorresse aos editais de fomento à cultura popular local, regional e tradicional. O grupo recebeu o apoio necessário da secretaria, de modo que pôde concorrer aos editais e se fazer presente nas realizações dos eventos que iam acontecendo fora da cidade.

Inspirado nas apresentações de reisado do mestre Manoel Fulô, acima citado, e em seu conterrâneo mestre Pedro Boca Rica, criador do Boi Tungão, que tinham um estilo autêntico, diferenciando-se dos bois da região, mestre Luciano, como já mencionado, confeccionou seu próprio boi em 1970, ficando popularmente conhecido por sua arte nos anos 1980. Durante a década de 1990, sua fama se espalhou tanto que chegou até mesmo a participar do programa Ceará Caboclo, apresentado por Carneiro Portela na antiga emissora TVE. Mestre Luciano inspirava-se no que via, porém sempre querendo fazer diferente, embora procurasse manter o tradicional e o que a sua autonomia lhe permitia. O mestre lembrou das dificuldades financeiras existentes e do sonho que tinha em fazer cultura:

O meu primeiro reisado foi em 1970. Eu inventei um boi bem simples, com dificuldade, que as coisas era muito difícil. Cobria com lençol o Boi do Luciano do Mundim, o Boi do Mundim. Era só os primos, os amigos, só aqueles meninos da rua mesmo, de perto da gente. Era o Boi e tinha a Ema. Uma caixa veia de papelão e o ovo era uma pedra. Tinha Damas, tinha a Velha, tinha um Jumento veio que eu fazia, inventava; toda vida inventei as coisas. As Damas era uns meninos de vestido. Não tinha menina, não, era menino mesmo vestido de menina, já que as mães não davam liberdade pras menina. A mãe quem ajeitava essas Damas; não sei nem onde arrumava as roupa. (LUCIANO SANTOS, 2016d, entrevista).

A priori, seu boi e os personagens de seu reisado eram confeccionados de maneira arcaica em virtude da falta de recursos naquela época. Com o tempo e à custa de muito trabalho artesanal, o mestre foi estilizando suas figuras, pois seus dons artísticos, cada vez mais apurados

também para a arte do mamulengo, sempre lhe permitiram expressar sua criatividade, mesmo se utilizando de materiais como sucatas e recicláveis. O que parecia lixo se tornava arte. Com os recursos que o grupo foi adquirindo, seu reisado foi ficando cada vez mais aprimorado.

Atualmente o Reisado Boi Coração, além de dançar, come capim e o expele. Luciano conseguiu elaborar uma estratégia indumentária que propiciou uma dinâmica e evolução do Boi Coração, que em cena faz o boi comer capim. Também elaborou duas Emas, sendo uma filha e a outra a mãe, que põem um ovo durante a apresentação. O Macaco, com seu filhote, corre se coçando para um lado e outro. O Cachorro, que espanta o Urubu, que é atraído pelo mau cheiro do Boi morto. Há também o Babau, uma carcaça de animal morto e que tem olhos de fogo. Convém acrescentar que antigamente o Babau mordida a mão de alguém do público e só soltava se colocassem uma rapadura em sua boca. A Velha do Boi agarra os homens. A Burrinha dá a impressão de conduzir seu dançador sobre si. O Cavalo conduz o Vaqueiro, dando a mesma impressão. E a Boneca Joana dança um forró arrochado com o Caboclo, que é o responsável pela condução da brincadeira. Todas esses personagens e cenas podem ser conhecidos nas fotos apresentadas no decorrer deste trabalho de tese.

Tal boneca foi uma homenagem a Astrogilda, a boneca do bonequeiro Pedro Boca Rica, segundo mestre Luciano. Pedro Boca Rica é considerado um dos maiores artistas populares do Brasil e carrega o prestígio do reconhecimento de maior bonequeiro da América Latina. Pedro Boca Rica também foi um grande mestre na brincadeira do boi. Ele é ocareense e a arte do boi e do mamulengo foi herdada por seus orgulhosos conterrâneos.

Figura 42 – Reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia. Dança do Caboclo com a boneca Joana durante a apresentação do Boi Coração



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

Figura 43 – Ritual de matança do Boi Coração. Reisado de terreiro na casa do senhor Antonino Correia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2016).

Tais figuras criam vida com a ação de homens, crianças e adolescentes (BARROSO, 2008). E a interação entre os personagens de animais com os homens acontece através do Caboclo, do Vaqueiro e de alguns Caretas (homens mascarados), em um enredo que envolve a vida, a morte e a ressurreição do boi. Antes de retornar da morte, o Caboclo faz uma prévia da divisão das partes do corpo do boi no caso de vir a cortá-lo, utilizando-se de versos ou cantigas durante a repartição. O tema e o lema da morte, vida e ressurreição constituem os principais motes da narrativa que atravessa gerações, espaços e fronteiras.

Certamente narrar, para mestre Luciano e muitos de seus contemporâneos e companheiros da arte do mamulengo e da arte do boi de reis, consiste na eminente necessidade de que todo ser humano precisa, como já foi dito no famoso conto árabe: “Narrar para não morrer”. O mestre Luciano materialmente já não está, mas entre os seus certamente sua arte e seu Boi Coração permanecerão vivos por muitos dias e por muitas noites no coração de sua gente e no coração de todos que com ele compartilharam sua arte.

A seção seguinte trata da cultura, da educação e das práticas educativas de forma proeminente, pois expõe a relação do reisado como cultura herdada num contexto de educação formal tendo como referência a Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa, constatando-se, assim, que é possível lidar com o desafio da inclusão da cultura – no caso, a cultura popular – no currículo de ensino, de modo que a aceção de currículo não seja concebida de uma forma estigmatizada ou mesmo ainda segundo alguns padrões culturais sobrecarregados de modelos estigmatizantes.

6 CULTURA, EDUCAÇÃO E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL RAIMUNDO DOS SANTOS LESSA

“Quando as infâncias-adolescências com que trabalhamos põem de manifesto sua condição humana tão precarizada, não dá mais para preparar a aula, ou passar a matéria sem nos indagar acerca de suas vivências, traumas, medos, incertezas de que levam como gente, não só como escolares. O que a turma traz para a sala de aula, como vivem e se socializam, pensam o mundo, se pensam, condiciona o como pensam e aprendem, aceitam ou rejeitam nossas lições.” (ARROYO, 2013, p. 28).

Esta seção tem como foco a experiência vivenciada por docentes, discentes e comunidade a partir do Projeto Reisado do Boi Esperança. O projeto foi inspirado no Grupo de Reisado Boi Coração partindo da pressuposição de que a cultura popular tradicional pode representar-se como dispositivo essencial na afirmação da identificação/identidades dos sujeitos que ensinam e aprendem concomitantemente em seus contextos de relações e representações, considerando-se que cultura e educação informal e não formal estão socialmente imbricadas no processo de construção de sentidos e sentimentos de pertença dos sujeitos, sobretudo dos sujeitos aprendizes no contexto da educação formal.

A Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa é uma instituição pública municipal localizada no bairro Boa Esperança, à rua Antônio Paulino, sem número, distando um quilômetro da cidade sede do município de Ocara, Ceará. O poeta, cordelista e cantador de viola ocarense nascido no Boa Esperança, no seu livro de ontologia poética *A faculdade da vida: conheça a Boa Esperança*, descreve suas histórias e memórias acerca do bairro em que nasceu. Essas histórias e memórias certamente contribuem e delineiam mais fielmente algumas definições e características da gente de Boa Esperança, bairro no qual se localiza a Escola Raimundo dos Santos Lessa, palco da vivência e experiência do Projeto do Grupo de Reisado do Boi Esperança, que na referida escola constituiu relevante instrumento e ferramenta didático-metodológica de ensino e aprendizagem. Quanto ao local de inserção da experiência pedagógica, o poeta fala:

A Vila da Boa Esperança / Antiga Lagoa Torta / Canteiro, vazante e horta / Cerca de faxina e trança / Lembro eu ainda criança / Molhando pão com saliva / Cortando palha e maniva / Para meu jumento comer / Nunca pensava em ver / Boa Esperança tão viva / [...] / Senhor Raimundo Clemente / Ou Raimundo dos Santos Lessa / A origem da promessa / Por ser o vovô da gente / Sua esposa competente / A vovó mãe Valentina / Carmina, Hermínia, Idalina / As três joias da fazenda / Maria, a primeira prenda / Minha mãe, gente fina / [...] / Hoje a vida está moderna / Para o nosso privilégio / Temos comércio, colégio / Apartamento, cisterna / Visualidade externa / Povo alegre em harmonia / Água encanada, energia / Comunicação, transporte / Ô Boa Esperança

forte / Essa que vejo hoje em dia / [...] / Alunos e professores / Muitos jovens talentosos / De onde surgiram famosos / E queridos professores / Honestos educadores / Boa Esperança tu tens / Há tantos anos tu vens / Aguardando que perceba / Portanto agora receba / Meus sinceros parabéns / [...].

6.1 O reisado como instrumento político-pedagógico na Escola Raimundo dos Santos Lessa

A Escola Raimundo dos Santos Lessa atende à demanda de alunos do ensino fundamental I e ensino fundamental II. O ensino fundamental I (1º ao 5º ano) funciona de uma forma regular nos turnos manhã e tarde. O ensino fundamental II (6º ao 9º ano) funciona na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A unidade escolar, como a maioria das escolas públicas cearenses, também conta com os serviços de uma sala com Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A comunidade do bairro Boa Esperança fica situada numa circunscrição da periferia de Ocara e apresenta um perfil socioeconômico centrado no nível da baixa renda. A principal atividade econômica é a agricultura de subsistência sustentada pela cultura da castanha, cultivo da plantação de milho, feijão e outras atividades de subsistência, como a atividade de servente, de pedreiro, comerciário, funcionário público municipal, além dos aposentados pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS).

Figura 44 – Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa em Boa Esperança, Ocara



Fonte: Acervo da professora Gardânia Santos (2017).

A Escola Raimundo dos Santos Lessa apresenta uma história e uma memória bastante peculiares. A unidade escolar nasceu na residência do casal Alice Felipe da Silva e Napoleão Freires da Silva, que cederam um cômodo de sua casa para funcionar como sala de

aula, dado que havia a necessidade de se atender à demanda escolar existente na comunidade, uma vez que a comunidade então não dispunha de espaço para receber os alunos em idade escolar. Em razão da demanda, necessidade de espaço físico e carência de professores, as primeiras turmas foram organizadas de forma multisseriada. Desse modo, a salinha da tia Alice e do tio Napoleão abrigava a todos. Inicialmente essa salinha dependia da boa vontade especialmente da senhora Alice para sustentar, administrar e gerenciar o ensino e a aprendizagem, o que inicialmente fazia sem receber nenhum tipo de remuneração. Em 1987, Francisca Ambrósio Lopes, que na época era presidente da comunidade do bairro Boa Esperança, conseguiu com o então prefeito de Aracoiaba, Vicente Bastos, uma pequena escola. No referido período, a cidade de Ocara era distrito do município de Aracoiaba, no Ceará, e sua emancipação política e administrativa só aconteceu em 1987.

A escola, para ser construída, contou com a doação de um terreno cedido pelo senhor Raimundo dos Santos Lessa, filho de um dos primeiros moradores da comunidade. Como ato de reconhecimento e homenagem, seu nome foi atribuído à escola, que veio a abrigar a salinha de aula que funcionava na casa da tia Alice e do tio Napoleão.

Atualmente a Escola Raimundo Lessa conta com um quadro profissional bastante significativo, tendo: oito professores, uma diretora, uma coordenadora pedagógica e três auxiliares de serviços gerais. Funciona nos turnos manhã, tarde e noite, atendendo a aproximadamente 260 alunos distribuídos em sete turmas no ano de 2017. A estrutura organizacional da escola assim se apresenta: uma diretora – graduada e especialista; uma coordenadora – graduada; oito professores – cinco graduados e três especialistas, havendo professoras que já fazem o curso de mestrado em universidades públicas e particulares. A escola também conta com três auxiliares de serviços gerais. Na atualidade, a instituição apresenta a seguinte estrutura física: quatro salas de aula, uma sala de leitura, uma diretoria, um almoxarifado, uma cantina e dois banheiros. Considerando que esta começou numa sala cedida por um casal da comunidade nos anos 80 do século passado, hoje a Escola Raimundo Lessa tem “registro geral” (RG) e “cadastro nacional de pessoa jurídica” (CNPJ), podendo-se dizer que alcançou a maioria. O cadastro atual da unidade de ensino no Ministério da Educação (MEC) tem o seguinte registro: CNPJ = 03186187/0001-58, INEP 23058072.

A Escola Raimundo Lessa recebe atualmente crianças e adolescentes de outras localidades vizinhas: Assentamento Novas Vidas, Asneira e Balança. Mesmo sendo uma instituição de pequeno porte, oferece uma relevante prestação de serviço para as comunidades com as quais trabalha. O quadro de profissionais não tem medido esforços no sentido de oferecer a essa comunidade uma educação atrativa e de qualidade, consideradas as

possibilidades que lhe são proporcionadas, tendo-se em vista a infinidade de carências tanto no plano material como no plano imaterial.

Contudo, em meio às muitas adversidades, a escola adotou uma postura político-pedagógica pautada na filosofia e prática da resiliência¹⁷ e defendeu a ideia de que sempre se é possível fazer o máximo com o mínimo. Porém, isso não significa que tenha coadunado com a famigerada premissa do “máximo para o capital e o mínimo para o social”. A prática da resiliência como premissa socioeducativa expressou o compromisso da instituição escolar Raimundo dos Santos Lessa junto à comunidade local. A escola considerou e enfrentou o desafio de educar com arte e com o que podia dispor, sabendo que uma das maiores dificuldades é a falta de recursos financeiros, pois os recursos disponibilizados, sobretudo às escolas que funcionam como agregadas ou escolas anexas às escolas-polos, são baixíssimos. Certamente que nesses contextos de ensino e aprendizagem as demandas que sejam relativas a recursos ou de qualquer outro tipo acabam sempre falando muito mais alto do que as complexas discussões teórico-acadêmicas.

Em relação a esse quesito de insuficiência de recursos destinados às escolas públicas brasileiras, cabe ressaltar que não será aprofundada nenhuma discussão crítica neste trabalho de tese, uma vez que as reflexões e questionamentos já são bastante fecundos na literatura político-educacional no cenário nacional. Contudo, isso não implica coadunar com atitudes de passividade ou omissão diante do descaso e negligência atinentes a essas escolas por parte do poder público, mas sim desmitificar a ideia de que as escolas públicas e mormente os profissionais destas, por conta das inúmeras carências e dificuldades, entre estas, a falta de recursos financeiros, seriam descompromissados ou relaxados com as suas atividades laborais.

Destarte, a Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa encontrou na arte, nomeadamente na arte do *reisado*, uma alternativa para otimizar sua prática de ensino e aprendizagem sem atropelar a tradição escolar e curricular que lhe é imposta pelo Estado, seja na forma de Estado educador¹⁸, Estado desenvolvimentista¹⁹ ou mesmo Estado

¹⁷ Resiliência: “[...] representa a capacidade de resistência a condições duríssimas e persistentes e, dessa forma, diz respeito à capacidade de pessoas, grupos ou comunidades não só de resistir às adversidades, mas de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoais e crescimento social” (ANTUNES, 2003, p. 13).

¹⁸ Estado educador: “[...] excluem os interesses particulares do campo político-educacional definido pela tríade República-Cidadania-Escola Pública. Ao fazer isso, eles protegem este campo contra a corrupção por aqueles interesses, mas também deixam a questão socioeconômica fora das preocupações da República e da sua escola. [...] A escola republicana não se abre à comunidade que a rodeia; ela tem a missão de educá-la para a cidadania – o que significou, muitas vezes, rejeitar suas especificidades [...] deve-se instruir o povo, mas sem exagero; é preciso educá-lo não para que ele mude sua condição, mas para que entenda que ‘saber ser contente com sua sorte constitui a verdadeira filosofia popular’” (CHARLOT, 2013, p. 267-269).

¹⁹ Estado desenvolvimentista: “[...] o Estado desenvolvimentista substitui o Estado educador. Prevalece o crescimento econômico e o desenvolvimento. A questão central não é mais a dos fundamentos da nação

regulador²⁰. O projeto²¹ de ação pedagógica Projeto Reizado do Boi Esperança, de forma inusitada, comprometida e lúdica, dinamiza a rotina e as práticas de ensino na Escola Lessa de uma maneira muito singular. O referido projeto teve duração efetiva de quatro anos, compreendendo o período entre 2013 e 2016. O projeto visou consolidar uma prática teórico-metodológica orientada por um pensamento pedagógico norteado pelas premissas de que a cultura, a educação, a escola e o ensino são complementares e se entrelaçam nas complexas relações sociais.

Ao se expressar, os atores/sujeitos dos processos de aprendizagem articulam o universo de saberes disponíveis, passados e presentes, no esforço de pensar/elaborar/reelaborar sobre a realidade em que vivem. Os códigos culturais são acionados e afloram as emoções contidas na subjetividade de cada um. (GOHN, 2011, p. 113-114).

Nas reuniões de coletivo docente na escola Raimundo Lessa, segundo informações concedidas através de entrevistas com Antônia Gardânia Santos Sousa, então coordenadora de ensino, eram comuns as discussões em que se debatia a necessidade de se inovar as práticas de ensino, debatiam-se questões várias, sobretudo acerca da desvalorização da cultura popular e do distanciamento desta com as práticas educativas desenvolvidas em sua escola, por isso esta desconhecia a vivência e a experiência com essa cultura e desconhecia obviamente o conhecimento, o saber e as práticas educativas inerentes a esta.

Indubitavelmente se acredita que conhecimento, saber e práticas educativas populares, escola e ensino deveriam se construir de forma imbricada e entrelaçada, e não de maneira dissociada, pois se compreende que a cultura, nomeadamente a cultura popular, tradicionalmente tem uma força social proeminente na formação dos sujeitos que ensinam e dos sujeitos que aprendem no passado e no presente, independentemente de idade e formação.

(versão francesa) ou das bases da comunidade (versão inglesa e norte-americana); passa a ser a do crescimento econômico e do desenvolvimento. Essa mudança é mundial. Acontece nos países industrializados e democráticos, onde os conflitos de classe são regulados por dispositivos institucionais ou consensuais [...]. Oferece reais chances de ascensão social [...]” (CHARLOT, 2013, p. 270; 273).

²⁰ Estado regulador: “A escola do Estado regulador sofre as consequências indiretas dessas evoluções sociais e culturais. Além disso, ela também é presa nas novas lógicas. Já não se lhe pede que ela forme o cidadão, nem sequer que garanta a igualdade das oportunidades [...], exige-se dela que seja uma escola de ‘qualidade’ [...]. O problema é definir o que se entende por qualidade hoje, na lei da concorrência impiedosa [...]” (CHARLOT, 2013, p. 275).

²¹ Projeto: confere identidade à escola, reflete um pensamento coletivo, está pautado na visão de conhecimento pragmático, aliada à ideia do “aprender fazendo”, através da articulação de processos sistematizados por meio da reflexão. Método pragmático. Sua feição essencial é manter a continuidade do ato de conhecer com a atividade que deliberadamente modifica o ambiente. Afirma que o conhecimento em seu sentido estrito consiste nos recursos que tornam a ação pedagógica inteligente, organizada de modo a capacitar e adequar o meio às necessidades inerentes a este. Adapta os objetivos e desejos a situações vivenciadas. Articula e gerencia o conhecimento e o saber (GUIMARÃES; MARIN, 1998).

Essa força, essa vontade de revivência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente. Para Hegel, é o passado contido no presente que cria a natureza humana por um processo contínuo de reavivamento e rejuvenescimento. (BOSI, 1994, p. 74).

A partir das discussões nas reuniões de planejamento na Raimundo Lessa, deliberou-se consensualmente o entendimento que uma das formas mais viáveis de se dinamizar as práticas de ensino e concomitantemente de se integrar a temática do reisado à prática escolar seria através de projeto de ação pedagógica. Os projetos de ação pedagógica ou a pedagogia de projeto têm sido uma prática muito difundida nos últimos anos, como se sabe. A ação pedagógica empreendida através do Projeto do Reisado Boi Esperança teve como um de seus principais objetivos incluir a cultura do reisado no contexto de ensino da Escola Raimundo dos Santos Lessa, de modo que houvesse um entendimento e um sentimento comuns por parte de gestores, docentes, discentes e comunidade escolar como um todo de que a cultura popular, mais notadamente a cultura popular local, deveria ser reconhecida e prestigiada no nível da educação formal fundamental.

Entendendo-se ainda que essa prática e essa ação pudessem inovar e dinamizar, de uma forma muito agradável e atraente, as práticas educativas na Raimundo Lessa, a partir dessa experiência, essa escola tornou-se um campo bastante propício à propagação e à difusão dos conhecimentos e dos saberes populares, enriquecendo, assim, também seu currículo. “O currículo é a ligação entre a cultura e a sociedade exterior à escola e à educação; entre o conhecimento e cultura herdados e a aprendizagem dos alunos; entre a teoria (ideias, suposições e aspirações) e a prática possível, dadas determinadas condições” (GIMENO SACRISTÁN, 1999, p. 61).

Destarte, a questão do ensino e aprendizagem é também neste estudo compreendida como uma forma dinâmica, interativa e integrativa, visto que se acredita também que o currículo não deva se dissociar das experiências sócio-humanas, que são sempre vivas, pois as subjetividades se constroem sempre numa teia de relações concretas e cooperativas, especialmente quando são pensadas coletivamente.

Pode-se reiterar que a Escola Raimundo Lessa se coaduna também com esse pensamento, haja vista que a prática de sua experiência com a cultura do reisado expressa a realização efetiva de uma ligação entre educação, cultura e currículo; entre teoria, prática, vivência e experiência, todas essas referendadas através do Projeto Reisado do Boi Esperança.

O Projeto Reisado do Boi Esperança, no contexto da Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa, é contemplativo de uma cultura herdada, uma

vez que uma das principais mentoras do projeto é filha do mestre de reisado Luciano Correia dos Santos. Esse projeto aconteceu com o apoio e a colaboração do Grupo Boi Coração e do próprio mestre Luciano e outros colaboradores do Grupo Reisado Boi Coração.

A ação pedagógica em questão inaugurou na referida escola o pronunciamento das histórias e memórias dos sujeitos ocarenses que viram suas experiências contadas e interpretadas utilizando-se de várias linguagens pedagógicas. Essas linguagens estavam fortemente relacionadas à cultura e à educação formal, o que também, de certo modo, simula uma estratégia de resistência e de luta configuradas no campo e no território formal, despertando-se para um novo desenho de cultura popular e de práticas escolares.

O Projeto Reisado do Boi Esperança foi, em certa medida, empreendido na Escola Raimundo dos Santos Lessa pela filha do mestre de reisado Luciano Correia dos Santos, com o apoio do Grupo de Reisado Boi Coração. Contudo, a cultura do reisado, como cultura herdada na escola em foco, não deve ser vista como exclusiva de uma pessoa ou de um grupo, embora possa se reconhecer a grande contribuição desta e destes em relação à disseminação dessa cultura na seara da educação formal e os contributos dessa com a aprendizagem, o ensino e o currículo na escola em tablado. Conseqüentemente:

[...] em razão de sua amplitude e sua preocupação com a cultura: ‘conjunto de práticas que proporcionam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais’. Entende-se, pois, que o currículo não poderia ser imposto, distribuído em apostilas ou simplesmente publicado no Diário Oficial, porque ele se realiza na produção, na circulação e consumo de significados, com vista a criar identidades dos sujeitos que educam e são educados. Ao associarmos a base nacional comum à parte diversificada (que produzem a integração do currículo de uma escola), temos, ao mesmo tempo, a prática das propostas constitucionais, da LDB e demais leis; mas também a prática das escolas que se identificam com o ambiente metropolitano, rural, florestal, ribeirinho, quilombola, indígena, socioeducativo, no espaço das prisões etc. A base nacional comum é orientada pelo Estado brasileiro, por meio do MEC, do Conselho Nacional de Educação e dos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação. A dimensão diversificada é construída pelo diálogo entre a escola e seu espaço social, político, ambiental e cultural. Feito isso, temos o currículo de estudos e experiências, sempre avaliado para se enriquecer e se aperfeiçoar. Se alunos, professores, gestores, pais de alunos, funcionários, demais familiares e comunidades não produzem cultura (que se realiza como símbolos, rituais, valores, ideias, linguagens) de modo igual no país repleto de diferenças, os currículos poderão ter fundamentos semelhantes e apontar para valores já apresentados aqui, mas não podem ser iguais. (CANDA; MOREIRA, 2006, p. 99).

A ação empreendedora na Raimundo Lessa (reisado) favorece a aceção e a posição apresentadas acerca de educação, cultura, ensino e currículo como pilares integrados e integradores de conhecimentos e saberes. Entretanto, a ação coletiva empreendida pelos

docentes da instituição contou com o apoio dos discentes, da gestão escolar, da comunidade do bairro Boa Esperança e da Secretaria de Educação e Secretaria de Cultura da cidade de Ocara. Existiu por parte da comunidade Raimundo dos Santos um reconhecimento de que a cultura do reisado em Ocara representa um relevante instrumento e recurso ou, como se poderia afirmar a partir da óptica de alguns educadores, um relevante capital cultural, capaz de promover metodologias e estratégias de ensino e aprendizagem eficazes na adoção de práticas educativas inovadoras e resilientes, que buscam a ação integrada entre cultura, educação, ensino, currículo e sociedade.

Quanto à ação educativa resiliente, sabe-se que muitas escolas e muitos profissionais que adotam essa postura almejam colaborar significativamente com a educação, no sentido de fazerem a diferença com o que podem oferecer de melhor, que seria sempre o real compromisso firmado com os discentes e a comunidade escolar. Esse compromisso só pode ser estabelecido a partir do momento em que se assume a responsabilidade de que Ser Professor é também Ser Educador, ao passo que fazer educação não consiste tão somente no mero exercício de se transmitir conhecimentos e informações, mas sim de se participar ativamente da vida daqueles com os quais se assume o encargo de se educar para uma ação cidadã, educar para a vida, pressuposto esse assumido claramente pela Escola Raimundo dos Santos Lessa no contexto de desenvolvimento do Projeto do Reisado do Boi Esperança.

Destarte, a cultura do reisado em Ocara contribuiu e contribui substancialmente com o desenvolvimento e o empreendimento de suas práticas educativas, haja vista que:

O reisado é considerado uma das principais manifestações culturais da região nordestina e do município de Ocara, mediante esse fato a E.E.F. Raimundo dos Santos Lessa busca realizar um resgate dos valores culturais de nosso povo, transmitindo conhecimentos sobre a temática a ser desenvolvida para que a sua clientela de alunos de 1º ao 5º ano possa construir conhecimentos em relação à maneira de interdisciplinar, considerando as diferentes crenças existentes em nosso meio para que não fique subentendido imposição de costumes, visto que o reisado é envolto de um teor católico, com uma mistura de crenças indígenas e influência africana, mas esclarecendo ser papel da escola a transmissão de conhecimento cultural, sendo este necessário na construção do senso crítico e na formação das opiniões de nossos educandos. (OCARA, 2015, s.p.).

Na imagem adiante, pode-se verificar um exemplo do esforço da Escola Raimundo dos Santos Lessa em relação à construção dessa responsabilidade e compromisso social: professores, Secretaria de Educação, Secretaria de Cultura e membros do Grupo Boi Coração unidos na valoração de uma educação ativa, dinâmica, lúdica e de qualidade.

Figura 45 – Quadro de funcionários da Escola Raimundo dos Santos Lessa e membros da Secretaria de Educação de Ocara e do Grupo de Reisado Boi Coração na oportunidade da culminância do Projeto Reisado Boa Esperança



Fonte: Acervo da professora Gardânia Santos (2017).

As ações empreendidas na Escola Raimundo dos Santos Lessa aconteceram com o apoio imprescindível do Grupo de Reisado Boi Coração. Essa interação e integração são marcadas contundentemente pelo sentimento, o anseio e o desejo em comum da comunidade de Boa Esperança e, por sua vez, da comunidade ocarense em preservar, conservar, difundir e ampliar a cultura do reisado em seu território e domínio socioeducacional. A escola Raimundo Lessa já tinha trabalhado há muitos anos com a temática do reisado, pois, uma vez ou outra, convidava grupos de reisado, sobretudo o Grupo Boi Coração, para se apresentar na escola, a exemplo de outras escolas de Ocara. Nessa perspectiva, foi entre os anos de 2013 e 2016 que o reisado, como prática pedagógica educativa e didático-metodológica, sistematizou-se de uma forma elaborada e transfigurou-se na forma de estratégia de ensino e aprendizagem a partir do Projeto Reisado Boi Esperança.

O projeto efetivamente possibilitou o enfrentamento de desafios e metas no contexto do ensino e aprendizagem na escola em alusão e principalmente a inclusão da cultura do reisado na escola. Pode-se defender teórica e empiricamente que a experiência realmente representa um exemplo de política de inclusão da cultura tradicional, significando essa ação um instrumental de conservação e preservação da cultura popular.

A Escola Raimundo dos Santos Lessa abraça a ideia de assumir esse compromisso com a comunidade local do bairro Boa Esperança e com os demais membros da comunidade ocarense. Na ocasião de realização do projeto, houve o entendimento de se considerar as diferentes crenças religiosas existentes na comunidade escolar, dado que a festa ou cultura de

reis era considerada por alguns religiosos da comunidade como uma festa profana²². Os alunos que não quiseram participar das atividades foram considerados, pois a escola preocupou-se em não fazer imposição da cultura, mas sim em identificar-se com a função social que esta representa na transmissão de saberes e práticas. A posição da escola ocorreu em virtude de que muitos religiosos não católicos consideram a cultura do reisado uma cultura que transgredir os preceitos do sagrado. Todavia, o sagrado e o profano na história da cultura ocarense não são novidades, haja vista que a famigerada Festa das Almas²³, tradicional festa popular e terceira maior festa do estado do Ceará, ao longo dos anos, especificamente no primeiro de novembro de cada ano, divide as opiniões entre o povo ocarense no que se refere aos entendimentos do que se possa conceber por sagrado e por profano. Na época em que o projeto se realizou, a escola tinha à frente de sua gestão a diretora professora Aucileide Lúcio da Silva.

Figura 46 – Aucileide Lúcio da Silva, à esquerda, de chapéu, e Antônia Gardânia dos Santos Souza, à direita, de tiara



Fonte: Acervo da Escola Raimundo dos Santos Lessa (2017).

A professora Aucileide informou que a experiência do Projeto Reisado do Boi Esperança como prática educativa foi vivenciada a princípio de uma forma muito tímida. No início, pensou-se em organizar o grupo para participar das apresentações folclóricas do mês de agosto. A experiência foi exitosa e adotada como prática de ensino por alguns professores em sala de aula também. Os ensaios se tornaram atrativos e a prática foi adotada pelos docentes do

²² Profano: relativo à dessacralização e degradação dos valores e comportamentos humanos. Transgressão à religiosidade (ELIADE, 1992).

²³ Festa das Almas: festejo que acontece na cidade de Ocara. A festa se realiza no Dia de Finados, 1º de novembro, desde 1914. A Festa das Almas outrora também já teve o nome de Festa de Finados. O sagrado e o profano são elementos muito marcantes: há missa, terço dos homens, visita ao cemitério, feiras culturais, feiras comerciais e ainda acontece a apresentação de bandas e de muito forró (ALVES, 2015).

ensino fundamental I de toda a escola, que deliberaram em favor da criação de um grupo de reisado que se tornasse regular e representasse não só o ensino fundamental, mas a Escola Raimundo Lessa como promotora da cultura local. Desse modo, os educadores passaram a trabalhar de uma forma integrada, tendo em vista que essa experiência correspondia e atendia às demandas que iam sendo discutidas e propostas nas reuniões de planejamento e que requeriam a promoção da cultura popular no ambiente escolar de modo mais sistemático no contexto de ensino, sobretudo no fundamental I, pois já havia o entendimento de que a cultura do reisado deveria ser garantida às futuras gerações.

Embora o projeto fosse dirigido aos alunos do ensino fundamental I, toda a comunidade escolar colaborou para o seu acontecimento, inclusive os estudantes do ensino fundamental II. Os acontecimentos só contribuíram com a oportunidade esperada para se ampliar os objetivos e metas já almejados nas reuniões de planejamento coletivo em relação à conservação e preservação dessa cultura e de sua inclusão no currículo da unidade escolar. Em entrevista, Aucileide Lúcio da Silva (2017), professora e gestora de ensino da instituição, afirmou:

O Projeto Reisado Boa Esperança começou a partir das comemorações do dia do folclore e de um trabalho em sala de aula e depois foi se ampliando com o objetivo de envolver toda a escola, e assim foi dando certo, porque os professores e os alunos se interessaram pela temática da cultura do reisado, acharam bem interessante a ação pedagógica empreendida na sala de aula. Gestores, professores e alunos se envolveram e a comunidade do bairro Boa Esperança e adjacências participaram, indo prestigiar o evento e colaborando também financeiramente para a realização da culminância do projeto, que acontecia com a apresentação do Grupo de Reisado do Boi Esperança. Os alunos tiveram oportunidade de aprofundar seus conhecimentos em relação à cultura local até então pouco conhecida por eles no ambiente escolar. Buscamos desenvolver a temática através da arte, do teatro, da música, enfatizando a leitura e a escrita, principalmente.

A escola, no que concerne à sua função socioeducativa, de acordo com seu projeto político-pedagógico, apresenta como uma de suas metas o pressuposto geral de desempenhar um conhecimento participante e atuante a partir da conexão entre a educação formal e não formal, a cultura herdada e/com uma comunidade coparticipante, pois seus profissionais entendiam que teoria só se faz relevante a partir de uma prática possibilitada e norteada pelas condições socioculturais democráticas.

Tendo em vista o disposto no art. 12, inciso I, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que prevê que os 'Estabelecimentos de Ensino, respeitadas as normas comuns e as de seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar seu Projeto Pedagógico', a Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa elaborou o presente Projeto Político-Pedagógico, tendo como objetivos a melhoria na qualidade do ensino e a construção de uma escola cidadã e democrática que aponte um rumo, uma direção, um sentido para este compromisso

estabelecido coletivamente. O Projeto Político-Pedagógico visa instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que desvele os conflitos e as contradições, buscando eliminar as relações competitivas, as dificuldades, os problemas encontrados no processo ensino-aprendizagem, rompendo com a rotina do autoritarismo, do fazer por fazer e sem saber aonde se querem chegar. Tudo isso é possível, pois em sua elaboração a Escola discute, reflete, repensa e expõe, de forma clara, valores coletivos, delimita prioridades, define os resultados desejados e as metas que a mesma deseja alcançar. (OCARA, 2013a, s.p.).

Sabe-se que os parâmetros e as diretrizes curriculares nacionais e regionais didático-pedagógicas em geral são enredadas por interesses político-ideológicos que muitas vezes impossibilitam uma cultura docente e discente pautada na liberdade e no exercício de uma prática pedagógica democrática e que de fato almeje a construção de uma educação e de uma escola incontestavelmente constituidoras das artes do saber e conviver. Essa prática pedagógica democrática deve ainda educar crianças e jovens tendo como ponto de partida um encontro e um reencontro com suas identidades culturais, sobretudo aquelas que preservam e conservam suas crenças, seus valores e suas tradições.

Contudo, a vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, oferece pressupostos legais que indiscutivelmente promovem, aprovam e reconhecem trabalhos e práticas educativas desenvolvidos como empreendimentos de ação política e pedagógica inovadora. Pode-se se coligir que a ação Projeto Boi Esperança na Escola Raimundo dos Santos Lessa pode ser interpretada como uma atividade democrática e participativa junto aos segmentos corporativos socialmente instituídos no nível da esfera cultural e educacional, com vistas à construção de uma escola cidadã diferenciada no âmbito da educação formal, que pode ser incrementada singularmente a partir da iniciativa de protagonistas juvenis esperançosos por uma educação assentada nos preceitos da qualidade do ensino.

Na organização escolar, que se quer democrática, em que a participação é elemento inerente à consecução dos fins, em que se buscam e em que se desejam práticas coletivas e individuais baseadas em decisões tomadas e assumidas pelo coletivo escolar, exigem-se da equipe diretiva, que é parte desse coletivo, liderança e vontade firme [...]. (BUSSMANN, 1995, p. 43).

Todas as etapas e atividades do Projeto Boi Esperança foram planejadas visando à eficiência técnico-administrativa e técnico-metodológica, norteando-se imprescindivelmente por uma ação e uma prática educativa responsáveis, voltadas à qualidade e à equidade educacional. Certo é que a falta de recursos financeiros não veio a constituir barreira ou impedimento no esforço à realização do projeto, embora evidentemente a escola tenha se utilizado de mecanismos para angariar recursos junto à comunidade escolar, promovendo

bingos e contando com o apoio e a colaboração de muitos Amigos da Escola. Na oportunidade de realização do bingo em que a pesquisadora esteve presente, foram ensaiadas e orientadas atividades de ensino em sala de aula com conteúdos de Matemática envolvendo o bingo.

A intenção da afirmativa desta pesquisadora em favor da ação resiliente na Raimundo Lessa é contestar um estigma atribuído à educação nas escolas públicas. Muito se tem acusado de que essas instituições escolares não são capazes de desenvolver uma educação e um ensino fundados nos preceitos da qualidade e da equidade. Sabe-se que esse tipo de acusação tem um interesse de cunho político-ideológico e visa imprescindivelmente um comprometimento com o econômico, que é estrategicamente pensado e, por isso, sempre descaracteriza a ação e as práticas educativas na esfera pública em favor dos interesses do capital, pois se sabe que há muito tempo a educação pública e gratuita sofre com a interferência desses ataques político-ideológicos.

Nessa esteira, entende-se que o projeto político neoliberal, no contexto contemporâneo, vorazmente tem desenvolvido uma forma perversa de desenvolvimento. As barganhas mercadológicas e a educação correspondem a uma fatia significativa desse mercado. Portanto, a educação, nesse contexto de interesses, constitui matéria e produto de consumo, esfera em que a máxima que impera pode ser traduzida no pensamento “Tudo para o capital e nada para o social”, predominando a lógica cruel e perversa do capital, tal como apresentada na obra *O lucro ou as pessoas*, de Noam Chomsky (2002).

‘Hoje, governos de todo o mundo abraçam o ‘evangelho do livre mercado’, pregado na década de 1980 pelo presidente Reagan e pela primeira-ministra Margaret Thatcher, da Grã-Bretanha’, diz Youssef Ibrahim em outra reportagem de capa do *Times*, reiterando um tema comum. Aliando-a ou odiando-a, entusiastas e críticos de um amplo leque de opiniões concordam – para nos atermos ao setor liberal à esquerda – com o ímpeto implacável disto que seus adversários chamam de ‘a revolução do mercado’: o ‘inflexível individualismo reaganista’ mudou as regras do jogo no mundo inteiro, enquanto, no país, tanto republicanos como democratas, agora dedicados à ‘nova ortodoxia’, estão prontos para dar rédea solta ao mercado. (CHOMSKY, 2002, p. 37).

Interessa ao projeto político neoliberal o cultivo da ideia de que o Estado, ou seja, sua escola pública e seus servidores, é ineficiente e incapaz de gerenciar a educação e que somente a esfera da educação privada é capaz de administrar nomeadamente a aprendizagem e o ensino dentro do que se pode considerar como parâmetro de qualidade.

O neoliberalismo está progredindo na área da educação, como evidenciado por vários fenômenos. Nos Estados Unidos, está sendo desenvolvido um dispositivo de *vouchers*. Alguns estados locais, ou distritos escolares, já não financiam a escola, dão um *voucher* (cheque, passe, ‘vale’) aos pais, que o usam para pagar a escola, seja ela particular ou pública. O Banco Mundial já se disse interessado por esse dispositivo. Também nos Estados Unidos, já existem empresas de *management* das

escolas públicas. Empresas privadas são contratadas pelos estados para dirigir escolas públicas, com a ideia de melhorar a eficácia das escolas. Desenvolvem-se, ainda, em vários países redes de escolas particulares. Assim, no Brasil, as pessoas da classe média escolarizam os seus filhos em escolas particulares. Os filhos de professores das escolas públicas não vão para as escolas públicas, vão para as escolas particulares [...]. Já existe no Brasil, e em outros países, um verdadeiro mercado da educação. (CHARLOT, 2013, p. 49).

Obviamente que esta tese de doutorado não se aprofundou nesse foco de discussão, contudo, necessariamente e muito brevemente, traz à tona essas questões, tendo em vista compreender a relevância das atividades desenvolvidas pelos profissionais da Escola Raimundo dos Santos Lessa, ressaltando, assim, a coragem, o compromisso e a responsabilidade social desses profissionais para com esta e para com os seus.

Destarte, pode-se inferir que a cultura popular tradicional pode constituir-se como relevante ferramenta na construção da qualidade e da equidade social no campo do ensino no nível da educação formal, sobretudo no nível da educação formal fundamental, que desempenha a proeminente função de desenvolver muito mais que habilidades e competências junto às suas crianças e jovens que se encontram em fase e em face de reconhecimento e compreensão de mundo, de valores, de crenças, de tradições e de atitudes.

Nessa perspectiva, a experiência educacional na Raimundo Lessa reitera a esperança de que saberes populares oriundos da cultura popular podem ser trabalhados em harmonia com os conteúdos do currículo escolar, uma vez que esta ofereça arcabouço de desenvolvimento para a formação de conhecimentos e de saberes inerentemente necessários à educação fundamental, como valores e crenças. Essa lógica evidentemente contraria os interesses de muitos que equivocadamente/ideologicamente argumentam que “os conhecimentos do povo não devem ultrapassar suas ocupações”. Essa premissa aspada foi defendida por um dos pais da educação, ninguém menos que Rousseau em sua obra *Emílio*, conforme Charlot (2013).

Contudo, a história e os fatos mostraram e continuam mostrando que esse pensamento elitista ainda perdura até os dias atuais infelizmente. São muitos os que ainda o defendem, ou melhor, poderosos grupos defendem esse pensamento, muitas vezes de uma forma dissimulada ou estratégica, mas o defendem. Destarte, a cultura popular do reisado ocarense não deve ser ignorada em seu escolar formal, pois ignorar a cultura popular, como ferramenta ou instrumento político-pedagógico na seara da educação formal em Ocara, seria aceitar a sua negação como conteúdo relevante integrante e integrador da formação sócio-humana em Ocara.

A cultura popular, em qualquer lugar e circunstância de ensino e aprendizagem, pode colaborar e enriquecer o “conjunto das atividades nucleares do currículo”, instalando-se significativamente na conjunção e sistematização das diretrizes educacionais para o ensino

básico, especialmente o fundamental, uma vez que se está em “[...] tempos em que o movimento docente e o conjunto dos movimentos sociais dinamizam e repolitizam a sociedade, o território das escolas, dos currículos e do material didático e literário [...]” (ARROYO, 2013, p. 43). As políticas educacionais fomentadas no contexto de ensino favorecem as práticas culturais populares, portanto flexibilizam o ensino e a aprendizagem no campo e no território da confiança e da esperança em “favor das pessoas, e não em favor do lucro”.

Os pressupostos acima podem refletir criticamente as finalidades da cultura, da educação e das práticas educativas desenvolvidas no domínio do Projeto Reisado Boi Esperança no contexto da Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa, que pensa e empreende uma ação pedagógica estratégica que substancialmente conota a incomparável arte de educar na sua genuinidade, visto que essa não possa ser dissociada do mundo nem da vida.

Inegavelmente são os eventos culturais, sociais e políticos que convocam a docência para a ação e a prática educativa significante e significadora. A função aulista do professor em favor do frio cumprimento do alcance de metas de ensino, em detrimento do desenvolvimento de habilidades e competências em geral alinhadas aos valores tecnicistas comprometidos com os interesses de organismos e corporações que têm como único interesse a preservação e a conservação do lucro e do capital, não reconhece, na educação pública nem na cultura popular, um potencial essencial e necessário à formação de seres humanos edificadas em valores de cooperação, integração e solidariedade.

Portanto, a ação e a prática educativa construídas na Escola de Ensino Raimundo dos Santos Lessa podem até ser consideradas por alguns cientistas do conhecimento e do ensino e aprendizagem como ameaças ao que se tem estabelecido como padrão de qualidade nos parâmetros e diretrizes de ensino e aprendizagem. Sabe-se que os dispositivos de avaliação estão alinhados ao estado neoliberal, Provinha Brasil, Exame Nacional de Curso, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, entre outros instrumentos e ferramentas de medição de competências e habilidades que tão somente suprimem o desenvolvimento de uma necessária e merecedora condição de existência. Existência mais cultural, existência mais educacional, existência mais humana, todavia independente do que se possa apresentar e representar como existência ou solidariedade mecânica²⁴ e/ou existência ou solidariedade orgânica²⁵.

²⁴ Solidariedade mecânica: gerada entre os indivíduos que compartilham as mesmas crenças, costumes, valores e tradições; sociedades marcadas por uma consciência coletiva, laços e semelhanças que cultivam um sentimento comum de pertencimento a um grupo ou a uma comunidade, assim não havendo espaço para individualismos (DURKHEIM, 2012).

²⁵ Solidariedade orgânica: baseia-se na interdependência, na complementaridade de funções geradas pelos diferentes grupos que compõem o sistema constituído pela divisão social do trabalho nas sociedades modernas e

São tempos em que forma e conteúdo precisam inerentemente ser rotulados e enlatados de acordo com as necessidades de um sistema *neocultural* e *neoeducacional* que, em certa medida, encontra-se imerso e comprometido com pressupostos e valores dos impérios econômicos, por isso assentado em escalas de mensuração baseadas no propósito de garantir uma herança cultural e educacional fundamentada na premissa de que cultura e educação em países periféricos devem se restringir e se consociar a um pensamento político-ideológico dominante e lavrador do pressuposto de “o mínimo para o social e o máximo para o capital”, ou, nesse contexto de transição que vivem a cultura e a educação no mundo, principalmente a educação e a cultura brasileira, seria “tudo para o capital e nada para o social”, isto é, “o lucro sim, as pessoas não”.

Destarte, a ação e a prática educativa vivenciadas na Escola Raimundo dos Santos Lessa são merecedoras de reconhecimento e certamente servem de referência para outras ações e práticas educativas que requisitam uma ação docente fundamentada no direito a uma cultura e uma educação que possam validar os saberes e as práticas populares, embora se saiba que, nesse momento de transição que vive o Brasil, se possa estar a andar na contramão do que se tem pensado e empreendido como pressuposto de cultura e de educação nas últimas décadas não só em Ocara, mas em todo o cenário nacional.

6.2 O Grupo de Reisado do Boi Esperança: da relação com o saber às práticas educativas

“A didática e a prática de ensino são duas faces de uma mesma moeda, como o ensino e a aprendizagem. Nenhuma mudança educativa formal tem possibilidades de sucesso se não conseguir assegurar a participação ativa do professor, ou seja, se, da sua parte, não houver vontade deliberada de aceitação e aplicação dessas novas propostas de ensino.” (CARVALHO, 2004, p. 8).

Considerando-se a visão de cultura e de educação exposta neste trabalho de tese à luz das atividades pedagógicas desenvolvidas na Raimundo Lessa, vale notar que a escola mobilizou todos os recursos e instrumentos possíveis no empreendimento de suas ações: recursos humanos, recursos materiais e recursos metodológicos. Por isso, pode-se concluir o esforço da instituição em trabalhar a partir de uma visão renovada e ampliada de cultura, educação, ensino e currículo.

Em síntese, pode-se considerar que o currículo em ato de uma escola não é outra coisa senão essa própria escola em pleno funcionamento, isto é, mobilizando todos os seus recursos, materiais e humanos, na direção do objetivo que é a razão de ser de sua existência: a educação das crianças e jovens. Poderíamos dizer que, assim como o método procura responder à pergunta: como se deve fazer para atingir determinado objetivo, o currículo procura responder à pergunta: o que se deve fazer para atingir determinado objetivo. Diz respeito, pois, ao conteúdo da educação e sua distribuição no tempo e espaço que lhe são destinados. (SAVIANI, 2016, p. 55).

O Projeto Reisado do Boi Esperança procurou integrar suas atividades com as diferentes áreas e componentes curriculares do ensino fundamental. De acordo com o mapa curricular da escola, estas são as áreas e os componentes curriculares na Raimundo Lessa: Domínio das Linguagens e Códigos, Domínio Científico-Tecnológico e Domínio das Ciências Sociais, Humanas e Religiosas. No campo do Domínio das Linguagens e Códigos, desenvolveram-se atividades de Língua Portuguesa, Arte e Educação e Educação Física; no campo do Domínio Científico-Tecnológico, desenvolveram-se atividades de Matemática; no campo do Domínio das Ciências Sociais, Humanas e Religiosas, desenvolveram-se atividades de História, Geografia e Religião. Abaixo a relação do conjunto das atividades desenvolvidas em consonância com o currículo da escola segundo relatório do Projeto Reisado do Boi Esperança.

Apresentação de vídeos e *slides* sobre os Reisados locais intitulados BOI CORAÇÃO e BOI CATAVENTO, seguidos de roda de conversa e atividades referentes à temática para fixação do conteúdo em todas as turmas de 1º ao 5º ano; apresentação das letras das músicas utilizadas no repertório para trabalhar a leitura e interpretação destas e escolha dos brincantes que irão compor o grupo de Reisado do Boi Esperança para realizar apresentação na culminância do projeto; desenvolvimento de atividades de arte através de produções com relação ao tema (desenho, pintura, colagem, cartazes, montagem, etc.); abordagem das manifestações religiosas existentes na festa e as suas principais características para que as mesmas possam ser compreendidas por todos e compartilhada durante discussões em sala diante das diferentes opiniões existentes; realização de pesquisa/entrevista como atividade de casa sobre a forma como a festa era realizada na época de seus pais e/ou avós; leitura de textos informativos e memorização de poemas relacionados à temática; apresentação de desafios matemáticos utilizando-se dos temas propostos; organização de painéis de produções para exposição das ilustrações das turmas de 1º e 2º ano; realização de bingo para arrecadar fundos para pagar os devidos gastos e trabalhar a atenção e reconhecimento dos números matemáticos; culminância do projeto aberta a toda a comunidade escolar. (OCARA, 2013b, s.p.).

O planejamento, o projeto e as estratégias destinados à realização das práticas educativas auxiliam enormemente na coordenação do ensino, ainda ajudam a rever, corrigir e aprimorar expedientes normativos e avaliativos, demonstrados a partir da capacidade de evolução positiva crescente de educadores e educandos nas suas atividades laborais. Torna-se possível lançar desafios estratégicos como meio de minimizar a repetência, a evasão e o próprio marasmo do cotidiano curricular. Torna-se possível incrementar os índices de

melhoria quantitativos e qualitativos. Torna-se possível experimentar práticas culturais e educacionais inovadoras e lúdicas sempre com o fim de se alcançar uma posição de excelência na educação e no contexto de ensino e aprendizagem no qual se está imerso.

Quadro 1 – Mapa curricular - Ensino fundamental 2013 - Áreas / Disciplinas

Legislação	Áreas Resolução CNE nº 02/198	Componentes curriculares	Base Nacional Comum					Base Nacional Comum				Parte diversificada				Carga horária anual
			Série / Ano					Série /Ano				Série / Ano				
			1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	6º	7º	8º	9º	
Lei Federal nº 9.394/1996	Domínio das Linguagens e Códigos	Português	5	5	5	5	5	5	5	5	5	-	-	-	-	200
		Inglês	-	-		-	-	-	-	-	-	1	1	1	1	40
		Arte e Educação	1	1	1	1	1	1	1	1	1	-	-	-	-	40
		Educação Física	2	2	2	2	2	2	2	2	2	-	-	-	-	80
	Domínio Científico- -Tecnológico	Matemática	5	5	5	5	5	4	4	4	4	-	-	-	-	200/160
		Ciências	2	2	2	2	2	2	2	2	2	-	-	-	-	80
	Domínio das Ciências Sociais, Humanas e Religiosas	História	2	2	2	2	2	2	2	2	2	-	-	-	-	80
		Geografia	2	2	2	2	2	2	2	2	2	-	-	-	-	80
		Religião	1	1	1	1	1	1	1	1	1	-	-	-	-	40
Total geral da carga horária semanal			20	20	20	20	20	19	19	19	19	1	1	1	1	800

Fonte: Elaboração própria (2019).

Observações: Dias letivos: 200 dias - Carga horária anual mínima: 800 horas - Módulo semanal: 40 semanas. Língua Estrangeira Moderna é disciplina obrigatória a partir da 6ª série e deverá figurar na parte diversificada. Será trabalhado o Inglês de 6º ao 8º ano e o Espanhol no 9º ano. Arte será oferecida em todos os níveis de Educação Básica. Será incluso nesta disciplina o Ensino de Música. História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena será incluso na Disciplina de História. No Ensino Religioso será inserida a Educação em Direitos Humanos. Na disciplina de Ciência será inserida a Educação Ambiental. Temas transversais: Saúde, Sexualidade, Vida Familiar e Social, Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia. (OCARA, 2013a, s.p.).

Verazmente as atividades propostas a partir da experiência com a cultura do reisado contribuíram com o enriquecimento da Base Nacional Comum Curricular, que, de forma singular, promoveu e otimizou a qualidade do ensino e aprendizagem na Raimundo Lessa dos Santos. Destarte, o reconhecimento dos saberes culturais tradicionais no contexto da educação formal “[...] deve ser entendido como um fator de realização da cidadania, com padrões de qualidade da oferta e do produto, na luta contra a superação das desigualdades sociais e da exclusão social” (LIBÂNEO, 2012, p. 133).

Desse modo, o Projeto Reisado do Boi Esperança, com responsabilidade pedagógica, foi capaz de pensar e administrar metodologicamente a ampliação da produção do conhecimento e do saber, articulando e interdisciplinando campos de conhecimento como a Arte, em que foram realizadas oficinas para se fazer o próprio Boi Esperança, utilizando-se papel colorido, tecido, fitas coloridas, arame, etc. Foram confeccionados os enfeites dos personagens protagonistas, mestres, rainhas, moleques e de todo o elenco, como coroas e outros acessórios com detalhes coloridos e luminosos. Para a confecção do Boi Esperança, os reiseiros contaram com a colaboração e a engenhosidade da filha do mestre Luciano, Gardânia Santos. Segundo Gardânia, ela fez questão de confeccionar o boi. Os meninos e meninas ficaram à sua volta observando e ajudando a entregar ou mesmo pegar alguns recursos e acessórios.

Ainda no que se refere ao Domínio da Linguagem, a Literatura foi destaque com a realização das rodas de conversa, em que foram socializadas as informações coletadas nas entrevistas destinadas aos personagens envolvidos com a cultura de reis, principalmente os mais velhos. O teatro se sobressaía como arte cênica, música, dança e poesia ao sabor dos ensaios, do rito da matança, da guerra, da ressurreição do boi. A escrita das cantigas e das histórias do boi acontecia animadamente. A história e a memória da cultura da gente do boi ganhavam projeção e conquistavam espaço. A geografia da terra era protagonista e testemunha da paisagem que se tecia cada vez que o boi de reis entrava em cena. A Matemática tornava-se convidativa, atraente e amistosa. As manifestações de oralidade, durante a realização das rodas de conversa, fluíam com mais liberdade. Teoria e empiria se ressignificavam, ao passo que professor-aluno e aluno-professor aprendiam a arte de ensinar e de aprender ao sabor do conhecimento e tradição da cultura e da arte popular. A principal mentora e colaboradora do Projeto Reisado do Boi Esperança, otimista com os resultados da experiência, declarou:

Colocamos em discussão a análise e avaliação do Projeto Reisado do Boi Esperança durante coletivo de professores para que avaliassem a experiência vivenciada pelo Projeto do Boi Esperança. Foram detectados os pontos positivos a ponto de considerarem a mesma exitosa o suficiente para que esse viesse a ser realizado outras vezes. A avaliação foi apenas qualitativa e chegou à seguinte conclusão em comum acordo: promoveu conhecimento em relação à cultura local, assim como a interação dos alunos por meio da vivência; proporcionou envolvimento entre todas as esferas da comunidade escolar (alunos, professores, gestores, pais ou responsáveis); despertou interesse nos alunos em participar das atividades propostas e em realizar um trabalho cooperativo e social; desenvolveu habilidades de escrita e leitura tendo a temática do reisado como foco; trabalhou a oralidade, memorização e desenvoltura dos participantes através da poesia, música, dança e teatro; possibilitou a realização de um trabalho interdisciplinar; valorizou a cultura e buscou reconhecer o trabalho realizado pelo mestre Luciano tendo-o como referencial nessa área²⁶.

²⁶ Antônia Gardânia dos Santos Souza: professora e coordenadora na Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa, filha do mestre de reisado Luciano Correia dos Santos.

Figura 47 – Alunos da Escola Raimundo dos Santos Lessa durante rodas de conversa



Fonte: Acervo da professora Antônia Gardânia dos Santos Souza (2017).

Assim sendo, compreende-se que se pode sempre minimizar o abismo vivente entre a teoria e a empiria no contexto das práticas educativas, visto que cultura e educação, quando integradas, podem cooptar campo e território de conhecimentos e saberes imensamente significativos.

O relato da experiência em discussão não pretende colocar a figura dos professores da Raimundo Lessa em posição de heróis, mas sim destacar uma experiência pedagógica que prima por uma atividade docente ativa e participante e que refuta o rótulo e o estigma atribuídos à educação escolar, sobretudo à educação escolar pública, como vinculada à ideia de uma prática educativa degradante e alienante, como já foi pressuposto em texto acima. A professora Maria Rozângela Correia Alves (2017, entrevista), mestrande e colaboradora do Projeto Reisado do Boi Esperança, apresentou um pensamento pedagógico que se alinha a esse entendimento:

A educação formal oferecida pelos estabelecimentos de ensino, independentemente de recursos e de estrutura, deve sempre buscar um padrão de qualidade para que os alunos possam conhecer e reconhecer o significado desta. Desse modo, a cultura do reisado colabora com esse entendimento e ainda valoriza a cultura local, que antes era pouco conhecida por eles. Ademais, oportunamente se vivenciam teoria e prática educativa a partir da criação do grupo Reisado Boi Esperança e das atividades desenvolvidas. Tal experiência pode ser compreendida como um exercício e realização de cidadania.

As atividades do Projeto Boi Esperança, como práticas educativas na relação com o saber formal e não formal, preveem o envolvimento da comunidade escolar Boa Esperança e adjacências, visto que os alunos foram orientados, através de estudo dirigido e da aplicação

de questionários, a entrevistar pais, avós e integrantes dos grupos de reisados, com o fim de colher informações sobre seus conhecimentos, saberes, participação e práticas destes nessa cultura. O resultado do estudo dirigido, questionários e entrevistas foi socializado durante as rodas de conversa.

A História e a Memória, como ciências investigadoras do passado a partir do presente, reconhecem nas práticas culturais educativas a recorrente necessidade de seus coadjuvantes realizarem sempre uma escolha social. Sem dúvida, isso implica consecutivamente a garantia de um legado identificador e representativo da cultura da coletividade inserida em seus diferentes contextos de referência e representação sociocultural. Assim, não se pode dispensar a relevante função social empreendida pela memória das práticas culturais educativas, que de contínuo são constituidoras da História e da:

[...] ciência do passado desde que se saiba que este passado se torna objeto da história, por uma reconstituição incessantemente posta em causa [...]. Esta interação entre passado e presente é aquilo a que se chamou a função social do passado ou da história [...]. Organizar o passado em função do presente: assim poderia definir a função social da história. (LE GOFF, 1996, p. 27).

Na fala que se segue, pode-se identificar trecho de uma entrevista colhida por integrantes e idealizadoras do Projeto Reisado Boi Esperança. A entrevista, à época, foi concedida pelo premiado e renomado mestre de reis Luciano Correia dos Santos. Quando lhe perguntaram acerca da cultura do boi de reis em Ocara, o mestre respondeu:

Ela não é uma brincadeira muito conhecida, não. A maior parte do pessoal nem conhece de hoje em dia, né? Só aqueles mais velhos é que conhecem a brincadeira. Quando veem, se admiram, porque nunca mais tinham visto. Mas [...] têm muitos jovens que não conhecem essa brincadeira, não. As crianças que dão o maior valor e querem brincar, querem continuar. Quem deixou de brincar foi porque o pai era brincador mais nós, aí, depois que ele morreu, não brincaram mais. O tio Antonino também tava velho, doente, não aguentou mais. E já morreu muita gente que brincou mais eu, e tem os meus tios que também brincavam mais eu, que também não existem mais. Agora quem tá brincando é os filhos dos meus tios. Muita gente quer brincar, eu quero brincar e eu digo: 'Pode brincar'. (LUCIANO SANTOS, 2016b, entrevista).

Mestre Luciano sempre percebeu que, em todos os lugares e escolas em que sua arte se apresentava, a receptividade entre as crianças e jovens era sempre bastante contagiante, embora alguns jovens não conhecessem mais profundamente tal cultura. Foi com o sentimento do “contagante” que sua filha, uma das principais mentoras do Projeto do Boi Esperança, a professora e coordenadora pedagógica Antônia Gardânia dos Santos, compartilhou essa herança cultural na Escola Raimundo dos Santos Lessa, abraçando a responsabilidade de desenvolver e coordenar o referido projeto. Gardânia Santos, como

professora pedagoga, compartilhou com os seus pares o sentimento e o desejo de colaborar com a preservação e a conservação da cultura do reisado. Ela, encontrando interesse e receptividade, dividiu com os seus o sentimento comum pela cultura, organização e implementação do Projeto do Boi Esperança, trilhando, assim, o caminho da esperança e confiança em se galgar uma escola e uma educação pública democrática e de qualidade, mesmo tendo que lidar com as muitas dificuldades e adversidades, sobretudo a falta de recursos. Todavia, se as “esperanças e confianças” dos educadores brasileiros se fundassem na avaliação do Banco Mundial, seriam enormemente frustradas:

Ora, o Banco Mundial tem uma doutrina oficial. Pensa que a qualidade da educação é fundamental para lutar contra a pobreza, mas que não e nunca terá dinheiro público suficiente para desenvolver uma educação de qualidade. Daí o Banco Mundial concluir que é preciso dinheiro privado. Considera que os quatro ou cinco anos de educação primária incumbem ao Estado, mas que a educação secundária e superior deve ser paga pelos pais. Acha também que nos países pobres, em particular os da África, é preciso diminuir o salário dos professores, para reduzir a diferença entre o que eles ganham e a renda dos camponeses. (CHARLOT, 2013, p. 53).

A narrativa épica dos Grupos de Reisado Boi Coração e Boi Esperança certamente ignoram ou mesmo desconhecem a narrativa trágico-cômica do Banco Mundial que faz lembrar algumas das fábulas de Esopo. Uma delas é “O lobo e a garça”, que conta que um lobo engasgado pede a uma garça para colocar seu longo pescoço dentro de sua boca com o propósito de lhe tirar o objeto que se instalara em sua garganta, o qual, em troca, daria uma recompensa pecuniária à ave. Contudo, quando a garça consegue tirar o lobo do aperto, esse não cumpre com a promessa que havia feito e diz para a garça: “Fique contente por eu simplesmente não ter lhe devorado”. A épica também lembra uma outra fábula do mestre Esopo, “O urso e as abelhas”. Nessa fábula, o urso leva a pior, pois, tentando furtar o mel das abelhas, encontra resistência destas. O urso então age de forma furiosa: ataca a tudo e a todos. Porém, as abelhas todas reunidas colocam o urso para correr.

O Grupo Reisado Boi Esperança em cena representou as figuras de reis, rainhas, santos e guerreiros que todos os dias lutam pela sobrevivência de seus valores, de seus costumes, de suas crenças e de suas tradições.

A formação do grupo inicialmente aconteceu a partir da escolha de alunos e alunas que iriam representar os principais personagens no boi de reis. A seleção de Mateus e Catirina envolveu disputa e interesse por parte dos discentes. A Catirina, noiva de Mateus, fascina as crianças pelo desempenho na função cômica. De posse de um chicote, uma das crianças, encenando a Velha do Boi, corre de modo constante em direção às outras crianças que assistem à festa. Essa dinâmica dos personagens cativa sempre a atenção do espectador,

especialmente o público infantil. Esses aparatos e alegorias atraíam de maneira especial os discentes da Raimundo Lessa, mesmo que já estivessem familiarizados com a trama e a cultura do boi, o que se dava por conta das atividades desenvolvidas pelos docentes em sala de aula e durante a realização das oficinas. Desse modo, sempre acontecia um avivamento entre cultura e educação, sendo que assim a escola atribuiu sentido, significado e identificação com as práticas educativas sem ocultar o sentido específico do conhecimento e do saber, que sempre exigem esforço, energia, dedicação e compromisso.

Antecedendo a culminância da apresentação do Boi Esperança, realizaram-se inúmeras oficinas e ensaios. As primeiras e principais atividades empreendidas durante as oficinas e ensaios pelos docentes foram atividades de leitura e escrita relativas à trama do boi com o fim de se conhecer e identificar seu enredo, seus personagens com suas respectivas características e indumentárias. Em seguida, aconteceram as oficinas de produção, que envolveram a arte e a escritura de textos e desenhos, a arte e a confecção das indumentárias, a arte e a cultura da encenação, a arte e a prática de sons e ritmos musicais. Os docentes e discentes trabalharam de forma intensa, ao passo que congregavam as atividades relacionadas às demais disciplinas do currículo escolar. A produção das indumentárias dos personagens se deu na escola sob a coordenação da professora e coordenadora pedagógica Gardânia Santos, como já foi dito anteriormente, a exemplo do pai e mestre de reis Luciano Correia dos Santos, que também produzia as indumentárias de seu Boi Coração. A referida professora informou que cresceu vendo seu pai e mestre de reisado produzir as indumentárias do Boi Coração. Segundo Gardânia, ela mesma fazia questão de confeccionar a indumentária do boi, enquanto as demais indumentárias e adereços do Grupo do Reisado do Boi Esperança eram feitas com a colaboração de docentes e discentes da Raimundo Lessa, como já foi informado.

Destarte, as comunidades docente e discente quebram estigmas e dogmas referentes a uma prática de ensino cristalizada no convencional ao longo de sua história e sua memória. Docentes e discentes se encontram e se reencontram nas atividades do ensino e da docência propostas pelo Projeto do Boi Esperança, que consistiu em ato e estímulo de se fazer aprendizagem em “com-juntos”²⁷, que “seria o próprio ato de se estar juntos” no processo pedagógico, que indelevelmente refuga um fazer pedagógico embasado por uma posição de distanciamento, fragmentação, indiferença ou mesmo de negação dos elementos culturais constituintes dos “com-juntos culturais”, pois a ação docente empreendida na Escola

²⁷ Com-juntos: neologismo pensado pela pesquisadora no decorrer do relato de tese.

Raimundo Lessa representa o pensamento pedagógico de que toda experiência humana relevante e significativa pode ser organizada e sistematizada, haja vista que em si a sociabilidade e a cultura seriam hologramaticamente intrínsecas.

O Projeto Reisado do Boi Esperança, a exemplo do Grupo de Reisado Boi Coração, também apresentou no seu repertório teatral figuras humanas, fantásticas e satíricas. As figuras humanas foram as seguintes: um Mateus/vaqueiro, uma Catirina, um coronel, que são os personagens principais. As figuras fantásticas e satíricas foram as seguintes: seis damas, cinco caretas, um cachorro, um boi, um jaraguá, uma burrinha, uma ema, um urubu e um macaco. Essas figuras e moleques são personagens coadjuvantes, todavia, de igual modo, animam e alegram a encenação, formando fileiras simétricas e hierarquicamente organizadas uma ao lado direito e outra ao lado esquerdo do mestre, constituindo o coro, que canta e dança ao ritmo das cantigas e gingas que vão desenhando o cenário de reis.

As partes que compõem a realização do evento do Reisado do Boi Esperança contemplam semelhantemente as partes apresentadas pelo Reisado Boi Coração, sabendo que o Reisado Coração também tem como modelo a festa de reis realizada em grande parte dos estados do Nordeste brasileiro (bumba meu boi), que sempre se iniciam pela abrição, pela entrada, pela louvação ao Divino, pelas danças, pelas guerras e pelo encerramento da função. O evento ocorre o tempo todo acompanhado por um ritmo musical produzido por instrumentos que tradicionalmente acompanham a festa de reis, tais como: sanfona, tambor, zabumba, viola, rabeca ou violão, ganzá, pandeiros, pífanos e “maracás” enfeitados com fitas coloridas.

Uma marca local é a diversidade de manifestações artístico-culturais. A população se envolve nas mais diferentes áreas: música, dança, teatro, cordel [...]. Tem em sua matriz uma formação religiosa: até 1960, a religiosidade era a principal forma de sociabilidade, fundada na realização de terços, novenas, procissões, coroações de imagem de Nossa Senhora, missas, festa de padroeiros e quermesses [...]. Gradualmente foram surgindo novos momentos de sociabilidade marcados ou não pela temporalidade sagrada. Na década de 1930, ‘inventaram’ o bumba meu boi, que, sob a liderança de José Correia da Silva (Zé Velho) e Oscar Correia dos Santos, saía no final da tarde para se apresentar no arraial. A tradição continua através do Reisado do Boi Coração, do Mestre Luciano Correia e com o grupo infantil Boi Catavento, coordenado pela professora Elenir Moraes. Hoje, o reisado do Mestre Luciano é patrimônio vivo da cultura cearense. (ALVES, 2015, p. 24).

As danças e ritmos dos brincantes da festa de reis do Boi Esperança também são bem diversificados. Os brincantes inspiram-se nos movimentos e nos ritmos dos reiseiros nordestinos: gingá, em que os brincantes acorados conseguem gingar; maquila, pulo miúdo com as pernas cruzadas e balanços do corpo para um lado e para o outro; corrupio, que faz um

movimento de pião sobre o calcanhar esquerdo e o entrecruzamento de pernas para a direita, para a frente, para a esquerda, que, num ritmo frenético, despertam a atenção dos espectadores.

O principal personagem, o Boi Esperança, veste preto e adornos coloridos: vermelho, verde, amarelo e azul, que são as cores que sustentam os adereços da vestimenta superior e inferior do boi. As cores refletem a alegria da festa e a alegria de seus integrantes, que tipificam a própria condição humana, que insiste na célebre posição de lembrar e comemorar a vida insistente e intensamente. Vestir-se de cores é vestir-se de vida, vida que é atribuída ao Boi Esperança por um dos alunos da Escola Raimundo Lessa, Daniel da Silva Pinheiro (2017, entrevista), estudante do 5º ano fundamental, quem declarou:

Pra mim, a arte do boi contribuiu porque eu aprendi sobre essa cultura. Gostei muito de ter participado. Foi uma alegria muito grande poder ser o Tripa, porque gosto muito de dançar e era bom dar vida ao boi. Foi muito divertido. Aprendemos brincando sobre uma cultura que era nova pra gente, mas que sabemos que é parte da vida de nossa gente.

Figura 48 – Daniel da Silva Pinheiro



Fonte: Acervo da professora Antônia Gardânia dos Santos Souza (2017).

A posição do ator brincante que desenvolveu a figura dramática do Boi Esperança é sem dúvida desconfortável, uma vez que precisa esconder-se na indumentária do boi durante horas. Todavia, o resultado da apresentação é compensatório e pode ser sentido pela receptividade dos espectadores, que esboçam risos e gargalhadas, esboçam alegria, esboçam esperanças. O espírito da alegria e da amizade contagia sempre os presentes. Wilker Batista de Oliveira (2017, entrevista), estudante do 5º ano fundamental, assim se posicionou:

Foi com grande alegria que participei da brincadeira do boi de reis, que contribuiu muito com nosso aprendizado. Aprendi bastante coisas sobre o reisado, que é parte da cultura popular nordestina e de nós, ocarenses. Compreendi a importância que o reisado tem em nossa cidade. Também tive a oportunidade de aprender a brincar de boi através de ensaios e muita dedicação. Passei a aprender as músicas que são tocadas durante a brincadeira e a data em que se costuma brincar de boi. Gostei muito de participar, pois foi de grande aprendizado para enriquecer meu conhecimento sobre cultura. Meu avô era Careta do Boi Coração, mas eu ainda nem era nascido nesse tempo, então não pude conhecer a brincadeira nesse tempo. Só conheci melhor na escola.

Figura 49 – Wilker Batista de Oliveira



Fonte: Acervo da professora Antônia Gardânia dos Santos Souza (2017).

Didaticamente se pode suscitar a ideia de que, em meio à alegria ou mesmo à algazarra, se faz presente incontestavelmente a disciplina. O extraordinário acontece em meio aos elementos ordinários da disciplina e da hierarquia que marcam o ambiente da educação formal em condições não formais. As damas de vermelho permanecem em fila e os movimentos e ritmos realizados por elas ocorrem ao som dos instrumentos e da própria trama imposta pela narrativa do boi de reis, ou seja, do Boi Esperança, que acende passo a passo a alegria, a disciplina, o conhecimento, o saber e as ações educacionais.

As ações educacionais apresentam-se das mais variadas formas. No campo da educação formal e não formal, elas se mostram em íntima relação com a política de Estado, com grandes instituições religiosas, empresas e associações de empresários, com grandes personalidades que pontificam, no campo das ideias, doutrinas e métodos pedagógicos, invadindo o território da história econômica, como o da política. Quando a abordagem se faça no campo da educação informal, abre-se um largo espaço ao estudo da micro-história, às contribuições dos anônimos, oportunidade em que se trazem à colação da pesquisa a memória dos sujeitos participantes daquilo que se investiga, seja no âmbito de instituições como a família, seja nos espaços das relações informais. (RODRIGUES, 2009, p. 437).

Figura 50 – Apresentação do Reisado Boi Esperança (damas/rainhas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa



Fonte: Acervo da professora Antônia Gardânia dos Santos Souza (2017).

Figura 51 – Apresentação do Reisado Boi Esperança (Boi Esperança e Mateus/vaqueiro) na Escola Raimundo dos Santos Lessa



Fonte: Acervo da professora Antônia Gardânia dos Santos Souza (2017).

O Boi Esperança segue a tradição do Boi Coração e, nessa cronologia temporal, sabe-se que o Boi Coração comboia a tradição do boi de reis do renomado mestre Pedro Boca Rica e mesmo de outros artistas da região. Destarte, a tradição do boi de reis é cantada nos quatro cantos do Brasil. Alguns pesquisadores e estudiosos da cultura ocareense já afirmaram que a cidade de Ocara tem uma tradição de artistas populares, sendo, por conta disso, um celeiro ou um paiol cultural bastante dinâmico. Boca Rica, por exemplo, não é só famoso em

Ocara, como se sabe, mas no Brasil e ainda na América Latina, tendo sido um dos pioneiros e principais colaboradores também na arte do boi.

Os 'Boca Rica' têm uma tradição de artistas. Pedro foi a maior referência do teatro de bonecos cearense de todos os tempos. Seus fantoches estão no Museu de Arte e Cultura Populares (Emcetur), no Memorial da América Latina (São Paulo) [...]. Também fazia reisados, relembra dona Stela, que se refere aos irmãos sanfoneiros, Nilo, que mora em São Paulo e toca Luiz Gonzaga, e Onofre, que não saiu de sua Ocara. (CARVALHO, 2005, p. 123).

Pedro Boca Rica, um dos pioneiros com a arte dos reis, também teria preservado e conservado a tradição da festa do boi, inclusive preservou os nomes dos personagens principais sob as alcunhas de Mateus e Catirina. Contudo, a alcunha do boi, como já afirmado, pode ser alterada em vista do lugar/região e das circunstâncias segundo as quais esta se apresenta: bumba meu boi, boi-bumbá, boi de reis, Boi Coração, Boi Esperança, etc.

A apresentação da trama e culminância do Projeto do Boi Esperança no percurso dos quatro anos de sua realização sempre aconteceram no mês de agosto por conta das comemorações do folclore e das necessidades de realização da organização e preparativos para com a arte do boi, que naturalmente, como qualquer arte pedagógica, demandava sempre um determinado tempo para se realizar. Todavia, tradicionalmente a festa do boi de reis acontece mais efetivamente no mês de janeiro.

A culminância e apresentação da Festa do Boi Esperança foram incrementadas pela recitação de um cordel expresso, também na fala dos personagens, concomitantemente acompanhado de música ritmada pelos instrumentos característicos da festa de reis; desse modo acontecia também a encenação da abrição da porta do dono da casa, que figurativamente estaria recebendo a visita dos reis. A letra do cordel do enredo que se segue foi composta especialmente para a apresentação do Projeto do Boi de Reis Esperança. A professora Gardânia dos Santos Souza, também poetisa e cordelista, compôs e organizou o poema. O Bode, o Urubu, a Ema e a Burrinha vão se apresentando, entretendo e divertindo os espectadores antes da entrada do principal personagem, que, no caso em questão, seria o Boi Esperança, acompanhado de Mateus, Catirina e o Coronel. Esses personagens, em conjunto, desempenham os papéis épicos, cômicos e satíricos no percurso da narrativa que segue: “O Reisado do Boi Esperança / Vem aqui se apresentar / Trazendo muita alegria / Ao povo deste lugar / Veio para resgatar / O folguedo do reisado / Vamos deixar o terreiro / Bonito e bem animado!”.

Figura 52 – Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (damas/rainhas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa



Fonte: Acervo da professora Gardânia Santos (2017).

O terraço da Escola Raimundo dos Santos Lessa serviu de terreiro para a encenação do Boi Esperança. A comunidade se organizou em volta da encenação. Docentes, discentes, idosos, jovens, crianças e toda a comunidade do bairro Boa Esperança foram representados na prática cultural e educativa. A professora e coordenadora pedagógica Gardânia Santos também assumiu o comando da apresentação da Festa do Boi de Reis Esperança. As damas ou rainhas trajavam sempre vestidos cheios de cores. A beleza da apresentação é contagiante. Conseqüentemente as coroas que carregavam em suas cabeças eram sempre enfeitadas com fitas multicores, refletindo a ideia de que no terreiro do boi de reis todos podem experimentar a majestade. Pode-se deduzir que o povo ocarense, como os demais brasileiros, em seu âmago, ainda resistem às heranças culturais etnocêntricas e deterministas elitistas impostas desde a época da colonização.

Figura 53 – Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (damas, vaqueiro, burrinha) na Escola Raimundo dos Santos Lessa



Fonte: Acervo da professora Gardânia Santos (2017).

Aos cuidados de Mateus / Seu patrão o Boi confia / E a esposa do Vaqueiro / Vem a engravidar um dia / A todo custo Catirina / Quer a língua do Boi comer / E Mateus temendo o filho / Com cara de Boi nascer / Resolve matar o Boi / E sua língua cortar / Para o desejo da esposa Catirina saciar. / O Coronel fica sabendo / Que o seu Boi está morto / E Mateus é ameaçado / De ter cortado o pescoço / Vendo o Boi desfalecido / O patrão logo entristece / E induzido pelo mal cheiro / O Urubu aparece. / Sem seu Boi o Coronel / Fica muito entristecido / E com o vaqueiro Mateus / Fica muito enfurecido / Para que Mateus não morra / Lhe é dada a condição / De encontrar uma índia / Pra fazer uma ressurreição. / Enquanto Mateus não volta / Entretido fica o patrão / Na escolha de um novo bicho / Pra lhe ser de estimação / Ai aparece a Burrinha / Que diz comer o que lhe dão / De exceto carne velha / Sexta-Feira da Paixão.

Figura 54 – Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (macaco, Boi Esperança, caretas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa



Fonte: Acervo da professora Gardânia Santos (2017).

Figura 55 – Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (índia, Boi Esperança, Catirina, caretas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa



Fonte: Acervo da professora Gardânia Santos (2017).

A ressurreição do Boi de Reis Esperança evidenciou um dos principais elementos do caráter profano da festa, pois o ato da ressurreição transgride os princípios da cristandade em sua origem e em sua gênese. O Boi de Reis Esperança também pôs em evidência a tese de que existe um sincretismo na cultura do boi de reis brasileiro, visto que se pode observar nas fotos que se seguem a presença indígena quando se atribui a uma índia a missão de promover a ressurreição do boi. O teatro e a dança de cortejo, também apresentados no Boi de Reis Esperança, são elementos marcantes no sincretismo que marca a cultura do boi no que se refere ao aspecto da africanidade. Sabe-se que o teatro e as danças de cortejo constituem elementos característicos preponderantes e comuns a todas as danças e festas de “catolicismo de preto”, como já foi anteriormente afirmado neste estudo.

Por fim, as figuras do coronel (patrão) e do vaqueiro (empregado) Mateus trazem à tona, em certa medida, a história e a memória de circunstâncias sociopolíticas e econômicas de um Brasil marcado essencialmente por uma divisão e uma hierarquia muito bem definidas culturalmente. No decorrer da apresentação da Festa de Reis Esperança, os aspectos que mais se evidenciaram foram a hegemonia e a propriedade da animação e da diversão entre sujeitos e indivíduos que compartilharam não só a tradição do boi de reis, mas que compartilharam o conhecimento, o saber, a alegria, a esperança em uma cultura e uma educação marcadas pela sociabilidade comum.

Ai lá vem o Macaco / Sapeco e desinibido / Dizem que é importado / Que veio lá do Egito / Pula pra frente e pra trás / Cheio de arrumação / Seus braços muito compridos / Quase encostam no chão. / Não sei se o coronel / Dessa ave vai se agradar / Mas lá se vem uma Ema / Danada a se peneirar / A bichinha é dançadeira / O seu dono lhe quer bem / E só faz negócio nela / Se o Coronel pagar bem.

Figura 56 – Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (Mateus, ema, caretas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa



Fonte: Acervo da professora Gardânia Santos (2017).

O prazo dado ao Mateus / Se acabou não estica mais / E o Coronel vai dar as ordens
 Pros capangas irem atrás / Primeiro solta o Cachorro / Que é bom pra farejar /
 Depois solta um bicho estranho / Chamado de Jaraguá.

Figura 57 – Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (Boi Esperança, urubu, caretas, damas) na Escola Raimundo dos Santos Lessa



Fonte: Acervo da professora Gardânia Santos (2017).

A festa está animada / Mas é chegada a hora / Nosso boi está cansado / Já querendo
 ir embora / Mas volta ano que vem / Pra fazer outra festança / Peço as palmas
 merecidas / Pro nosso Boi Esperança.

Figura 58 – Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança (Boi Esperança, burrinha incrementada) na Escola Raimundo dos Santos Lessa



Fonte: Acervo da professora Gardânia Santos (2017).

Após a apresentação do enredo e encenação do boi de reis, as damas finalizaram a trama dançando com o boi e correlativamente uma música de despedida foi cantada por todos os integrantes durante a saída de cena. O repertório musical foi acompanhado por músicos com

instrumentos do tipo sanfona, pandeiro, triângulo e zabumba. Esses músicos, de um modo geral, também acompanhavam o Grupo do Boi Coração, tendo sido convidados a colaborar com a ação do Projeto do Boi de Reis Esperança. Para efetuar o pagamento de algumas despesas com a festa, alunos, professores, funcionários, gestores e comunidade realizaram um bingo beneficente. Vale notar que os mestres de reis Luciano Correia dos Santos e Antônio Laudénir dos Santos (Denir), seu sobrinho, nunca aceitaram nenhum tipo de gratificação em suas atividades de colaboração. Na ocasião do acontecimento de gratificações, sempre estas foram destinadas a agradar alguns músicos e outros colaboradores; o Grupo Boi Coração também trabalhava com essa mesma logística por conta da necessidade de apoio de alguns desses profissionais para complementar o elenco de apresentações.

Figura 59 – Apresentação do Grupo Reisado do Boi Esperança na Escola Raimundo dos Santos Lessa



Fonte: Acervo da professora Gardânia Santos (2017).

A realização do bingo não só implementou o evento festivo no que se refere à questão financeira como também integrou a parte lúdica e atrativa das atividades da festa de reis, uma vez que as cartelas que foram marcadas durante o bingo continham palavras alusivas à composição temática do Boi Esperança e à Escola Raimundo dos Santos Lessa.

A comunidade escolar Raimundo dos Santos Lessa contou com a possibilidade de que a experiência com o Projeto do Boi Esperança pudesse abrir as portas e fronteiras em outras instituições escolares em favor da promoção da cultura popular que identificou e identifica os cidadãos ocarenses em favor de uma educação integrada e integradora, em que parte e todo vão se instituindo e se constituindo, tendo como base os princípios do aprender a conhecer, aprender a conviver, aprender a fazer, aprender a ser.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa de tese investigou o Reisado Boi Coração como tesouro vivo no contexto da educação na cidade de Ocara, Ceará. O foco da investigação se desenvolveu em torno da cultura do reisado no contexto da educação e das práticas educativas, tendo-se em vista as práticas educativas informais, não formais e formais. Não obstante, a cultura do reisado, especialmente do Reisado Boi Coração, constituiu forte instrumento metodológico de formação e construção de conhecimentos e saberes no conjunto de ensino e aprendizagem nas escolas ocarenses.

Então, acredita-se que esta tese, através de sua escrita, contribuiu com a compreensão dos fatos e acontecimentos que construíram os sentidos e as narrativas do reisado como tesouro vivo no contexto da cultura e da educação ocarense, sobretudo no contexto da educação formal. A cultura e a educação com o reisado também colaboraram predominantemente com o desenvolvimento, a conservação e a preservação do sentimento de identificação entre os cidadãos ocarenses. Em vista disso, os ocarenses compartilharam um sentimento comum de pertencimento em torno de valores, crenças e tradições que se definiram e se caracterizaram a partir da festa dos santos reis.

Consequentemente a compreensão deste estudo foi tecida considerando-se também quão importante se faz o entendimento do elo cultural e educacional entre presente, passado e futuro numa perspectiva de entendimento de formação, principalmente de formação escolar, que se faz conduzir nos princípios do compromisso, da responsabilidade, da eficiência e da qualidade educacional.

Logo, a partir das memórias e narrativas do reisado, foi possível relacionar as principais características da relação entre cultura e educação no contexto de ensino na cidade de Ocara, em tempos em que se sabe que as mudanças no seio cultural e educacional como um todo ocorrem de forma muito contínua, portanto redimensionando muito rapidamente as relações, os sentimentos, as políticas, as práticas educativas, os conhecimentos e os saberes que são socialmente construídos ao longo do tempo nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem.

Desse modo, por mais que se estude a complexidade cultural e educacional, conclui-se que essas não podem ser mensuradas na sua totalidade, dado que a realidade é sempre muito dinâmica na sua conjuntura sociopolítica, tendo-se em vista que os pressupostos e modelos de desenvolvimento pensados e fomentados no contexto das políticas neoliberais ou “ultraliberais” estão destinados a alinhar e a reger a cultura e a educação em favor dos

interesses das megaeconomias que vão se estabelecendo ao longo da história humana e por conseguinte dominando seus enredos.

Por conseguinte, cabe ressaltar que as temáticas cultura e educação podem e devem ser pesquisadas em outros tempos e sob outros prismas, importando que venham a colaborar com o reconhecimento de campos e de territórios em que suas práticas podem ser marcadas por uma epistemologia indubitavelmente representadora de parâmetros e diretrizes de eficácia e eficiência se considerados os meandros da resistência nas escolas públicas no percurso do tempo e das problemáticas inerentes a elas. Desse modo, a experiência das práticas culturais e educativas no contexto da educação na cidade de Ocara é interpretada neste trabalho de tese como uma experiência extremamente significativa e significadora das propostas que substantivam o ensino e a aprendizagem nas escolas públicas brasileiras, notadamente nas escolas cearenses.

Por isso, este trabalho é expressivamente relevante, pois demonstra que é possível uma superação dos estigmas depreciativos formulados em favor do desmonte da educação pública brasileira. Pode-se inferir que, a partir do estudo realizado nas escolas ocarenses, cultura e educação, em todos os aspectos de aceitação, são capazes de garantir aos sujeitos que ensinam e que aprendem condições de eficácia, desde que estas sejam gerenciadas com compromisso e responsabilidade social, considerando que o currículo em ação numa instituição educativa é revelador da própria instituição escolar, que, operando na sua plenitude, pode fundamentar e mobilizar todos os seus expedientes materiais e humanos, sensibilizando os sujeitos envolvidos no processo de ensino em razão de se tirar deste a honradez, a dignidade e o sentido da existência, considerando-se que a educação de crianças e jovens deve constituir sempre o objetivo primeiro nos diferentes espaços e tempos. Pode até se afirmar que não se pode negar a educação de crianças e jovens como um direito sagrado e inalienável e que negar esse direito, no campo e no território das políticas públicas de governo, seja ele municipal, estadual ou nacional, seria um verdadeiro ato de profanação da honra e da dignidade humana.

Consequentemente a observação, o estudo e a interpretação das práticas de ensino em algumas escolas ocarenses, especialmente na Escola Raimundo dos Santos Lessa, evidenciam que as práticas centradas na relação entre conhecimento e saber prático e entre conhecimento e saber teórico carregam uma bagagem valiosa, assim construindo-se num esforço de se fazer uma educação ancorada no que se define como parâmetro de qualidade.

Por conseguinte, sabe-se que, mesmo essas bagagens sendo diferenciadas, elas não se apresentaram de uma forma dicotômica, mas de uma forma complementar, interligada

e imbricada, e estabeleceram prosseguimentos referentes aos polos da relação pedagógica e das práticas educativas que foram compostas pela cultura popular e pela educação, nomeadamente a educação formal. Logo, pressupõe-se que a função do educador em favor do frio desenvolvimento de metas de ensino comprometidas com interesses de organismos e corporações e que têm como único fim a preservação e conservação dos grandes impérios não coopera com as práticas educativas formadoras do perfil identitário de seres humanos mais humanos ou mesmo “demasiadamente humanos”.

Assim, as atividades representadas a partir da experiência com a cultura do reisado na cidade de Ocara manifestaram o reconhecimento de que os saberes culturais tradicionais podem, sim, ser compreendidos como fatores de realização dos preceitos de cidadania, ensaiando, pois, os indicativos de uma luta contra a exclusão da cultura popular tradicional nos contextos de ensino e aprendizagem. Sendo assim, pode-se compreender que é possível minimizar o abismo vigente entre a teoria e a prática, haja vista o fato de que cultura e educação, quando trabalhadas na perspectiva da ação integrante e integradora de práticas e saberes formais e não formais, podem oferecer resistência às políticas educacionais neoliberais/ultraliberais fundamentadas em modelos de cooptação que, como se sabe, não respeitam campo nem território.

Nessa esteira, os relatos das experiências da cultura do reisado no contexto das práticas educativas nas escolas ocarenses trazem à tona a reflexão de que a cultura e a educação podem instituir formas muito expressivas de realização de ensino e aprendizagem no contexto de ensino de escolas, especialmente as que sofrem severamente com a falta de recursos. Conclui-se, então, que a falta de recursos nas escolas ocarenses não impossibilitou a realização das experiências educativas aqui apresentadas como exitosas, especialmente as que se desenvolveram na Escola Raimundo dos Santos Lessa. Indiscutivelmente esse exemplo de superação de desafio e representação de sucesso e referência escolar serve de parâmetro refutador aos rótulos estigmatizantes e degradantes atribuídos a muitas escolas públicas, sobretudo as escolas cearenses.

Neste trabalho de tese, considerando-se o estudo realizado, pode-se afirmar que cultura e educação são bastante reveladoras de uma humanização constituinte dos valores da tradição formal e da tradição não formal. Desse modo, entende-se que saber formal e saber não formal nomeiam o patrimônio coletivo de um povo e de uma nação. Sob esse viés, cultura e educação podem ser adjetivadas no contexto da sociedade brasileira como o “tesouro vivo” de um povo e de uma nação que acreditam estar assentados nos pilares democráticos do conhecimento, do saber e imprescindivelmente do direito.

Logo, a cultura e a educação, na forma como têm sido organizadas e estruturadas nas últimas décadas/séculos, mesmo em contexto de relações hegemônicas, têm se desenhado mediatizadas pelos pressupostos de garantias constitucionais. Contudo, sabe-se que essas garantias constitucionais não garantem a propriedade da cultura e da educação como direitos indiscutivelmente gratuitos e coletivos de uma nação constantemente ameaçada por interesses de grupos imperialistas que dominam por meio da consolidação estratégica dos princípios neoliberais, os quais conseguem se impor no campo e no território dos Estados nacionais com promessas de progresso, de desenvolvimento e de erradicação da pobreza. Desse modo, paulatinamente vão investindo no paradigma da concorrência universal e desleal, o qual, de forma extremamente pérfida, implode todos os pilares outrora construídos, mesmo que interessadamente no contexto do Estado educador e do Estado desenvolvimentista.

Consequentemente existe um anacronismo no discurso de algumas organizações mundiais que assumem publicamente a missão de combater a pobreza em países em subdesenvolvimento, tendo em vista que suas ideias são paradoxais e divergentes, pois não condizem com o pressuposto que defendem de dissipação da pobreza e de promessas de desenvolvimento. Esse anacronismo se fundamenta nos interesses enredados pelos países imperialistas, que visam desvalorizar ou mesmo cooptar não só a riqueza das nações, mas também o patrimônio cultural e educacional das gentes que veem a cultura e a educação como alguns de seus bens mais valiosos.

Portanto, é comum no dia a dia da cultura do povo brasileiro se ver os pais incentivando seus filhos a estudar, pais que na maioria são muito pobres, mas que acreditam que a cultura e a educação constituem patrimônios coletivos garantidos pelo Estado-Nação. É comum ouvir os pais dizerem aos filhos que o único bem que podem lhes deixar como herança é a educação. Destarte, qual seria, então, num futuro provavelmente próximo, a função do dito Estado-Nação consideradas todas as mazelas vividas pela cultura e pela educação especialmente na era “Bolsonaro” no que dizem respeito às garantias constitucionais de direitos, sobretudo direitos à cultura e à educação, para com o povo e para com a gente brasileira?

Assim, sabe-se que muitos estados e governos no Brasil e no mundo afora estão se predispondo a abandonar os sujeitos e os indivíduos, qual e tanto um pastor se predispõe a abandonar suas ovelhas, deixando-as à mercê dos mercenários da cultura, da educação e do saber, mas sobretudo dos mercenários que exploram a boa e genuína fé refletida no hino e no canto que se encerra na Canção do Exército Brasileiro:

Nós somos da Pátria a guarda / Fiéis soldados / Por ela amados / Nas cores de nossa farda / Rebrilha a glória / Fulge a vitória / Em nosso valor se encerra / Toda a esperança / Que um povo alcança / Quando altiva for a Terra / Rebrilha a glória / Fulge a vitória / A paz queremos com fervor / A guerra só nos causa dor / Porém, se a Pátria amada / For um dia ultrajada / Lutaremos sem temor / Como é sublime / Saber amar / Com a alma adorar / A terra onde se nasce! / Amor febril / Pelo Brasil / No coração / Nosso que passe / E quando a nação querida / Frente ao inimigo / Correr perigo / Se dermos por ela a vida / Rebrilha a glória / Fulge a vitória / Assim ao Brasil faremos / Oferta igual / De amor filial / E a ti, Pátria, salvaremos! / Rebrilha a glória / Fulge a vitória / A paz queremos com fervor / A guerra só nos causa dor / Porém, se a Pátria amada / For um dia ultrajada / Lutaremos sem temor.

Evidentemente que a letra da canção é representativa de um escárnio e um repúdio de muitos brasileiros e muitas brasileiras em relação ao avanço dos Estados nacionais em favor de políticas gerenciadas por organizações privadas que têm marcado a desfiliação de sujeitos e de indivíduos no cenário nacional, no qual acreditam que correm o sério risco de não contarem mais com a garantia constitucional de uma *educação pública, gratuita e de qualidade*. E por que não?

Destarte, consideradas as prováveis críticas a esta escrita de tese, uma das considerações que se faz é que cultura, qualquer que seja sua classificação ou denominação nos limites do que humanamente seja considerado e aceitável, não deve se dissociar do contexto das práticas educativas. Por isso, compreende-se a relevância da cultura do reisado no panorama das escolas ocarenses como um excelente recurso metodológico de ensino e de aprendizagem. Defende-se sobretudo que cultura e educação são os eventos sociais e políticos que convocam a escola e a sociedade para a ação cidadã e para a defesa do cognominado lema “a pátria é nossa”.

Assim, assevera-se a tese de que o folguedo reisado e o Grupo de Reisado Boi Coração no município de Ocara são e devem ser difundidos, divulgados, reconhecidos, preservados e conservados como patrimônios culturais e educacionais da comunidade ocarense, da sociedade cearense e – por que não? – do povo brasileiro!

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALVES, C. *Os melhores poemas de Castro Alves*. São Paulo: Global, 1983.
- ALVES, M. A. *Festa das almas: a alegria dos vivos – uma síntese histórica da Festa de Finados em Ocara-Ceará*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2015.
- ALVES, M. R. C. *Entrevista concedida por Maria Rozângela Correia Alves a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 14 mar. 2017.
- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- ANTUNES, C. *A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade, fascículo 13*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- ARAGÃO, R. B. *Índios do Ceará e topônimos indígenas*. Fortaleza: Barraca do Escritor Cearense, 1994.
- ARANTES, A. A. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ARROYO, M. G. *Currículo, território em disputa*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BARROS, J. D. A delimitação do tema na pesquisa em ciências humanas. *Akrópolis*, Umuarama, v. 19, n. 3, p. 155-164, 2011.
- BARROSO, O. *Reis de Congo*. Fortaleza: Museu da Imagem e do Som, 2008.
- BAUMAN, Z. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BÍBLIA. *Bíblia sagrada: o antigo e o novo testamento*. 6. ed. São Paulo: Geográfica, 2005.
- BOCHENSKI, J. M. *A fenomenologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Herder, 1968.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.
- BOMFIM, M. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 out. 1988.
- BRASIL. Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 dez. 1991.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 jul. 2014.

BRASIL. *Plano Nacional de Cultura*. Brasília, DF: MEC, 2011.

BUSSMANN, A. C. O projeto-político pedagógico e a gestão da escola. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. 12. ed. São Paulo: Papirus, 1995. p. 37-52.

CANDAU, V. M. F.; MOREIRA, A. F. *Currículo, conhecimento e cultura*. Documento em versão preliminar, 2006.

CARVALHO, A. M. P. (Org.). *Ensino de Ciências: unindo a pesquisa e a prática*. São Paulo: Thomson Learning, 2004.

CARVALHO, G. *Artes da tradição: mestres do povo*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

CARVALHO, J. *Brasil, África e Atlântico Sul*. Salvador: FTC, 2009.

CASCUDO, L. C. *Antologia do folclore brasileiro*. 9. ed. São Paulo: Global, 2003.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

CASCUDO, L. C. O folclore está vivo. Entrevistador: Dailor Varela. *Veja*, São Paulo, s.p., edição 189, 19 abr. 1972.

CASTRO, Z. M.; COUTO, A. Folia de reis. *Cadernos de Folclore nº 16*. Rio de Janeiro: Arte-Funarte, 1977.

CAVALCANTI, M. L. V. C. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. *História, Ciência, Saúde, Manguinhos*, v. 6, suppl., p. 1019-1046, 2000.

CAVALCANTI, M. L. V. C. Tema e variantes do mito: sobre a morte e a ressurreição do boi. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 69-104, 2006a.

CAVALCANTI, M. L. V. C. Tempo e narrativa nos folguedos do boi. *Caderno Pós-Ciências Sociais*, São Luís, v. 3, n. 6, p. 61-88, 2006b.

CEARÁ. Lei nº 13.811, de 16 de agosto de 2016. Institui, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Sistema Estadual da Cultura – SIEC, indica suas fontes de financiamento, regula o Fundo Estadual da Cultura e dá outras providências. *Diário Oficial do Estado do Ceará*, Poder Executivo, Fortaleza, 17 ago. 2016.

- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: a arte de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Makron, 1999.
- CHARLOT, B. *Da relação com o saber às práticas educativas*. São Paulo: Cortez, 2013.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.
- CLARO, R. *Olhar a África: fontes visuais para sala de aula*. São Paulo: Hedra Educação, 2012.
- COELHO, T. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: Iluminura, 1997.
- CORDEIRO, J. A. Folclore, crenças e costumes. *Coisa de Cearense*, 13 dez. 2009. Disponível em: <<http://coisadecearense.com.br/folclore-cearense-parte-4/>>. Acesso em: 14 set. 2019.
- CUNHA FILHO, F. H. *Federalismo cultural e sistema nacional de cultura: contribuição ao debate*. Fortaleza: UFC, 2010.
- CUNHA, M. V. *John Dewey: a utopia democrática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CUNHA, N. C. A ferro e fogo: as danças folclóricas e a Educação Patrimonial no Instituto Tecnológico do Ceará. In: CONNEP, 7., 2012, Palmas. *Anais...* Palmas: IFTO, 2012. p. 1-4.
- DAMASCENO, M. N. A pesquisa como atividade coletiva de formação e produção de conhecimentos. In: DAMASCENO, M. N.; SALES, C. M. V.; ALMEIDA, N. R. O. (Org.). *Pesquisa qualitativa: formação e experiências*. Curitiba: CRV, 2016.
- DAMASCENO, M. N.; SALES, C. M. V.; ALMEIDA, N. R. O. (Org.). *Pesquisa qualitativa: formação e experiências*. Curitiba: CRV, 2016.
- DAMATTA, R. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- DEMO, P. *Desafios modernos da educação*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DOMINGUES, P. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. *História*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 401-419, 2011.
- DOSSE, F. *A História*. Bauru: USC, 2003.
- DROIT, R.-P. *Mestres do pensamento: 20 filósofos que marcaram o século XX*. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- DURKHEIM, É. *A divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, J. R. O. Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidades. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 25, n. 67, p. 378-388, 2005.

DOMINGOS FILHO, F. et al. (Org.). *A faculdade da vida: uma coletânea do poeta Dim Raposo*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2015.

FLORÊNCIO, S. R. et al. (Org.). *Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília, DF: Iphan, 2014.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCO, F. S.; SZYMANSKI, H. O método fenomenológico-hermenêutico na investigação de práticas educativas parentais. In: SIPEQ, 4., 2010, Rio Claro. *Anais...* Rio Claro: Unesp, 2010. p. 1-7.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, G. *Discurso na Organização das Nações Unidas*. Disponível em: <<http://abadacapoeira.entornogo.blogspot.com.br/2010/12/discurso-de-gilberto-gil-na-onu.html>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

GIMENO SACRISTÁN, J. *Poderes instáveis em educação*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GOHN, M. G. *Educação não formal e cultura política*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, M. G. *Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez, 1999.

GOHN, M. G. Educação não formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, São Paulo. *Anais...* São Paulo: UPS, 2006. p. 1-8.

- GONÇALVES, J. R. S. Luís da Câmara Cascudo e o estudo das culturas populares no Brasil. In: BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. M. (Org.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a. p. 160-195.
- GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009b. p. 21-29.
- GUIMARÃES, C. M.; MARIN, F. A. D. O. Projeto pedagógico: considerações necessárias à sua construção. *Nuances*, Presidente Prudente, n. 4, p. 35-47, 1998.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOFFMANN, M. V.; OLIVEIRA, I. C. S. Entrevista não diretiva: uma possibilidade de abordagem em grupo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 62, n. 6, p. 923-927, 2009.
- HORTA, M. L. P. Fundamentos da Educação Patrimonial. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 27, p. 25-35, 2000.
- HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília, DF: Iphan, 2006.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. *Indicadores econômicos do Ceará*. Fortaleza: Ipece, 2016.
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Complexo cultural do bumba meu boi do Maranhão: dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil*. São Luís: Iphan, 2011.
- LABURTHE-TOLRA, P.; WARNIER, J.-P. *Etnologia-Antropologia*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LE GOFF, J. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 1996.
- LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; THOSCHI, M. S. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- LIMA, C. *Bumba meu boi*. 3. ed. São Luís: Augusta, 1982.

LOPES, M. M. *Entrevista concedida por Maristela Mendes Lopes a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 16 abr. 2017.

LOPES, O. B. *Entrevista concedida por Otacílio Batista Lopes a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 13 abr. 2017.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MENDES, J. N. *Entrevista concedida por José Nilo Mendes a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 12 abr. 2017.

MENESES, U. T. B. A crise da memória, história e documentos: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Z. L. (Org.). *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Unesp: Fapesp, 1999. p. 11-29.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, F. *Jurema*. Ocara: [s.n.], 1996.

MUNANGA, K. (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília, DF: MEC, 2008.

NASCIMENTO JÚNIOR, J.; CHAGAS, M. *Museus e política: apontamentos de uma cartografia*. Brasília, DF: Iphan, 2006.

NEVES, L. O. Os folguedos brasileiros e a formação da nacionalidade. *Cadernos Letra e Ato*, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 35-43, 2013.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NUNES, C. O reisado em Juazeiro do Norte-CE e os conteúdos da história e cultura africana e afrodescendente: uma proposta para implementação da Lei 10.639/03. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

OCARA. [PPP(2013)]. *Plano político-pedagógico da Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa*. Bairro Boa Esperança: Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa, 2013a.

OCARA. [PRBE(2013)]. *Projeto do Reisado do Boi Esperança*. Bairro Boa Esperança: Escola de Ensino Fundamental Raimundo dos Santos Lessa, 2013b.

OLIVEIRA, A. B. *Entrevista concedida por Antônio Batista de Oliveira a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 25 fev. 2016.

OLIVEIRA, M. S. T.; FERREIRA, A. P. R. S.; ARAGÃO, W. H. As tecnologias digitais como prática pedagógica na educação afro-brasileira (Lei nº 10.630/2003). In: VACONCELOS

JÚNIOR, R. E. P. et al. (Org.). *Cultura, educação, espaço, tempo*. Fortaleza: UFC, 2011. p. 698-711.

OLIVEIRA, W. B. *Entrevista concedida por Wilker Batista Oliveira a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 17 abr. 2017.

PINHEIRO, D. S. *Entrevista concedida por Daniel da Silva Pinheiro a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 14 abr. 2017.

POLIT, D. E.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. *Fundamentos de pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação e utilização*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PONTES, M. M. Zygmunt Bauman e a cultura na modernidade líquida. *Revista Plurais*, Anápolis, Resenha, 2014.

POPPER, K. R. *A lógica da pesquisa científica*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

REALE, G. *História da Filosofia: do Romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulus, 1990.

RIBEIRO, J. *Brasil no folclore*. Rio de Janeiro: Aurora, 1970.

RIOS, S. Cultura popular: práticas e representações. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 29, n. 3, p. 791-820, 2014.

RODRIGUES, M. R. História, fontes e caminho da educação e da cultura. In: CAVALCANTE, M. J. M. et al. (Org.). *Escolas e culturas: políticas e territórios de ações educacionais*. Fortaleza: UFC, 2009. p. 422-441.

SANTOS, A. L. *Entrevista concedida por Antônio Laudenir dos Santos (Denir) a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara, 25 abr. 2017.

SANTOS, C. *Entrevista concedida por Creuza Santos a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 25 fev. 2016.

SANTOS, L. C. *Entrevista concedida por Luciano Correia dos Santos a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 9 jan. 2016a.

SANTOS, L. C. *Entrevista concedida por Luciano Correia dos Santos a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 25 fev. 2016b.

SANTOS, L. C. *Entrevista concedida por Luciano Correia dos Santos a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 26 fev. 2016c.

SANTOS, L. C. *Entrevista concedida por Luciano Correia dos Santos a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 17 set. 2016d.

SANTOS, L. C. *Entrevista concedida por Luciano Correia dos Santos a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 14 abr. 2017.

- SANTOS, L. C.; LOPES, C. B. *Canção do Grupo Boi Coração: a chamada do boi*. Grupo de Reisado Boi Coração. Ocara-CE, 2007.
- SANTOS, M. C. *Entrevista concedida por Maria Correia dos Santos a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 25 fev. 2016.
- SANTOS, M. C. T. M. O papel dos museus na construção da “identidade nacional”. In: MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 1996, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1996. p. 23-37.
- SANTOS, M. S. *Entrevista concedida por Miliane Silva dos Santos a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 17 abr. 2017.
- SARTRE, J.-P. *O existencialismo é o humanismo; uma imaginação: questão de método*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SAVIANI, D. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. *Revista de Educação*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 54-84, 2016.
- SEVERINO, J. A. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SEVERINO, J. A. Pós-graduação, pesquisa e formação: desafios da contemporaneidade. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 19, v. 2, p. 233-246, 2012.
- SILVA, A. L. *Entrevista concedida por Aucileide Lúcio da Silva a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 17 mar. 2017.
- SILVA, A. Q. *Entrevista concedida por Adailson Queiroz da Silva a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 12 abr. 2017.
- SILVA, A. Q. *Entrevista concedida por Adrielle Queiroz da Silva a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 12 abr. 2017.
- SILVA, A. Q. *Entrevista concedida por Andreza Queiroz da Silva a Lisimére Cordeiro do Vale Xavier*. Ocara-CE, 12 abr. 2017.
- SILVA, R. I. (Dim Raposo). *A festa do 1º de novembro em Ocara: hoje a festa das almas*. Ocara: Júnior, 2006.
- SILVA, R. I. (Dim Raposo). *Os primórdios de Ocara*. Ocara: Júnior, 2006.
- SILVA, R. M. C. (Org.). *Cultura popular e educação*. Brasília, DF: MEC, 2008.
- SOUSA, A. G. S. *Canção do Reisado Boi Esperança*. Ocara, 2015.
- SOUSA, E. *Tamborizar: história e afirmação da autoestima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de Congo*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2005.

SOUZA, S. (Org.). *Uma nova história do Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004.

TAMANINI, E.; PEIXER, Z. I. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: educação popular e herança cultural no século XXI. *Arqueologia Pública*, Unicamp, v. 2, p. 23-32, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUJILLO FERRARI, A. *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.

TURINO, C. *Pontos de cultura: o Brasil de baixo para cima*. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.

VASCONCELOS, J. G.; MAGALHÃES JÚNIOR, A. G. (Org.). *Memórias no plural*. Fortaleza: LCR, 2001.

VIEIRA, M. P. A.; PEIXOTO, M. R. C.; KHOURY, Y. M. A. *A pesquisa em História*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

VOVELLE, M. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

XAVIER, A. R.; VASCONCELOS, J. G. A oralidade como recurso metodológico da pesquisa histórica. In: FIALHO, L. M. F.; CASTRO, E. S.; SILVA JÚNIOR, R. (Org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: UECE, 2014. p. 55-75.

XAVIER, L. C. V.; XAVIER, A. R.; LOPES, K. C. R. “Cultura viva” no contexto do imaginário do desenvolvimento brasileiro: arte, educação e cidadania. In: VASCONCELOS, J. G. et al. (Org.). *Filosofia, cultura e educação*. Fortaleza: UFC, 2014. p. 215-229.

XAVIER, L. C. V.; XAVIER, A. R.; RODRIGUES, R. M. Narrativa autobiográfica e formação básica: história e memória discente. In: VASCONCELOS, J. G. et al. (Org.). *História, memórias e narrativas biográficas*. Fortaleza: UECE, 2017. p. 98-116.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Roteiro de entrevistas destinado aos participantes e praticantes do reisado do Grupo de Reisado Boi Coração e do Grupo de Reisado do Boi Esperança de Ocara, Ceará

Nome completo e (apelido) do(a) entrevistado(a):

Data de nascimento:

Cidade/Estado em que nasceu:

Profissão:

Endereço atual completo:

Nível de escolaridade/Série:

Telefone(s) para contato:

E-mail e/ou Facebook:

Nome do pai:

Nome da mãe:

Nome do(a) professor(a):

Nome da escola:

- 01) Como e quando o(a) senhor (a) começou a praticar a cultura do reisado?
- 02) Qual o nome do seu grupo e o significado dele para seus protagonistas?
- 03) Qual a sua principal atribuição no grupo?
- 04) Cite o número de integrantes do grupo com suas respectivas personagens.
- 05) Quem confecciona o mamulengo/figurino/personagem?
- 06) Qual a representação dessa cultura para você, sua família e sua escola/sua cidade?
- 07) Existe alguma instituição que oferece apoio ao grupo? Qual(is)? Que tipo de apoio?
- 08) Quais os principais objetivos do grupo?
- 09) Quais são os principais instrumentos usados na produção musical?
- 10) Quais são as principais contribuições do grupo no contexto da educação ocarense (informal, não formal e formal)?
- 11) Faça um relato da relevância dessa cultura no seu aprendizado (informal, não formal e formal).

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS**Autorização de uso de imagens**

Eu, Lisimére Cordeiro do Vale Xavier, RG n. 2014003373-3 e CPF n. 46416161320, integrante do grupo de pesquisa GPS/Unilab e aluna do curso de doutorado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), estou realizando pesquisa relativa ao Reisado Boi Coração. Desse modo, venho gentilmente solicitar-lhe autorização para usar suas imagens oriundas da referida pesquisa. Na certeza de contar com sua compreensão e valorosa colaboração, agradeço antecipadamente.

Eu, _____, RG n. _____ e/ou
CPF n. _____, declaro que, após estar devidamente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em ceder as imagens para efeito de divulgação na referente pesquisa.

_____, _____/_____/_____ 2017.

Assinatura do cedente responsável pela imagem

**APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PUBLICAÇÃO DE
ENTREVISTAS DE PESQUISA**

Termo de consentimento para publicação de entrevistas de pesquisa

Eu, Lisimére Cordeiro do Vale Xavier, RG n. 2014003373-3 e CPF n. 46416161320, integrante do grupo de pesquisa GPS/Unilab e aluna do curso de doutorado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), estou realizando pesquisa relativa ao Reisado Boi Coração. Diante disso, utilizarei o questionário e/ou entrevista como instrumentais da pesquisa, assegurando que estes não trarão nenhum prejuízo para os que contribuírem com o estudo. Agradeço sua participação.

Eu, _____, RG n. _____ e/ou
CPF n. _____, declaro que, após estar devidamente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar e concordo com a divulgação do presente protocolo (questionário/entrevista) de pesquisa.

_____, _____/_____ 2017.

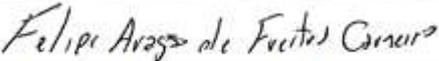
Assinatura do cedente responsável pela entrevista

ANEXO A – DECLARAÇÕES DE REVISÃO DO VERNÁCULO E DE NORMALIZAÇÃO

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto aos órgãos interessados, que, por intermédio do profissional infra-assinado²⁸, foi procedida a correção gramatical e estilística da tese intitulada **O Reisado Boi Coração: tesouro vivo no contexto da cultura e da educação na cidade de Ocara, Ceará**, de autoria de Lisimére Cordeiro do Vale Xavier, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 16 de setembro de 2019.

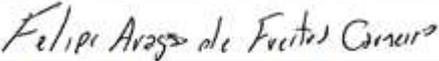


Felipe Aragão de Freitas Carneiro

DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO

Declara-se, para constituir prova junto aos órgãos interessados, que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização da tese intitulada **O Reisado Boi Coração: tesouro vivo no contexto da cultura e da educação na cidade de Ocara, Ceará**, de autoria de Lisimére Cordeiro do Vale Xavier, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 16 de setembro de 2019.



Felipe Aragão de Freitas Carneiro

²⁸ Número do registro: 89.931. E-mail: <felipearagaofc@hotmail.com>.